



MINISTÉRIO DA
INTEGRAÇÃO E DO
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL



PRODUTO 5

Resumo Executivo com os principais resultados do Estudo de Competitividade (Produto 3) e do Plano de Ações (Produto 4) para o desenvolvimento das cadeias Têxtil e de Confecções da área de atuação da Sudene.

BRA/17/019 – Desenvolvimento Regional Sustentável do Nordeste

Elaboração de Estudos, Pesquisas, Diagnósticos e Plano de Ação para os Principais Polos Têxtil e de Confecções da Área de Atuação da Sudene

Consórcio

América-Fato

**BRA/17/019 – Desenvolvimento Regional Sustentável do
Nordeste**

**Elaboração de Estudos, Pesquisas, Diagnósticos e Plano de
Ação para os Principais Polos Têxtil e de Confecções da Área de
Atuação da Sudene**

Contrato BRA10/1414/39951/1415/39952/2022

Produto 5

Resumo Executivo com os principais resultados do Estudo de Competitividade (Produto 3) e do Plano de Ações (Produto 4) para o desenvolvimento das cadeias Têxtil e de Confecções da área de atuação da Sudene.

Outubro de 2023

Informações de Contrato			
Nome:	Elaboração de Estudos, Pesquisas, Diagnósticos e Plano de Ação para os Principais Polos Têxtil e de Confeções da Área de Atuação da Sudene		
Número:	BRA10/1414/39951/1415/39952/2022		
Contratante	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD		
Beneficiária	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - Sudene Diretoria de Planejamento e Articulação de Políticas Coordenação-Geral de Estudos e Pesquisas, Avaliação, Tecnologia e Inovação		
Versão	Data	Alterações	Responsável
1.0	13/10/2023	Entrega de Produto	Eduardo Audibert
1.1	24/10/2023	Versão revisada	Eduardo Audibert

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. O setor têxtil e de confecções.....	9
2. Mercados.....	14
3. Crédito e financiamento.....	19
4. Inovação e evolução da tecnologia no setor.....	23
5. Governança.....	26
6. Condicionantes empresariais da competitividade:.....	30
6.1. Fatores para o sucesso da empresa.....	30
6.2. Fatores de competitividade.....	31
6.3. Fatores de impacto.....	31
6.4. Inovação e evolução da tecnologia.....	32
6.5. Certificações e sustentabilidade.....	33
7. Cenário atual do setor têxtil e de confecções.....	35
8. Aglomerados do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene.....	42
8.1. Ceará.....	45
8.2. Pernambuco.....	49
8.3. Bahia.....	51
8.4. Rio Grande do Norte.....	54
8.5. Paraíba.....	55
8.6. Minas Gerais.....	57
8.7. Espírito Santo.....	58
8.8. Sergipe.....	59
8.9. Piauí.....	60
9. Cenário de referência para o planejamento.....	62
10. Plano de ações.....	65
10.1. Acesso a mercados.....	66
10.2. Inovação e tecnologia.....	70
10.3. Investimento e financiamento.....	72
10.4. Aperfeiçoamento da governança econômica.....	75
11. Modelo de governança.....	78
Referências.....	83

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Estabelecimentos e empregos do setor têxtil por grupos e classes CNAE na área de atuação da Sudene (2021).....	10
Tabela 2 – Estabelecimentos do setor de confecções por grupos e classes (2021).....	11
Tabela 3 Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Fortaleza/CE (2021).....	46

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Aglomerados relevantes com menor número de estabelecimentos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene	42
Quadro 2 – Aglomerados relevantes com maior número de estabelecimentos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene	43
Quadro 3 – Matriz de planejamento do componente Acesso a mercados.....	68
Quadro 4 – Matriz de planejamento do componente Inovação e tecnologia	72
Quadro 5 – Matriz de planejamento do componente Investimento e financiamento.....	74
Quadro 6 – Matriz de planejamento do componente Aperfeiçoamento da governança....	77

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Área de atuação da SUDENE	8
Figura 2 – Estrutura da Cadeia Têxtil e de Confecções	9
Figura 3 – Estabelecimentos e empregos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene (2021)	11
Figura 4 – Evolução do número de estabelecimentos e de empregos do setor têxtil e de confecções – 2010 a 2021 – Brasil e área de atuação da Sudene.....	12
Figura 5 – Microempresas individuais (MEI) do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene (2022)	13
Figura 6 – Destinos das vendas para o mercado interno nos últimos 5 anos com mais de 5% de indicações entre os cinco principais destinos (%)	16
Figura 7 – Recursos “muito utilizados” e “sempre utilizados” na divulgação/comercialização dos produtos da empresa (%).....	17
Figura 8 – Modalidades de financiamento utilizadas pela empresa nos últimos 10 anos (%)	19
Figura 9 – Taxas médias de juros por porte de empresa (2012-2021) (%).....	21
Figura 10 – Áreas que a empresa realizou investimentos (%)	23
Figura 11 – Condição dos empreendimentos em relação à terceirização	27
Figura 12 – Fatores para o sucesso da empresa nos próximos anos considerados Muito importante (%)	30
Figura 13 – Fatores considerados “muito importantes” para a competitividade da empresa (%).....	31
Figura 14 – Grau de impacto alto ou muito alto de fatores sobre a empresa (%).....	32

Figura 15 – Grau de dificuldade “Grande” e “Não consegue acompanhar” a evolução tecnológica do setor (%)	33
Figura 16 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Ceará (2021)	45
Figura 17 – Distribuição dos aglomerados do setor na região imediata de Fortaleza/CE. 47	
Figura 18 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Pernambuco (2021)	49
Figura 19 – Distribuição dos aglomerados do setor em Pernambuco.	50
Figura 20 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Bahia (2021)	52
Figura 21 – Distribuição dos aglomerados do setor na região metropolitana de Salvador.	53
Figura 22 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Rio Grande do Norte (2021).....	54
Figura 23 – Distribuição dos aglomerados do setor na região de Natal/Macaíba.	55
Figura 24 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Paraíba (2021)	55
Figura 25 – Distribuição dos aglomerados do setor na Paraíba.	56
Figura 26 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Minas Gerais na Área de atuação da Sudene (2021).....	57
Figura 27 – Distribuição dos aglomerados do setor em Minas Gerais.....	57
Figura 28 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Espírito Santo (2021).....	58
Figura 29 – Distribuição dos aglomerados do setor no Espírito Santo.	59
Figura 30 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Sergipe (2021)	59
Figura 31 – Distribuição dos aglomerados do setor em Sergipe.	60
Figura 32 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Piauí (2021)	61
Figura 33 – Estrutura de Governança para o setor Têxtil e de Confecções na área de atuação da Sudene.....	79
Figura 34 – Instâncias de coordenação da Governança	79
Figura 35 – Dinâmica de funcionamento da governança econômica	81

Introdução

Visando o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação, a Sudene promove a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional, desenvolvendo, entre outras iniciativas, planos de ações regionais e setoriais.

Um plano de Estado compatível com os desafios do novo milênio tem no seu cerne a articulação e a coordenação de distintos atores institucionais e a estruturação de políticas e ações que contribuam para a redução das desigualdades, que potencializem as oportunidades específicas de cada região e, assim, promovam o desenvolvimento regional.

Para contribuir com a capacitação institucional da Sudene para a condução de processos de desenvolvimento regional sustentável, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) celebrou o Acordo BRA/17/019 – Projeto de Desenvolvimento Regional do Nordeste, do qual faz parte a contratação de Estudos, Pesquisas, Diagnósticos e Plano de Ação para os Principais Polos Têxtil e de Confeções da Área de Atuação da Sudene, objeto desse estudo.

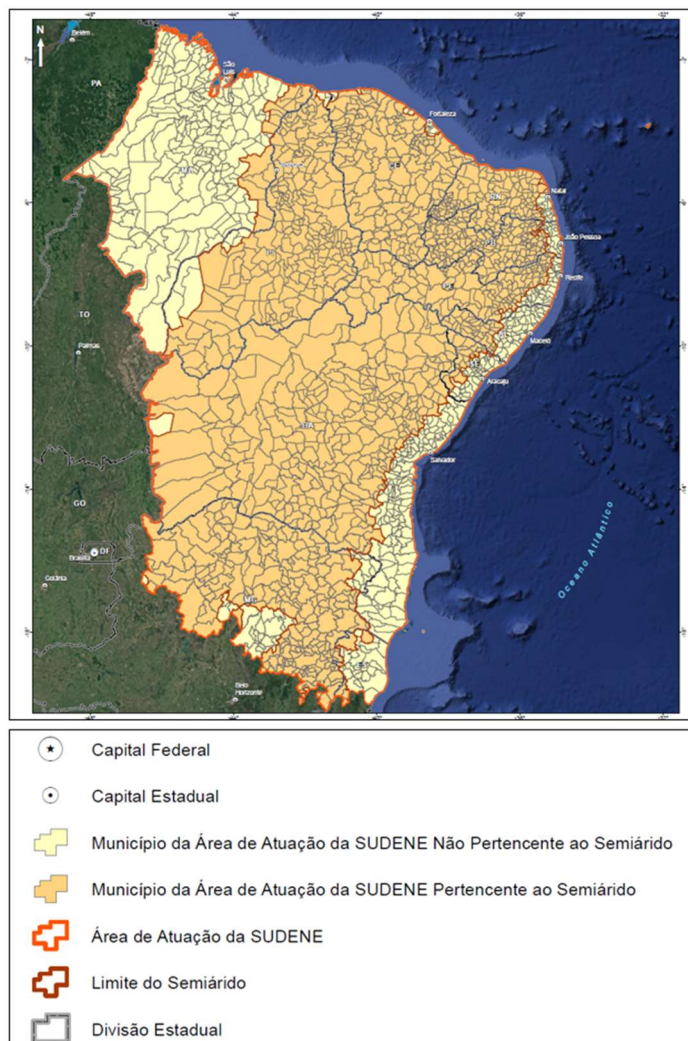
Entre as vocações da região Nordeste do Brasil, o setor têxtil e de confeções é um tradicional vetor do desenvolvimento socioeconômico e produtivo na área de atuação da Sudene.

Considerando a relevância do setor para a região, este estudo tem como principal escopo analisar os desafios, as potencialidades e as estratégias para aumentar a competitividade, ampliar a capacidade produtiva, o emprego e a geração de renda do setor na área de atuação da Sudene, que contempla atualmente 2074 municípios, incluindo toda a região Nordeste e municípios do norte de Minas Gerais e do Espírito Santo (Figura 1).

Para a realização dos estudos foram pesquisadas as mais variadas fontes existentes, bem como realizada pesquisa com uma amostra de 397 empresas e empreendimentos, formais e informais, do setor têxtil e de confeções na área de atuação da Sudene. Foram entrevistados, também, os principais stakeholders relacionados ao setor, bem como visitadas feiras representativas da região.

Os principais achados dos estudos realizados foram sintetizados e organizados de forma a apresentar um quadro atualizado e o mais completo possível dos principais aspectos que caracterizam o setor, sua condição atual e sua inserção no mercado. Com base nesses achados, foram propostas estratégias e ações voltadas ao seu desenvolvimento, organizada em uma matriz de planejamento.

Figura 1 – Área de atuação da SUDENE



Fonte: Consórcio América-Fato.

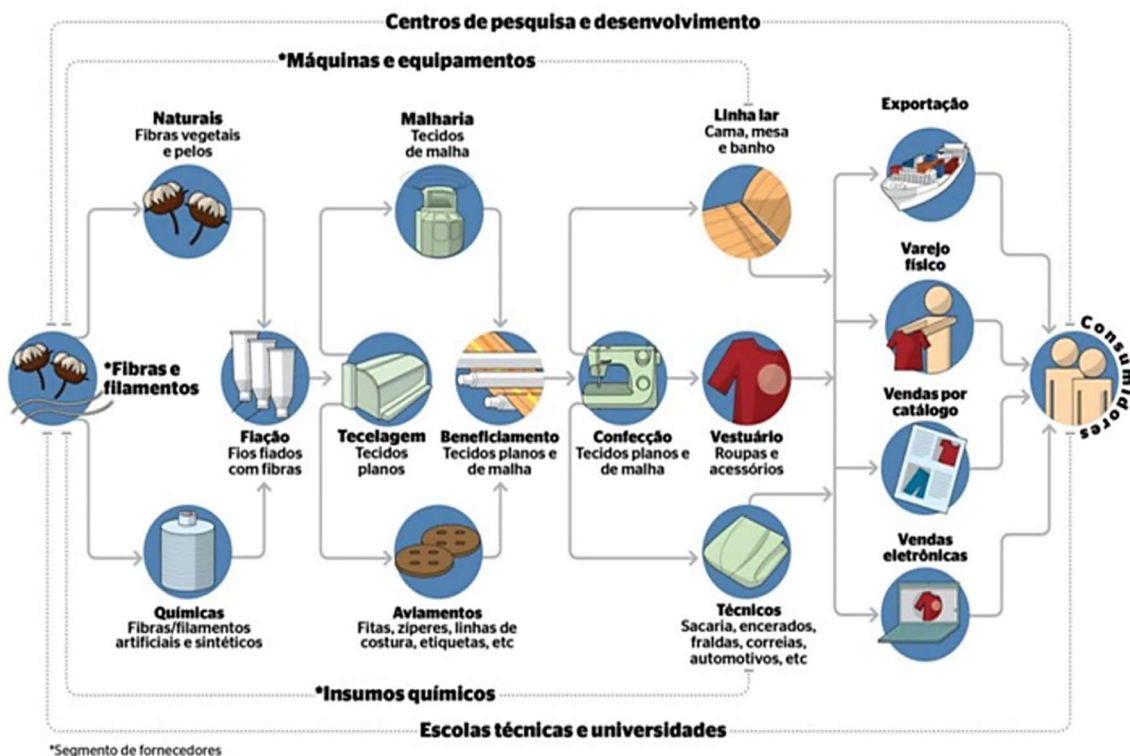
Embora seja um planejamento setorial, o estudo tem como referência a contribuição ao desenvolvimento regional, orientando-se por premissas como o alinhamento ao PRDNE e ao Plano Plurianual (PPA), bem como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Destaca-se, assim, a relevância do Projeto para contribuir com os ODS 8 - Promoção do trabalho decente e do crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável; ODS 9 - Promoção da indústria inclusiva e sustentável, fomento à inovação e a construção de infraestrutura resiliente; ODS 10 - Redução das desigualdades regionais e Objetivo 12 - Consumo e produção responsáveis.

1. O setor têxtil e de confecções

A cadeia têxtil e de confecções engloba um amplo conjunto de indústrias, incluindo a fabricação de fibras e filamentos, de produção têxtil (fiação, tecelagem, malharia, tecidos não tecidos, beneficiamento), de confecções (vestuário, linha lar e técnicos) e de fornecedores auxiliares (insumos químicos, máquinas e equipamentos).

A Figura 2 ilustra os processos envolvidos na cadeia têxtil e de confecções, destacando que, embora exista um processo linear (produção da matéria-prima, fiação, tecelagem, beneficiamento, confecção e mercado), há também uma série de operações e serviços que são transversais a esse processo, a exemplo das facções, feiras de moda e escritórios de design. A cadeia têxtil e de confecções produz tanto para uso técnico/industrial, como para o mercado final da moda.

Figura 2 – Estrutura da Cadeia Têxtil e de Confecções



Fonte: ABIT (2015)

Por ser um setor voltado ao atendimento universal do mercado, fornecendo vestuário e artigos em geral para toda a população, é um setor muito segmentado e contendo, segundo Costa (2011) com estratégias que privilegiam a diferenciação de produto e/ou processo, o conhecimento focado na criatividade e a integração entre mercados e consumidores. Assim, a cadeia produtiva têxtil-confecção torna-se mais complexa, uma vez que opera, de forma transversal, com serviços e *stakeholders* intermediários e fora da cadeia produtiva, resultando na *Cadeia de Valor Têxtil-Confecção de Moda*, segundo Costa (2011).

Em termos globais, a indústria têxtil é uma das maiores do mundo, com um valor estimado em US\$ 961 bilhões em 2019, e uma previsão de crescimento de 4,5% ao ano até 2025, de acordo com dados da consultoria Mordor Intelligence (ITC, 2021). Já a indústria de confecções, que engloba a produção de roupas, acessórios e outros itens de vestuário, é

ainda maior, com um valor de produção estimado em US\$ 1,7 trilhão em 2017, segundo a consultoria Euromonitor (2018). Por suas características particulares, o segmento têxtil e o segmento de confecções são tratados e analisados de forma separada, porém, compõem uma cadeia integrada.

Em 2021 havia no Brasil um total de 51,5 mil estabelecimentos do setor têxtil e de confecções, dos quais 8.721 (16,9%) estavam localizados na área de atuação da Sudene. Esses estabelecimentos eram responsáveis por 789,7 mil empregos no Brasil naquele ano, dos quais 155.221 (19,7%) localizados na área da Sudene (MTP/RAIS).

As classes de atividade econômica com maior concentração de empregos no setor têxtil na área de atuação da Sudene são as relacionadas à fiação e tecelagem de algodão, valendo-se de matéria-prima produzida em grande parte na própria região (Tabela 1).

Tabela 1 – Estabelecimentos e empregos do setor têxtil por grupos e classes CNAE na área de atuação da Sudene (2021)

Grupo	Classe	Estabelecimentos	Empregos
131:Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	Preparação e Fiação de Fibras de Algodão	92	7.972
	Preparação e Fiação de Fibras Têxteis Naturais, Exceto Algodão	47	1.848
	Fiação de Fibras Artificiais e Sintéticas	13	2.487
	Fabricação de Linhas para Costurar e Bordar	8	758
	Total	160	13.065
132:Tecelagem, Exceto Malha	Tecelagem de Fios de Algodão	50	10.240
	Tecelagem de Fios de Fibras Têxteis Naturais, Exceto Algodão	9	254
	Tecelagem de Fios de Fibras Artificiais e Sintéticas	19	3.244
	Total	78	13.738
133:Fabricação de Tecidos de Malha		49	1.737
134:Acabamentos em Fios, Tecidos e Artefatos Têxteis		371	3.650
135:Fabricação de Artefatos Têxteis, Exceto Vestuário	Fabricação de Artefatos Têxteis para Uso Doméstico	450	9.898
	Fabricação de Artefatos de Tapeçaria	60	1.043
	Fabricação de Artefatos de Cordoaria	51	519
	Fabricação de Tecidos Especiais, Inclusive Artefatos	49	2.162
	Fabricação de Outros Produtos Têxteis não Especificados Anteriormente	209	5.245
	Total	819	18.867
Total	Geral	1.477	51.057

Fonte: MTP/RAIS.

O setor de confecção, por sua vez, está muito concentrado na classe de atividade de confecção de peças de vestuário e de roupas íntimas (Tabela 2).

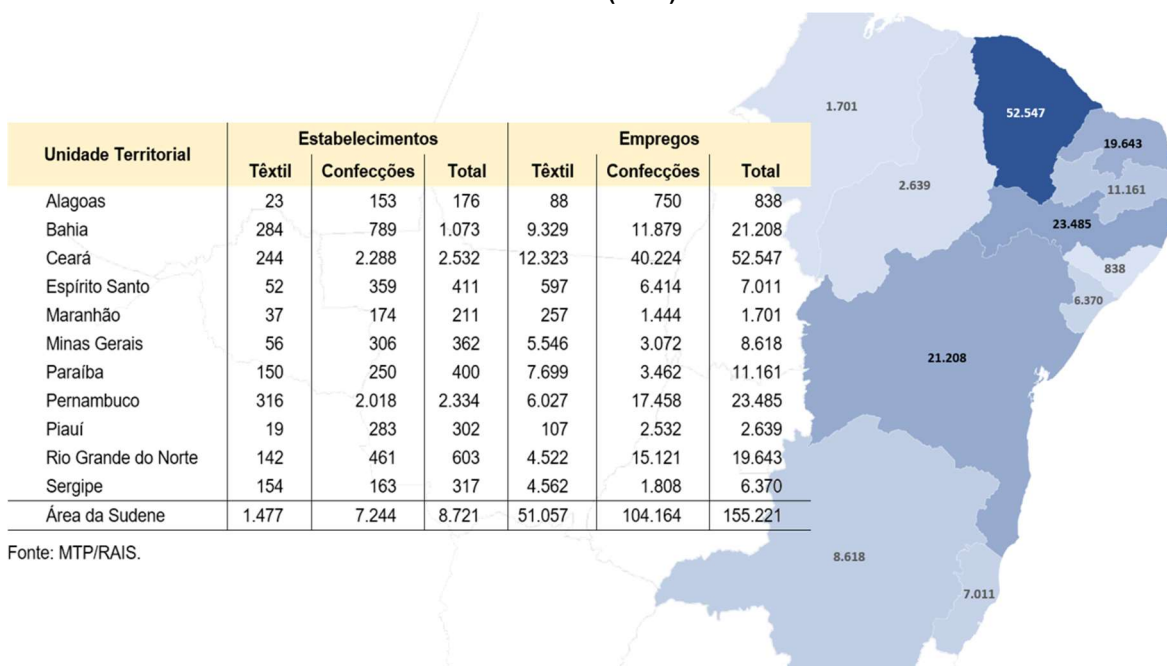
Tabela 2 – Estabelecimentos do setor de confecções por grupos e classes (2021)

Grupo	Classe	Estabelecimentos	Empregos
141: Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	Confecção de Roupas Íntimas	1.033	22.010
	Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas Íntimas	5.326	71.712
	Confecção de Roupas Profissionais	524	4.297
	Fabricação de Acessórios do Vestuário, Exceto para Segurança e Proteção	243	2.680
	Total	7.126	100.699
142: Fabricação de Artigos de Malharia e Tricotagem	Fabricação de Meias	3	2.669
	Fabricação de Artigos do Vestuário, Produzidos em Malharias e Tricotagens, Exceto Meias	115	796
	Total	118	3.465
Total	Geral	7.244	104.164

Fonte: MTP/RAIS.

Os estados que concentravam maior número de empregos nos setores têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene em 2021 eram Ceará, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Norte (Figura 3).

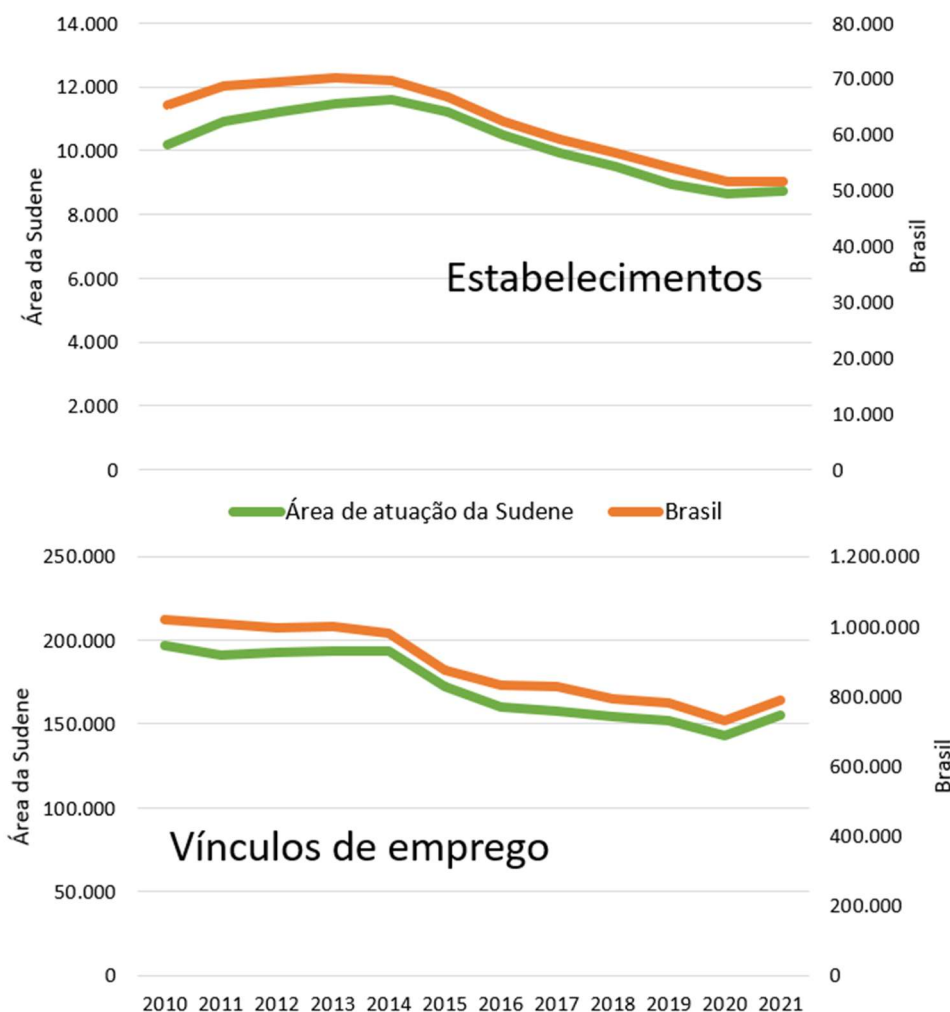
Figura 3 – Estabelecimentos e empregos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene (2021)



Fonte: MTP/RAIS.

A partir de 2000, as importações de produtos chineses aumentou, incluindo matérias-primas industriais e também produtos confeccionados. Nesse período, a indústria têxtil e de confecções brasileira não tinha competitividade para concorrer com os preços dos produtos importados, resultando na diminuição da operação e fechamento de muitas empresas. Mais recentemente, o ano de 2015 marca uma redução acentuada do setor, com diminuição proporcional do número de estabelecimentos e de empregos, com crescimento no número de empregos apenas em 2021. Ou seja, o setor já registrava um processo de encolhimento, fruto da crise que se instaurou no país a partir de 2015, que se tornou mais acentuada em 2020, por conta da pandemia de Covid-19, mostrando alguma recuperação do emprego em 2021 (Figura 4).

Figura 4 – Evolução do número de estabelecimentos e de empregos do setor têxtil e de confecções – 2010 a 2021 – Brasil e área de atuação da Sudene

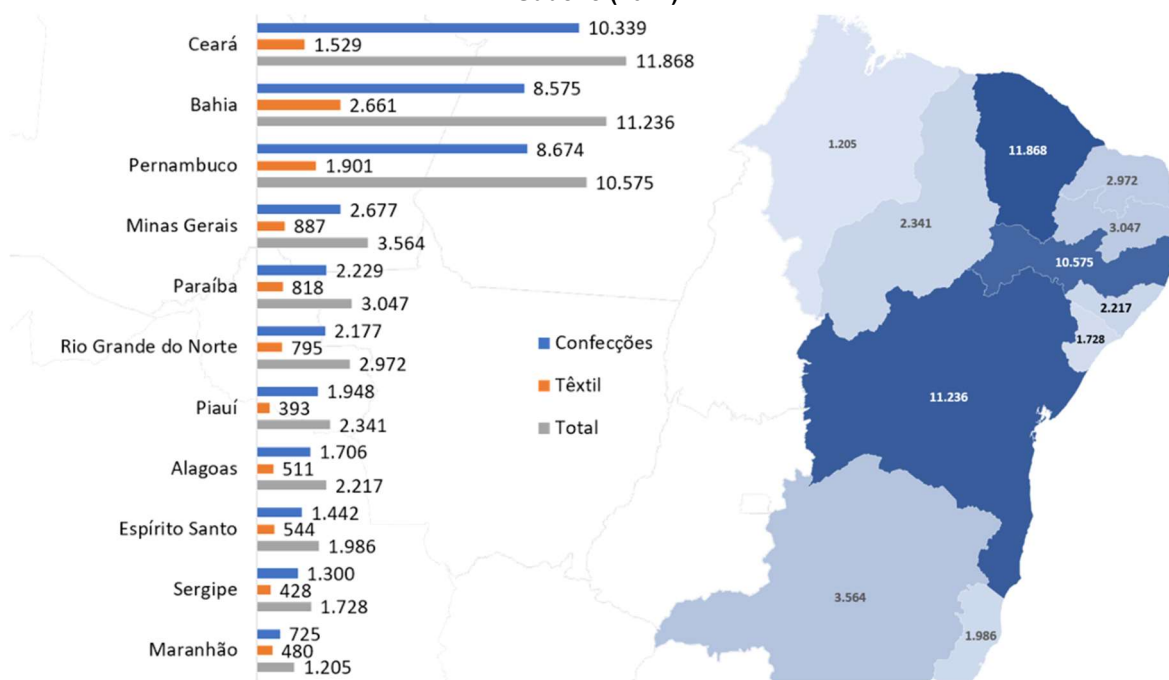


Fonte: MTP/RAIS.

A redução do número de empregos formais realça a informalidade, que é uma característica presente no setor têxtil e de confecções no Brasil. Não há informações atualizadas sobre o grau de informalidade ao nível municipal. Como uma aproximação ao tema, a microempresa individual (MEI) pode ser um indicativo de informalidade, por se tratar de uma alternativa de regularização da atividade de pequenos empreendimentos, que de outra forma, provavelmente seriam informais.

A área de atuação da Sudene contava com 10.947 MEI no setor têxtil em 2022, distribuídas em 1.210 municípios. No setor de confecções eram 41.792 neste mesmo ano, distribuídas em 1.599 municípios (DataSebrae, 2022). Contudo, por ser um setor tradicional e que pouco exigente em maquinário e instalações, provavelmente existe um número bem maior de empreendimentos informais. Ceará, Bahia e Pernambuco concentravam o maior número de MEI em 2022, predominantemente no setor de confecções (Figura 5).

Figura 5 – Microempresas individuais (MEI) do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene (2022)



Fonte: DataSebrae, 2022.

A remuneração média mensal por pessoa empregada no setor, além de ser menor que a da indústria na área de atuação da Sudene, é proporcionalmente menor entre as mulheres e entre as pessoas empregadas em estabelecimentos com menor número de vínculos, entre os menos instruídos e com menor idade. Ou seja, há uma grande diferenciação socioeconômica na composição da força de trabalho do setor têxtil e de confecções e do setor em relação à indústria na área de atuação da Sudene.

Na área de atuação da Sudene, o setor é responsável por 13,0% do total de vínculos formais na indústria e por 8,2% da remuneração média mensal. Isso faz com que a remuneração média do setor seja 36,9% menor que a da indústria na área de atuação da Sudene em 2021.

A força de trabalho do setor é predominantemente feminina na área de atuação da Sudene: 52,7% dos empregos no setor têxtil e de confecções eram ocupados por mulheres em 2021. Na indústria, considerando a indústria da transformação, de extração mineral e de utilidade pública (energia, água, etc.), a participação da força de trabalho feminina era de 25,1%. A variação média da remuneração das mulheres era de -17,9% em relação aos homens no setor e -23,6% na indústria da transformação.

A maior parte da força de trabalho do setor tem escolarização de nível médio (completo ou incompleto), representando 75,6% do total da força de trabalho (65,8% na indústria, que concentra maior proporção de formação de nível superior). Com concentração próxima de um terço, a força de trabalho se distribuía em 2021 entre a faixa de idade até 29 anos (33,1%), 30 a 39 anos (32,1%) e 40 anos ou mais (34,7%) (MTP/RAIS, 2021).

2. Mercados

O valor adicionado da indústria da transformação vem perdendo participação no PIB no Brasil e no mundo de maneira geral. O setor têxtil e de confecções, por ser um setor tradicional, tem acompanhado esse processo e, de certa forma contribuído para esse resultado. Sua participação no valor gerado pela indústria brasileira em 2021 foi de 6%, participação significativa tendo em vista ser um setor intensivo em força de trabalho.

O processo de abertura dos mercados mundiais contou um período de transição, que foi estabelecido pelo Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV), que foi de 1995 a 2004, com o objetivo de eliminar gradativamente o sistema de quotas e inserir o comércio de artigos têxteis nas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC). A partir de 2005, portanto, o comércio mundial do setor têxtil e de confecções foi liberalizado, fazendo com que o Brasil perdesse participação no mercado, “devido a deficiências em capacitação tecnológica e gerencial e ao reduzido desempenho comercial da cadeia” (COSTA, CONTE e CONTE, 2013, p. 11).

De uma produção nacional e centralizada, o mercado do setor têxtil e de confecções, assim como os demais setores industriais, passou por uma profunda dispersão espacial dos elos da cadeia, em diferentes países, formando as chamadas Cadeias Globais de Produção, que se caracterizam por atividades de uma mesma cadeia localizadas em diferentes países, formando uma rede coordenada por algumas empresas (COSTA, 2011).

A indústria chinesa de têxteis e confecções atualmente é a mais competitiva do mundo, enquanto o setor no Brasil vem registrando crescimento negativo desde de 2015.

Em termos de volume produzido, a China gerou, no acumulado do período de 2010 a 2020, quase três vezes o valor gerado pelos EUA, com taxa de crescimento da produção (*output*) positiva e frequentemente superior a 50% desde 2010. O Brasil, que tem ocupado as posições 7 a 9 no ranking de maiores produtores mundiais, vem apresentando uma taxa de crescimento negativa desde 2015, quando passou mais intensamente a competir com o mercado oriental (UNIDO, 2022a).

A performance dos setores têxtil e de confecções da China, além da diferenciação de preço e mão de obra barata, resulta também de um componente político-institucional, com estratégias produtivas e comerciais baseadas em um modelo econômico de planejamento centralizado, que tem assegurado grande competitividade frente às demais economias globais, em diversos setores da indústria de transformação. No setor de confecções, China, Vietnã e Bangladesh juntos representaram 46% das exportações do setor em 2021 (IEMI/ITC, 2022). A Índia tem se posicionado como um *player* importante, produzindo cerca de 15% da produção industrial global, representando cerca de 30% das exportações totais do setor (JACOB, 2021).

China, Índia e Indonésia são os principais exportadores de produtos têxtil para o Brasil. Países da Ásia, como Tailândia, Vietnã e Coreia, e também alguns países da América Latina, como Paraguai e Argentina, estão entre os principais países de origem das importações brasileiras, conforme dados apresentados pela UN Comtrade (2023).

Conforme Pereira (2018) aponta, o Brasil - e a América Latina, em geral - vem enfrentando desafios comerciais relacionados i) ao elevado grau de protecionismo, quando comparado à média mundial, ii) à estrutura setorial pouco integrada à cadeia global de produção e iii) poucos acordos comerciais com o restante do mundo, o que têm reduzido a competitividade da indústria têxtil e de confecções nacional.

O Brasil não se configura como um ator expressivo em exportações, apresentando pouco protagonismo no comércio internacional de têxtil e confecções.

Em 2022, os Estados que mais exportaram foram São Paulo, Santa Catarina e Bahia, este último o maior exportador de têxteis do Nordeste (MENDES JUNIOR, 2023). Em 2020, os maiores exportadores de vestuário foram Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. No Nordeste, Ceará foi o maior exportador de vestuário, porém, representando menos de 2% das exportações do Brasil (MENDES JÚNIOR, 2021).

Na área de atuação da Sudene, com base na pesquisa realizada com empresas do setor têxtil e de confecções em 2022/2023, 10,4% no conjunto da amostra exportavam para outros países. No estrato de 100 ou mais empregados, 20,0% das empresas entrevistadas exportavam para outros países.

Os principais destinos da exportação das empresas do setor na área de atuação da Sudene são a Argentina (4,0% no conjunto da amostra e 10,0% no estrato de 100 ou mais empregados) e os EUA (2,3% no conjunto da amostra). Outros destinos na América Latina, no conjunto da amostra, somam 6,4% e países da Europa 3,0%.

A participação das exportações no faturamento das empresas em 2021 foi em torno de 19% no conjunto da amostra e nos estratos de 10 a 49 e 100 ou mais empregados. No estrato de 0 a 9 empregados foi de 9,2% e no estrato de 50 a 99 empregados foi de 52,5%, porém, se refere a duas empresas apenas que exportam nesse estrato, sendo que uma tem 100% de seu faturamento com exportações.

A dinâmica do mercado do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene é predominantemente regional e, muitas vezes, local, ou seja, atende principalmente aos próprios estados da região Nordeste e municípios próximos dos empreendimentos.

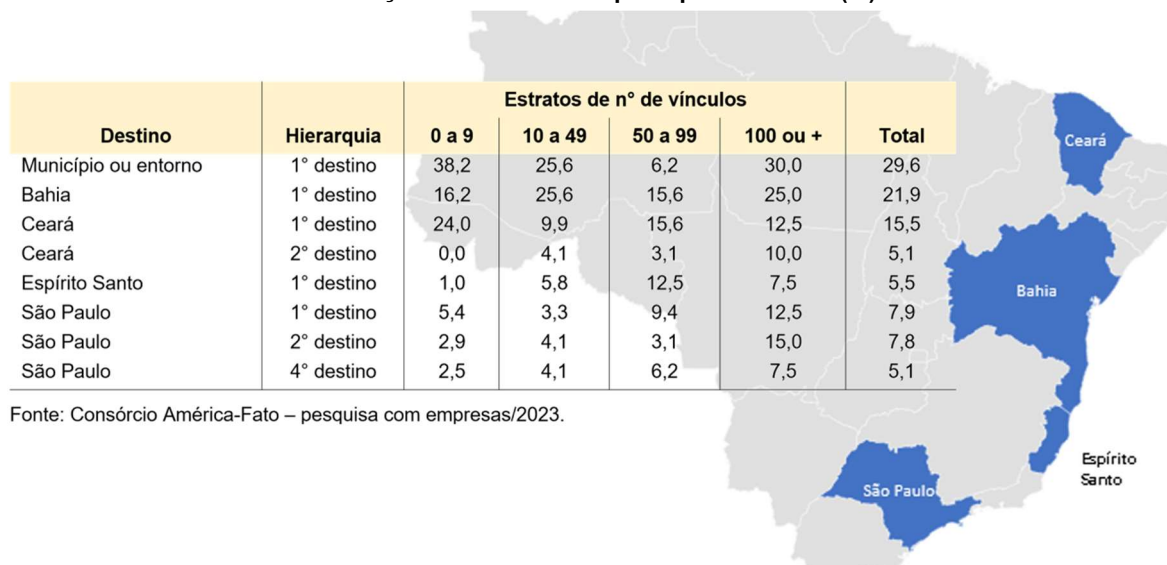
Segundo Mendes Júnior (2023), o valor bruto da produção de têxteis do Brasil (não incluindo vestuário) ficou próximo de R\$ 50 bilhões em 2020, registrando queda devido à pandemia de Covid-19. Na região Nordeste, neste mesmo ano, o valor superou R\$ 7,7 bilhões (15,5% do total do Brasil, um pouco acima da participação percentual do PIB da Região no Brasil). Regionalmente, contudo, há concentração. O estado da Bahia é o maior produtor da Região e, juntamente com Ceará, Paraíba e Pernambuco, concentram 12,7% da produção do Brasil e 82,2% da Região. O Nordeste participou com 21,7% das

exportações brasileiras de produtos têxteis em 2022, associado em grande medida à produção de algodão na região.

O valor bruto da produção do vestuário do Brasil, em 2018, alcançou R\$ 46,7 bilhões. No Nordeste, o valor bruto da produção foi superior a R\$ 6 bilhões (13% do total do Brasil naquele ano, próximo da participação da Região no PIB nacional). Ceará, o maior produtor da Região, juntamente com Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, concentravam 11,9% da produção do Brasil e 92,4% da Região (MENDES JÚNIOR, 2021). Em 2019, o Nordeste foi responsável por 13,7% da produção têxtil brasileira e 17,4% da produção de confecções em 2019 (IEMI, 2022). Contudo, a exportação de vestuário do Nordeste representaram apenas 4% das exportações brasileiras em 2020.

Com base na pesquisa realizada com as empresas do setor na área de atuação da Sudene, os principais destinos das vendas para o mercado interno do setor nos últimos cinco anos foram próprio município ou entorno imediato, estados do Nordeste, destacadamente Bahia e Ceará, além de São Paulo e Espírito Santo (Figura 6). O município e entorno é o principal destino, tanto entre as micro e pequenas empresas, quanto entre as empresas do maior estrato de tamanho, embora a venda para destinos como São Paulo seja maior no estrato de 100 ou mais empregados (45,0% nesse estrato, somando o 1º, 2º e 4º destinos mais importantes).

Figura 6 – Destinos das vendas para o mercado interno nos últimos 5 anos com mais de 5% de indicações entre os cinco principais destinos (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

Insumos e componentes, segundo a pesquisa com as empresas, representam em média 48,2% do faturamento dos empreendimentos entrevistados na área da Sudene, indicando a importância desse item nos custos de produção. Com a pandemia de Covid-19 e seu impacto sobre as cadeias de distribuição, os insumos e componentes passaram a pressionar mais os preços, levando as empresas a buscarem alternativas de fornecimento, incluindo novos materiais.

A origem dos principais insumos ou componentes utilizados pelos empreendimentos nos últimos 5 anos é muito variada, ainda conforme a pesquisa com empresas do setor na área

de atuação da Sudene. A região Nordeste tem menor participação do que nos mercados de venda, aumentando a participação das regiões Sul e Sudeste.

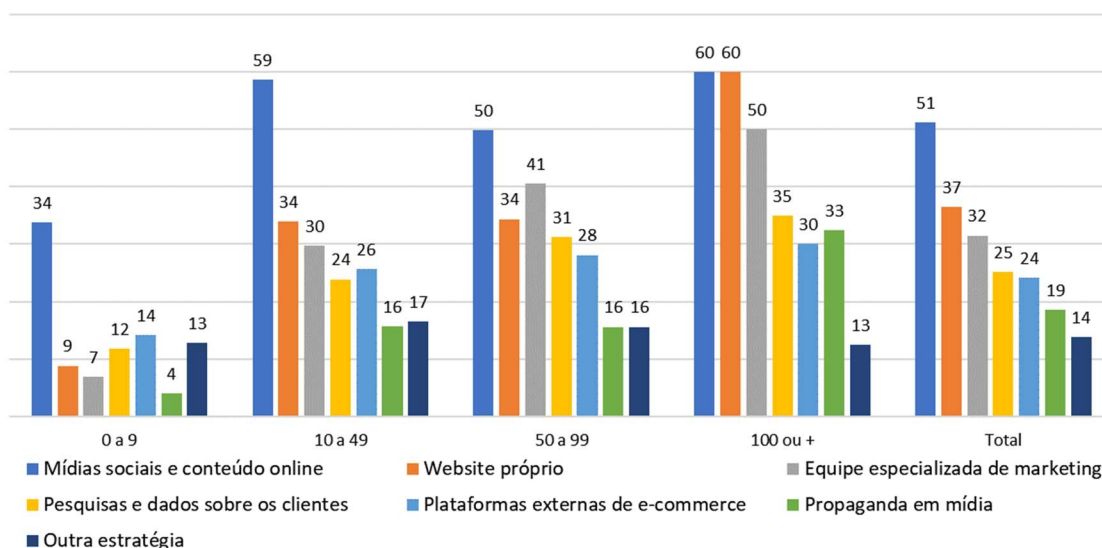
São Paulo atende a um terço dos empreendimentos entrevistados. Em segundo lugar, o próprio município ou entorno imediato foi indicado por 25,6% dos empreendimentos. Santa Catarina é o terceiro fornecedor de insumos e componentes, responsável por 23,8% no conjunto da amostra. Outros países foram mencionados em reduzida proporção, destacando-se a China com 4,0%.

No mercado interno, os canais de distribuição e comercialização utilizados são os representantes comerciais, as franquias, a distribuição própria, a venda direta e o e-commerce. Com a evolução do comércio digital e o impacto da pandemia de Covid-19, o e-commerce tem se tornado um canal de comercialização cada vez mais utilizado.

Entre os recursos de divulgação e comercialização mais utilizados pelas empresas na área de atuação da Sudene, o recurso mais utilizado são as mídias sociais e conteúdo online, que são muito utilizados ou sempre utilizados por 51% dos empreendimentos entrevistados. O segundo recurso mais utilizado é website próprio (37%), seguido de equipe especializada de marketing (32%). Destacaram-se, também, as pesquisas e dados sobre os clientes (25%) e a utilização de plataformas externas de e-commerce (24%), com percentuais superiores de maior utilização que a tradicional propaganda em mídia impressa e eletrônica (19%).

De maneira geral, o grau de utilização de todos os recursos apresentados aos entrevistados eram maiores quanto maior o estrato de número de vínculos das empresas, sendo que no estrato de 0 a 9 vínculos, a utilização de mídias sociais e conteúdo online já é um recurso muito utilizado por 34% das empresas (Figura 7).

Figura 7 – Recursos “muito utilizados” e “sempre utilizados” na divulgação/comercialização dos produtos da empresa (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

Um canal de distribuição importante no âmbito das vendas diretas aos consumidores ou a lojistas e atacadistas são as feiras presentes em toda a região

Nordeste, podendo ser feiras de produtos em geral ou feiras especializadas, como a Sulanca em Caruaru, a Feira do Jeans em Toritama e a Moda Center em Santa Cruz do Capibaribe.

O levantamento de campo junto a uma amostra de feiras na área de atuação da Sudene demonstrou que, mesmo com muitos entraves, ainda resiste a pequena produção de confecção de vestuário e artigos têxteis nas feiras. Para os feirantes que têm mais recursos, a fabricação própria pode ser mais vantajosa do que a revenda. Contudo, exceto as feiras de produtores, predomina a revenda e não a fabricação própria, ou uma mescla de ambos, principalmente entre pequenos empreendedores com limitada capacidade de produção.

Com poucas exceções, a infraestrutura das feiras, muitas delas existentes há longo tempo, está muito aquém da necessidade atual, algumas sem rede de energia elétrica, sanitários ou estacionamento, ou com problemas de segurança e exposta ao trânsito de veículos, ou ainda, sendo irregulares perante os órgãos municipais. As exceções são, principalmente, as que receberam investimento privado, com comercialização de espaços, em geral, beneficiando também as áreas públicas das feiras onde estão instaladas, como ocorre nas três principais feiras do Agreste Pernambucano.

A produção em pequena escala, de empreendimentos formais ou geralmente informais que representam o maior número de produtores presentes nas feiras, têm dificuldade de manter suas margens de lucro, frente ao aumento do preço da matéria-prima, a diminuição do público (em muitos casos), bem como a reclamada falta de crédito e de apoio para manter suas atividades.

A partir das restrições impostas pela pandemia de Covid-19, a venda utilizando recursos digitais se difundiu entre os feirantes. Para alguns, representou, inclusive, uma oportunidade de manter ou ampliar suas vendas. Para outros, foi uma situação forçosa e para a qual não estão preparados, não conseguindo manter ou se beneficiar de um comércio digital eficiente. Contudo, a utilização de recursos digitais ainda é muito improvisada e, na maioria das vezes, não conta com assessoria profissional.

As feiras, principalmente para os produtores com maior volume de produção, são essencialmente uma estratégia diferenciada de acesso a mercados, nesse caso, valendo-se do agrupamento da oferta em um só lugar, atraindo os compradores pela referência regional.

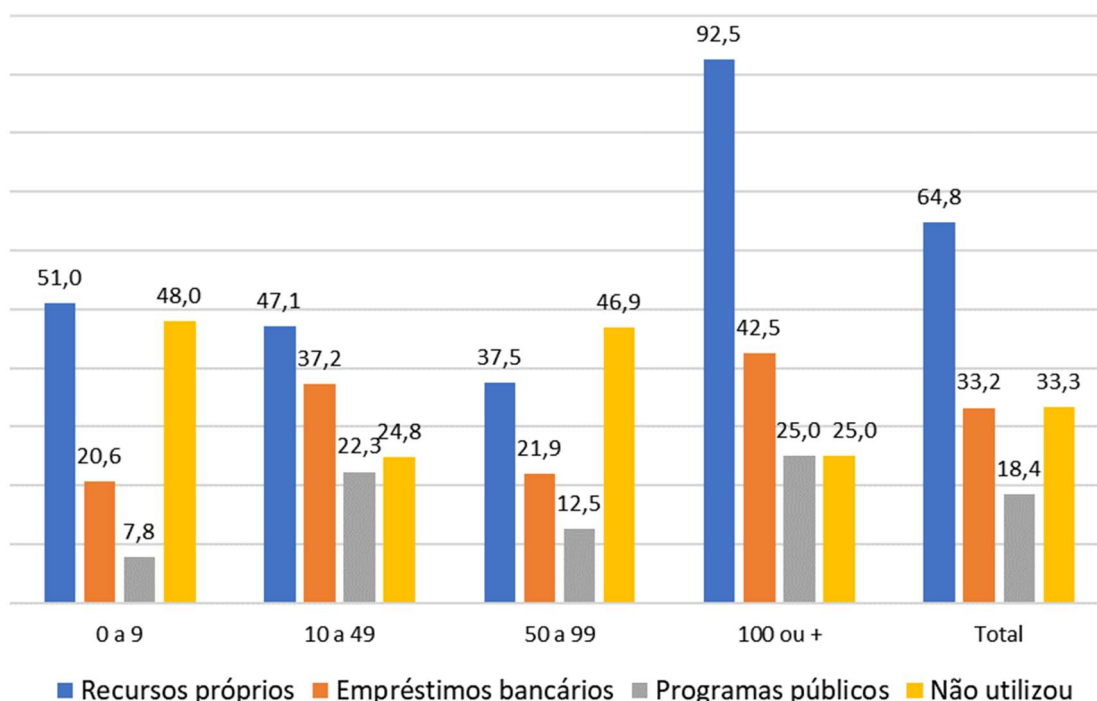
3. Crédito e financiamento

Um dos aspectos críticos para o desenvolvimento do setor é o acesso ao crédito e financiamento de suas atividades. O mercado de crédito na região Nordeste é robusto e conta com oferta significativa, tanto em linhas de crédito comerciais, quanto no Sistema Nacional de Fomento, o qual está focado no desenvolvimento setorial e econômico, dispondo de uma rede de agentes e de linhas de crédito disponíveis.

A indústria de transformação foi o segundo setor econômico com maior representatividade na carteira de crédito para empresas da Região Nordeste em maio de 2022, atrás do setor de comércio e também da própria administração pública (ABDE, 2022).

Segundo os resultados da pesquisa realizada com as empresas do setor, a modalidade de financiamento predominante das empresas utilizada nos últimos 10 anos foram as fontes das próprias empresas (Figura 8), seja reinvestimento de lucros (33,5% no conjunto da amostra), seja com recursos dos próprios sócios (29,2%). Entre as fontes de financiamento externas às empresas se destacam os empréstimos bancários convencionais (33,2%) e os financiamentos públicos (18,4%). O estrato que mais utilizou financiamento público foi de 100 ou mais empregados (25%), enquanto outros 25% nesse mesmo estrato informou não ter utilizado nenhuma modalidade de financiamento. Esse estrato também foi o que mais utilizou empréstimos bancários (42,5%).

Figura 8 – Modalidades de financiamento utilizadas pela empresa nos últimos 10 anos (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

O nível médio de endividamento das empresas do setor, segundo a pesquisa realizada, é de 22,7%. No Relatório Econômico Bancário de 2022 do Banco Central (BCB, 2022), a inadimplência de operações de crédito de pessoas jurídicas na Região Nordeste foi de

2,4% em dezembro de 2022, mesma taxa da Região Norte, sendo ambas as maiores entre as regiões brasileiras (CO 1,9%, SE 1,5% e Sul 1,6%), apontando para maior dificuldade e encarecimento da expansão do crédito na região.

Para o setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios a taxa de inadimplência de crédito em dezembro de 2022 era de 3,9%, sendo a terceira maior taxa entre os setores da indústria da transformação (1,0%). Para o setor de fabricação de produtos têxteis, no âmbito nacional, a taxa de inadimplência era de 1,5%, também acima da indústria da transformação.

Apesar de atender a um percentual que pode ser considerado reduzido de empresas do setor, os programas e incentivos públicos estão presentes na estrutura de financiamento das atividades do setor.

Conforme os dados do Banco Central, as instituições financeiras de desenvolvimento representam cerca de 38% dos ativos do Sistema Nacional de Fomento (SNF) e captam cerca de 45% do crédito total distribuído no país, viabilizando setores e projetos que requerem maior volume de financiamento e cuja dívida possui maior prazo, cobrindo lacunas do sistema privado de crédito e financiando atividades relacionadas à inovação tecnológica, transporte e telecomunicação (ABDE, 2022).

O SNF com atuação no Nordeste soma 12 instituições, entre bancos (públicos, federais, comerciais, com carteira de desenvolvimento), cooperativas e agências de fomento. O Banco do Nordeste é um dos principais veículos promotores da política de financiamento público na região Nordeste (ABDE, 2022). A região Nordeste havia captado R\$ 302,8 bilhões a partir do SFN em setembro de 2021, sendo que a carteira regional do Sistema de Fomento Nacional cresceu 21% durante a pandemia.

No âmbito das unidades da federação, seis estados do Nordeste possuem instituições financeiras de desenvolvimento (IFDs), sendo cinco delas agências de fomento (ABDE, 2022), as quais também são responsáveis por articular financiamentos para projetos de longo prazo, direcionados sobretudo a pequenas e médias empresas.

A indústria de transformação é o terceiro setor econômico mais representativo na carteira de recursos das agências de fomento e bancos estaduais do nordeste, os quais estão direcionados prioritariamente para micro, pequenas e médias empresas, que representam cerca de 96% da carteira dessas instituições (ABDE, 2022).

Assim como o crédito subsidiado do SNF, os incentivos fiscais são importantes mecanismos de apoio às empresas. A região Nordeste conta com diversos mecanismos de incentivos fiscais, tanto na esfera federal, que concentra grande parte do total de recursos, quanto na estadual e municipal, sendo significativos em relação ao PIB.

Do ponto de vista setorial, a indústria não é a área prioritária, sendo o setor contemplado com o menor volume de recursos em 2022, especialmente nos programas de fomento que utilizam os fundos públicos disponíveis para fomentar o desenvolvimento econômico.

No setor, conforme a pesquisa com as empresas, 14,3% dos empreendimentos acessaram os instrumentos de apoio produtivo da Sudene. No estrato de 100 ou mais

empregados o percentual das empresas que acessam esses instrumentos é maior (27,5%). O instrumento mais utilizado são os incentivos fiscais, registrado principalmente no estrato de 100 ou mais empregados (17,5% nesse estrato).

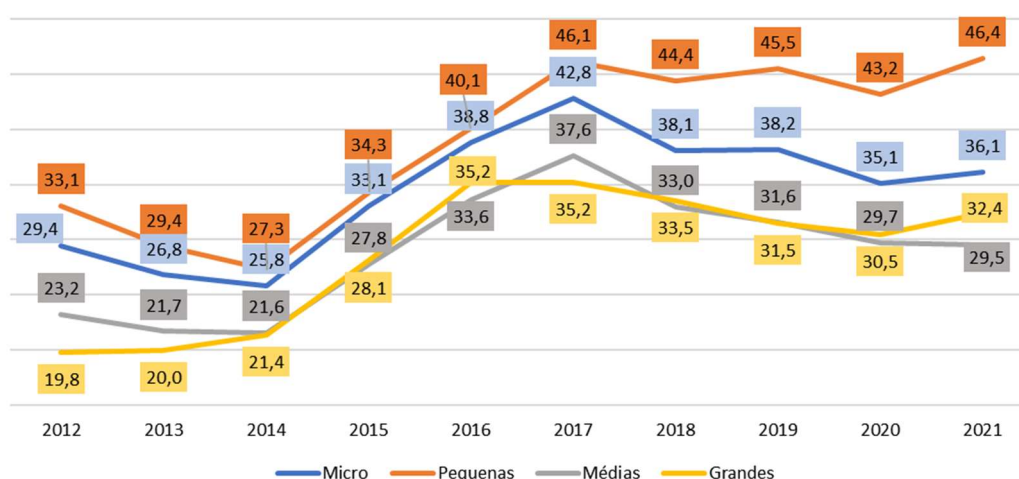
A participação em outros programas, políticas ou ações de incentivos ao setor provenientes dos governos federal, estadual ou municipal foi informada por 18,1% dos empreendimentos no conjunto da amostra. Esses resultados, porém, refletem as condições excepcionais de crédito disponibilizadas às empresas por conta da pandemia de Covid-19. Os programas que registraram maior participação foram o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e a Lei do Bem.

Ainda no âmbito dos incentivos fiscais, do ponto de vista do porte dos estabelecimentos empresariais, o Simples Nacional, assim como o MEI, são políticas de grande alcance nas atividades empresariais e abrangência geográfica, atendendo a um grande número de empresas de menor porte.

Contudo, apesar da significativa destinação de recursos para micro e pequenas empresas, especialmente, o custo do crédito para esses estratos é mais elevado que para as médias e grandes empresas. Segundo Boligan e Montani (2023), no período entre 2012 e 2021 as taxas médias de juros, que vinham se reduzindo entre 2012 e 2014, voltaram a subir entre 2015 e 2017, mantendo-se elevadas até 2021, mesmo com os programas emergenciais de crédito durante a pandemia (Figura 9).

O estrato de pequenas empresas (faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões) é o mais afetado pelas elevadas taxas de juros cobradas para o crédito efetivamente acessado, uma vez que as micro empresas (faturamento inferior a R\$ 360 mil), dispõe de alternativas de crédito como pessoa física que podem ser mais vantajosas e acessíveis. Enquanto a taxa média de juros para as empresas pequenas em 2021 era de 46,4% ao ano, maior taxa na série histórica desde 2012, para as microempresas era de 36,1% e para as médias e grandes em torno de 31%. Apesar disso, o aumento das taxas de juros não foram acompanhados pelo aumento significativo da inadimplência, ainda que ela seja maior nos estratos de menor porte das empresas (BOLIGAN e MONTANI, 2023).

Figura 9 – Taxas médias de juros por porte de empresa (2012-2021) (%)



Fonte: Boligan e Montani (2023)

Os gargalos de acesso ao crédito, particularmente para micro e pequenas empresas, mas também para o conjunto das indústrias do setor, estão no custo elevado dos financiamentos, a assimetria de informações e a burocracia envolvida, que elevam muito os custos de transação. Isso faz com que os investimentos e o fluxo de caixa sejam financiados predominantemente com recursos próprios, limitando o potencial de crescimento do setor.

A conjuntura adversa da pandemia mostrou que uma política de apoio mais contundente ao crédito para as empresas, há muito reivindicada, se provou eficaz para amenizar os efeitos negativos do período, indicando a oportunidade e a necessidade de políticas desse tipo serem permanentes. Contudo, é necessário qualificar o uso do crédito agregando políticas que aumentem a capacitação das empresas, tornando-as mais competitivas. Políticas de capacitação competitiva e de crédito, articuladas, principalmente quando voltadas às pequenas empresas, proporcionariam bases mais consistentes para o crescimento do setor e a promoção do desenvolvimento.

Novas alternativas de crédito para as empresas são disponibilizadas pelas Fintechs, que são empresas do setor financeiro que fazem uso intenso de tecnologia para baratear e tornar mais ágil e menos burocráticos o uso dos serviços financeiros. Por meio de plataformas online, as fintechs disponibilizam crédito, seguros, financiamentos e outros serviços digitais. Na categoria de crédito, além de produtos convencionais e da oferta direta de crédito em várias modalidades, estão disponíveis, também, as opções de marketplace, para comparação e compra de produtos de crédito, e o P2P (Peer-to-Peer lending), plataformas de empréstimo coletivo que conectam diretamente empresas que precisam de financiamento a investidores interessados em emprestar dinheiro. Porém, segundo o Banco Central (BCB, 2022) as operações de empréstimos das fintechs ainda se concentram em um perfil específico de empresas, mais próximo de startups da área tecnológica, embora a tendência seja de que o sistema passe a atender outros setores.

4. Inovação e evolução da tecnologia no setor

A inovação e a tecnologia, atualmente, são fatores críticos de sucesso para o desempenho das indústrias, mesmo as tradicionais como a têxtil e de confecções. Também, oferecem oportunidades de abertura e acesso a novos mercados, na medida em que permitem agregação de valor a partir do desenvolvimento e integração de áreas industriais e de conhecimento diferenciadas. Porém, exigem um grande esforço de capacitação e investimento.

A pesquisa com as empresas do setor indicou que a principal área de investimento dos empreendimentos entrevistados é a de máquinas e equipamentos de produção, com 62,3% no conjunto da amostra, variando entre 87,5% no estrato de 100 ou mais empregados e 34,2% no estrato de 0 a 9 empregados. Outros tipos de investimentos também se destacam (Figura 10).

Figura 10 – Áreas que a empresa realizou investimentos (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

De maneira geral, a inovação tecnológica no setor é essencialmente incremental, focada na atualização regular do parque de máquinas. Nesse aspecto, a realidade do setor na área da Sudene está alinhada com o comportamento do setor ao nível nacional, conforme verificado na Pesquisa de Inovação, Pintec, do IBGE (2020). Os resultados da Pintec apontam para uma dinâmica de inovação que pode ser considerada de atualização das empresas frente ao mercado, passando a incorporar processos, principalmente, ou produtos que já estão presentes no mercado. Ou seja, que inovam em suas linhas de produção para acompanhar a dinâmica do próprio mercado nacional, que já conta com estas inovações, sendo, portanto, uma inovação incremental, no sentido atribuído por Schumpeter (1998).

Em termos de financiamento da inovação, a principal fonte são recursos próprios das empresas, limitando seu impacto como fator de alavancagem de um ciclo de crescimento. O financiamento das atividades de inovação com recursos das próprias

empresas é ainda maior que o da indústria da transformação, proporcionalmente, nos setores têxtil (98,9%) e de confecções (92,9%).

No universo de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas, o acesso a políticas públicas de apoio e incentivo à inovação era relativamente modesto no triênio 2015 a 2017. Na indústria da transformação, 9,3% das empresas receberam algum tipo de apoio governamental, o que representa 27,0% das empresas que implementaram algum tipo de inovação (no setor têxtil, 9,2%, e no de confecções, 6,7% das empresas). A principal modalidade de apoio recebido foi o financiamento para compra de máquinas.

O financiamento público das atividades internas de P&D em 2017 era relevante apenas no setor de confecções (6,9% das empresas do setor que inovaram, mesmo percentual da indústria da transformação) enquanto no têxtil foi em torno de 1%. Nas demais atividades de inovação o financiamento público foi menor ou muito menor que privado no que se refere a fontes de financiamento de terceiros (6,5% das empresas que inovaram na indústria da transformação, 8,0% no setor de confecções e 3,9% no têxtil).

Souza e Teixeira (2022) chamam a atenção para a limitação das atividades inovativas na medida em que, sendo dependentes de financiamento das próprias empresas, estão atreladas à redução da participação e da competitividade do setor industrial de maneira geral. Ou seja, a inovação, ao estar atrelada ao financiamento das próprias empresas, tem limitações para se tornar um fator de alavancagem de um ciclo de crescimento.

De maneira geral, a Pintec 2017 estima que aproximadamente um terço das empresas implementaram inovações de produto ou processo na indústria da transformação. A taxa de inovação está associada ao dispêndio em inovação, que tem se reduzido, principalmente pela redução na aquisição de máquinas e equipamentos, principal modalidade de inovação implementada pelas empresas.

O apoio público tem sido limitado no financiamento da inovação. No triênio 2015-2017, menos de 10% do universo de empresas com mais de 10 empregados receberam algum tipo de apoio governamental, que também registrou acentuada redução, devido à redução do financiamento para a compra de máquinas e equipamentos.

É reduzido o desenvolvimento de inovações em cooperação com outras empresas e institutos. No setor têxtil, a proporção de empresas que implementaram inovações e com relações de cooperação com outras organizações é um pouco maior (7,2%). No setor de confecções a cooperação é limitada a 3,3% das empresas que inovaram (IBGE, 2020).

O setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene segue o padrão nacional. Pouco mais da metade dos empreendimentos no conjunto da amostra (51,4%) informaram possuir setor interno na empresa com atividades de design e desenvolvimento de novos produtos ou coleções, além de 11,8% que contratam esse tipo de atividade e 6,5% que informaram realizar essas atividades, mas sem equipe especializada. O estrato de 100 ou mais empregados é o que concentra maior proporção de setores internos na empresa especializados nessas atividades (65,0%). Contudo, mesmo no estrato de 0 a 9 empregados, 29,9% dos estabelecimentos informaram possuir setor interno.

A percepção do estágio tecnológico da empresa em relação ao padrão atual do respectivo ramo de atividade é, predominantemente, de que a empresa está na média do setor (58,4% no conjunto da amostra). Há os que avaliam seu estágio tecnológico pelo conhecimento que possuem da tecnologia dos concorrentes (18,5% no conjunto da amostra); os que informaram sempre estarem investindo, se atualizando, justamente para acompanhar a evolução tecnológica do setor (16,8%); os que se avaliam como estando atualizados tecnologicamente, inclusive por terem investido recentemente em seu parque de máquinas principalmente (16,3%); e os que alegam falta de recursos para investimento em tecnologia e novos equipamentos, embora reconhecendo a necessidade desse investimento (12,7%).

Um aspecto que fica muito evidente nas respostas a esta questão é que a tecnologia das empresas do setor é pensada basicamente em termos de parque de máquinas moderno. Houve poucas referências à tecnologia de gestão e de design, bem como de desenvolvimento de novos produtos.

Apesar disso, no âmbito das estratégias das empresas, ainda segundo a pesquisa com amostra de empresas na área da Sudene, a utilização de tecnologias avançadas, investimento em processos e inovação é considerado muito importante para o sucesso da empresa por 58,1% dos entrevistados e importante por 32,8%, no conjunto da amostra, com pequena variação entre os estratos de empresas. Nesta mesma direção, a utilização de tecnologia de materiais, de fabricação, é considerado muito importante para a competitividade das empresas por 56,9% dos entrevistados no conjunto da amostra, assim como a identidade de marca, estilo, design por 61,7%.

Outro aspecto a destacar é que a área tecnológica foi o principal foco dos investimentos das empresas, destacando-se máquinas e equipamentos (62,3%, chegando a 87,5% no setor de 100 ou mais vínculos), a incorporação de novos materiais, matérias-primas (27,4%), a informatização, sistemas digitais (25,5%), os novos processos ou tecnologias de produção (26,2%), a pesquisa, desenvolvimento de produtos (17,2%) e as tecnologias de vendas ou administração (16,2%).

Alguns entrevistados identificaram uma importante janela de oportunidade na temática ambiental e na demanda de maior sustentabilidade, consideradas áreas de inovação para o desenvolvimento do setor. A produção nacional, necessitaria atender a boas práticas de produção e, particularmente, manejo de resíduos. O Brasil conta com relações de trabalho regulamentadas e mais justas que outros mercados como o asiático, agregando um importante componente social às políticas de EGS. Os entrevistados avaliam que irá aumentar a demanda por conformidade social da produção, o que torna a produção brasileira competitiva para mercados externos, principalmente o mercado europeu. O algodão é uma matéria-prima mais sustentável e com menor impacto de geração de resíduos.

Entretanto, a visão geral da inovação é colocada em termos da concorrência dentro do mercado regional ainda muito disputado pelas empresas locais, e não no contexto de evolução da concorrência com o mercado globalizado, assim como com as tendências de evolução da tecnologia e seus impactos nos mercados de maneira geral.

5. Governança

A governança econômica está relacionada à eficácia da gestão das organizações, sendo constituída a partir de diversos atores econômicos, tendo como referência ou agenda comum o desenvolvimento de iniciativas e ações que resultem no desenvolvimento da estrutura produtiva, social e de seus agentes.

Os empreendimentos precisam dispor de capacitações de gestão bem desenvolvidas, que lhes habilitem a operar dentro de um sistema de governança, requerendo aporte de capital social, que corresponde aos recursos para a organização e empoderamento social através da constituição de visão estratégica, capacidade de articulação, níveis de confiança, cooperação, reciprocidade e objetivos comuns. Contudo, é reduzida a participação, a integração e a cooperação entre as empresas do setor.

O Plano Regional do Desenvolvimento do Nordeste – PRDNE, referencial de planejamento estratégico e governança para a área de atuação da Sudene, estabelece, setorialmente e regionalmente, diretrizes e orientações para os diferentes atores a partir de uma agenda de desenvolvimento. O PRDNE, entre suas dimensões, confere grande destaque aos processos inovativos, à transformação digital e ao investimento em ciência, tecnologia e inovação.

Ao nível regional, foram identificadas iniciativas de governança em projetos e planos estaduais de desenvolvimento e iniciativas setoriais da indústria, indicando a oportunidade, o interesse e a necessidade de organização de estruturas de governança para impulsionar, ou retomar, o desenvolvimento do setor.

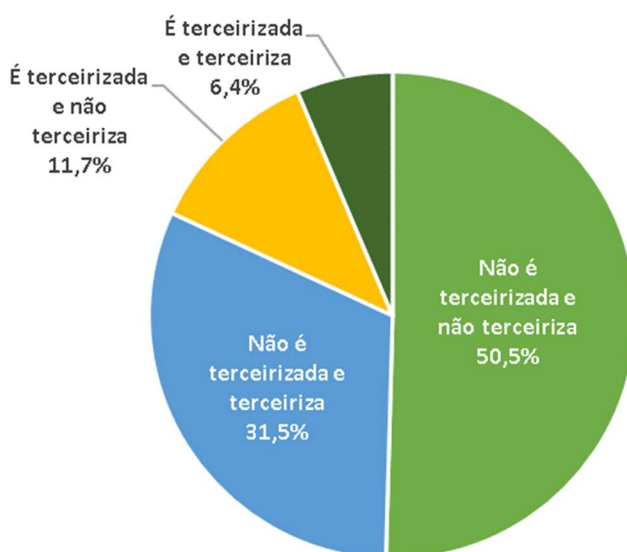
Entre essas iniciativas está o Projeto Nordeste Forte, articulando nove Federações Industriais da Região Nordeste e tendo como pauta a Reforma Tributária, aumento dos incentivos, do crédito público e a definição de uma política de reindustrialização, entre outros temas. No âmbito estadual, há diversas iniciativas, tais como o Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Norte – Mais RN e o Programa de Interiorização da Indústria Têxtil - Pró-Sertão desse mesmo estado; o Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de Confecções em Pernambuco – NTCPE; o Observatório da Indústria, capitaneada pela Federação das Indústrias do Ceará; o Projeto Rotas Estratégicas para a Indústria 2035 no Espírito Santo; bem como planos de desenvolvimento em diversas áreas e estados da região.

Na pesquisa realizada com as empresas do setor na área de atuação da Sudene foram avaliadas as capacitações para governança econômica e, através delas, a pertinência da atribuição de algum grau de cooperação ou integração dentro da cadeia de valor do setor, que compreende além dos elos da cadeia produtiva, outros setores e segmentos relacionados.

Como resultados relacionados ao tema, a terceirização ou outras formas de articulação entre empresas seria um indicativo de grau de articulação e eventual benefício direto das economias de aglomeração. A pesquisa verificou que pouco mais da metade dos empreendimentos (50,5%) não são terceirizados e também não terceirizam áreas ou

processos, mantendo-se no modelo verticalizado de produção. Na metade restante, a maioria (31,5%) terceiriza áreas ou processos, sendo que entre as empresas maiores, predomina a terceirização de áreas de apoio e distribuição (segurança, portaria, transporte), que são serviços prestados por empresas de outros setores. Apenas 11,7% das empresas é terceirizada, que seria uma integração entre empresas do setor, e 6,4% do total da amostra são tanto terceirizadas de outras empresas, quanto terceirizam áreas ou processos de sua empresa, indicando possuírem elevado grau de articulação horizontal, situação mais frequente entre as empresas menores (Figura 11). A terceirização de etapas ou processos de produção foi verificada em um quarto da amostra (24,1%).

Figura 11 – Condição dos empreendimentos em relação à terceirização



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

Em relação às estruturas de governança das empresas, considerando apenas as empresas com 10 ou mais empregados (70,5% da amostra), pouco mais de um terço (34,4%) não possuem nenhuma estrutura de governança, proporção que chega a 70,2% no estrato de 10 a 49 empregados e 46,9% no estrato de 50 a 99 empregados. A estrutura interna das empresas mais frequente é a diretoria executiva (25,3%). Os conselhos de administração estão presentes em 15,5% das empresas e os comitês internos em 12,5%. A estrutura de auditoria está presente em 12,2% das empresas.

No que tange à cooperação, no conjunto de amostra, 11,1% dos empreendimentos informaram realizar alguma atividade de desenvolvimento, cooperação ou integração com fornecedores, 17,2% com distribuidores ou clientes, apenas 5,0% com outras empresas do setor e 8,0% com outra instituição ou agente de mercado.

Além de serem percentuais que podem ser considerados reduzidos (em relação ao potencial de realização de atividades de integração), os tipos de cooperação e integração informados são, muitas vezes, ações muito singelas, com pouco potencial de repercussão no desenvolvimento das empresas.

A participação em associações e representações setoriais, cooperativas ou outra forma de organização foi informada por 22,2% dos empreendimentos no conjunto da amostra,

destacando-se o estrato de 50 a 99 vínculos com 31,2% de empresas participando desse tipo de organização. Os sindicatos são a principal organização da qual os empreendimentos participam (13,8%), seguido das federações (4,8%) e associações comerciais (3,7%), limitando-se, portanto, a representações corporativas.

São poucas as referências a iniciativas de cooperação e integração entre as empresas e menos comum ainda a menção à troca de informações e um trabalho colaborativo. Porém, mesmo não havendo o que poderia se chamar uma cultura de cooperação que poderia alimentar uma governança econômica mais robusta, não foi verificada maior oposição ou resistência ao princípio, à proposta de cooperação.

Ainda em relação às questões de governança econômica, no tema específico da inovação, a Pesquisa de Inovação do IBGE (IBGE, 2020) apontou que o principal responsável pelo desenvolvimento de produto e/ou processo nas empresas que implementaram inovações é a própria empresa, tanto no setor têxtil e no setor de confecções, quanto também na indústria da transformação de forma geral. Inovações de produtos ou processos desenvolvidas pela empresa em cooperação com outras empresas ou instituições foi registrada em percentual em torno de 1,1% nas empresas com 10 vínculos ou mais do setor têxtil e de confecções.

Relataram cooperação com outras organizações 5,1% das empresas na indústria da transformação, sendo que as parcerias avaliadas como de maior importância foram com fornecedores (4,1%), clientes ou consumidores (5,1%), empresas de testes, ensaios e certificações (2,0%) e empresas de consultoria (1,7%). Universidades e institutos de pesquisa, assim como centros de capacitação profissional e assistência técnica foram avaliados como tendo menor importância no conjunto da indústria da transformação (IBGE, 2020).

Complementando o diagnóstico da governança, conforme resultados das entrevistas realizadas com stakeholders no âmbito dos levantamentos primários realizados para esse estudo, verificou-se que as representações específicas do setor, como os sindicatos e federações, são as principais organizações em termos de presença e abrangência geográfica. Outros *stakeholders*, contudo, também possuem atuação nos setores têxtil e de confecções, como é o caso da Associação Brasileira da Indústria Têxtil, ABIT.

Sob o aspecto da representação institucional, os representantes das organizações entrevistadas reconhecem que o alcance dessas instâncias representativas é limitado, preponderando as grandes empresas nas organizações setoriais, as quais acabam imprimindo à política defendida para o setor uma pauta mais aderente aos seus interesses. Os entrevistados admitem e reconhecem que o grande número de pequenas e médias empresas do setor não são alcançados adequadamente pelas representações setoriais.

No que se refere, ao relacionamento com universidades, centros de pesquisa e instituições tecnológicas a relação é praticamente inexistente em muitos estados e considerada insatisfatória, de maneira geral pelas lideranças entrevistadas. Embora, para os entrevistados, seja reconhecida a importância de haver maior vinculação entre o setor e

estas instituições, no âmbito da formação profissional e do desenvolvimento tecnológico, essa relação não se realiza no nível considerado adequado para o setor, assim como para a indústria.

Nas entrevistas com representações institucionais do setor, foram identificadas outras iniciativas consideradas relevantes em termos de organização e maior grau de governança. De maneira geral, entretanto, a inexistência de uma estrutura regional representativa, integradora e voltada a mobilizar, articular e alinhar objetivos estratégicos, responsável pelas demandas do setor têxtil e de confecções, não permite avanços efetivos do setor por conta de uma governança insuficiente.

No que tange a benefícios e políticas voltadas ao crescimento dos setores, conforme Cruz et al. (2020), as políticas regionais tradicionais têm sido criticadas pela ausência de coordenação entre os atores, sendo necessário investimentos em tecnologia e políticas de difusão de tecnologia para uma efetiva alteração da estrutura produtiva no Nordeste. Entre os desafios para o desenvolvimento do Nordeste, com maior relevância para políticas como a de incentivos fiscais, estão a desigualdade ainda elevada (a região levaria 50 anos para atingir 75% da média do PIB nacional); o desemprego e a informalidade maiores que a média nacional; e a crise fiscal dos estados.

6. Condicionantes empresariais da competitividade:

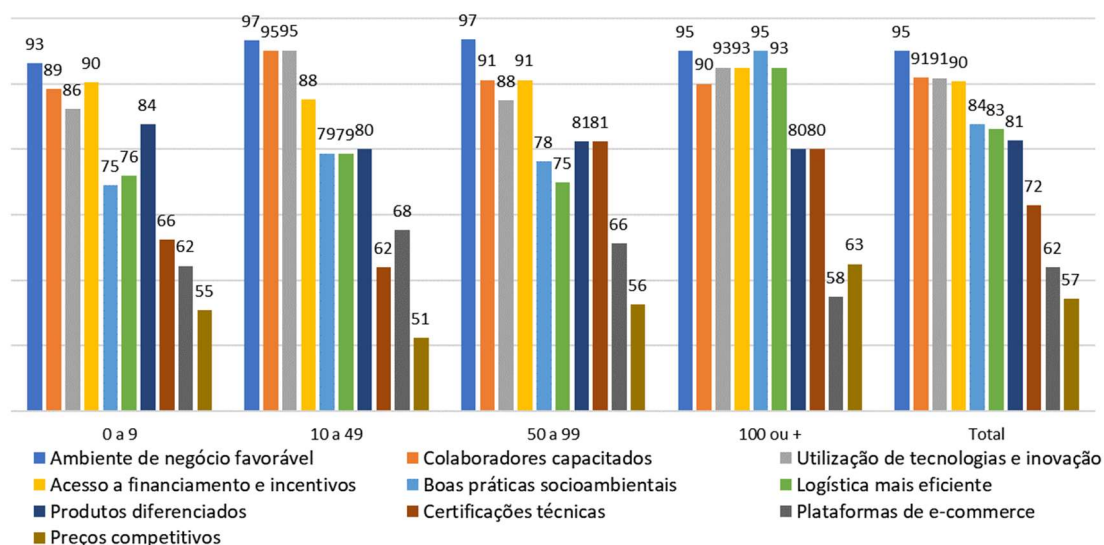
Esse item apresenta os achados e resultados obtidos com a pesquisa com as empresas no que tange às questões de gestão, percepção de importância de fatores de impacto, percepção do nível tecnológico das empresas entre outros temas relacionados à capacitação competitiva das empresas.

6.1. Fatores para o sucesso da empresa

Um grupo de questões apresentadas aos entrevistados avaliou qual o grau de importância atribuído a um conjunto de fatores para o sucesso da empresa nos próximos anos, buscando identificar a visão estratégica dos entrevistados com relação a temas considerados relevantes.

O fator avaliado como mais importante pelos entrevistados para o sucesso da empresa é o ambiente de negócio favorável (75% das empresas consideraram o fator muito importante para o sucesso da empresa nos próximos anos). Outros três fatores também registraram importância elevada: colaboradores capacitados (65%), acesso a financiamento e incentivos (63%) e utilização de tecnologias de inovação (58%) (Figura 12).

Figura 12 – Fatores para o sucesso da empresa nos próximos anos considerados Muito importante (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

A percepção da necessidade de capacitação em inovação está presente na valorização dos entrevistados quanto à utilização de tecnologias avançadas, investimento em processos e inovação, indicada como importante por 32,8% dos entrevistados e muito importante por 58,1%, no conjunto da amostra.

Ainda no campo da capacitação em inovação e agregando o fator de sustentabilidade, a obtenção de certificações técnicas e registros específicos e a utilização de boas práticas socioambientais, selos e certificações de sustentabilidade também são fatores considerados importantes ou muito importantes pelas empresas. Contudo, a relevância

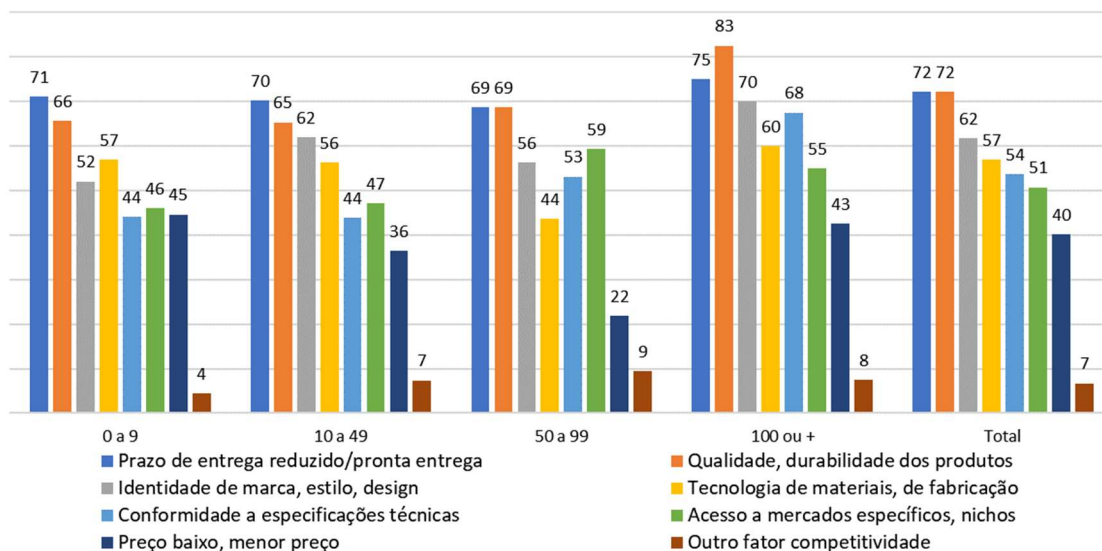
desses fatores é tanto maior quanto maior o estrato de número de empregados das empresas.

6.2. Fatores de competitividade

Os fatores avaliados como mais importantes para a competitividade das empresas foram prazo de entrega reduzido/pronta entrega e qualidade, durabilidade dos produtos, ambos com 72% de entrevistados indicando serem fatores muito importantes. Com percentuais também elevados, identidade de marca, estilo e design (62%) e tecnologia de materiais e de fabricação (57%) se destacaram como um segundo grupo de fatores, seguidos de conformidade a especificações técnicas (54%). Enquanto o primeiro grupo destaca aspectos de eficiência e qualidade da produção, esse segundo grupo destaca inovação, design e tecnologia (Figura 13).

Os dois fatores com menores percentuais de avaliação como muito importantes são, precisamente, os que definem padrões de competição, sendo eles acesso a mercados específicos, nichos (51%) e o preço baixo, menor preço dos produtos (40%). Importante observar, em relação a essas duas questões que não há uma polarização dentro da amostra distinguindo um grupo de empresas que consideram importante a atuação em nichos e outro com atuação em preços baixos. Na verdade, dois terços da amostra (64%) consideram esses dois atributos “importantes” ou “muito importantes”. Ou seja, mesmo que a estratégia seja de posicionamento em mercados específicos, os preços baixos continuam sendo importantes ou muito importantes, e vice-versa.

Figura 13 – Fatores considerados “muito importantes” para a competitividade da empresa (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

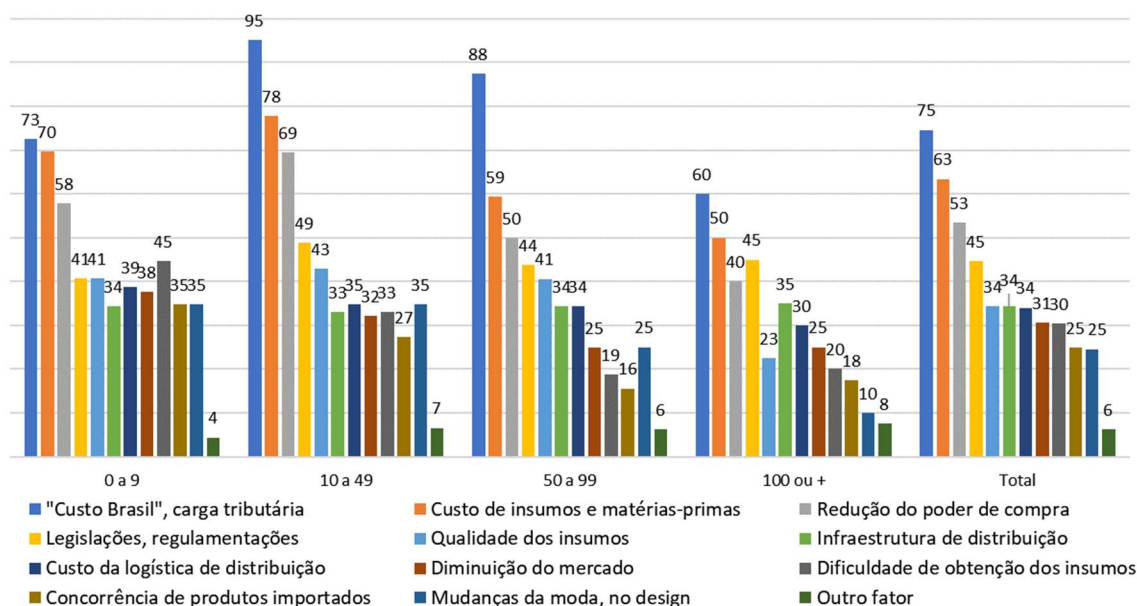
6.3. Fatores de impacto

Os entrevistados avaliaram, também, qual o grau de impacto para a empresa de um conjunto de fatores relacionados ao mercado de maneira geral. Para o conjunto da amostra, o fator “Custo Brasil”, carga tributária e burocracia é o mais impactante, com 75% dos entrevistados indicando ser um impacto “alto” ou “muito alto” sobre a empresa. Esse

fator variou conforme o estrato, registrando 60% no estrato de 100 ou mais empregados e 95% no de 10 a 49 empregados (Figura 14).

O segundo maior impacto percebido pelas empresas, para o conjunto da amostra, se refere ao fator Custo dos insumos e matérias-primas (63%), ficando em 50% e 59% nos estratos de maior número de vínculos e 70% e 78% nos de menor número. O terceiro maior impacto percebido é o fator Redução do poder de compra dos clientes (53%) e o quarto legislações e regulamentações (45%). Entre os fatores de maior impacto, portanto, estão os aspectos sistêmicos que envolvem o ambiente de atuação das empresas.

Figura 14 – Grau de impacto alto ou muito alto de fatores sobre a empresa (%)



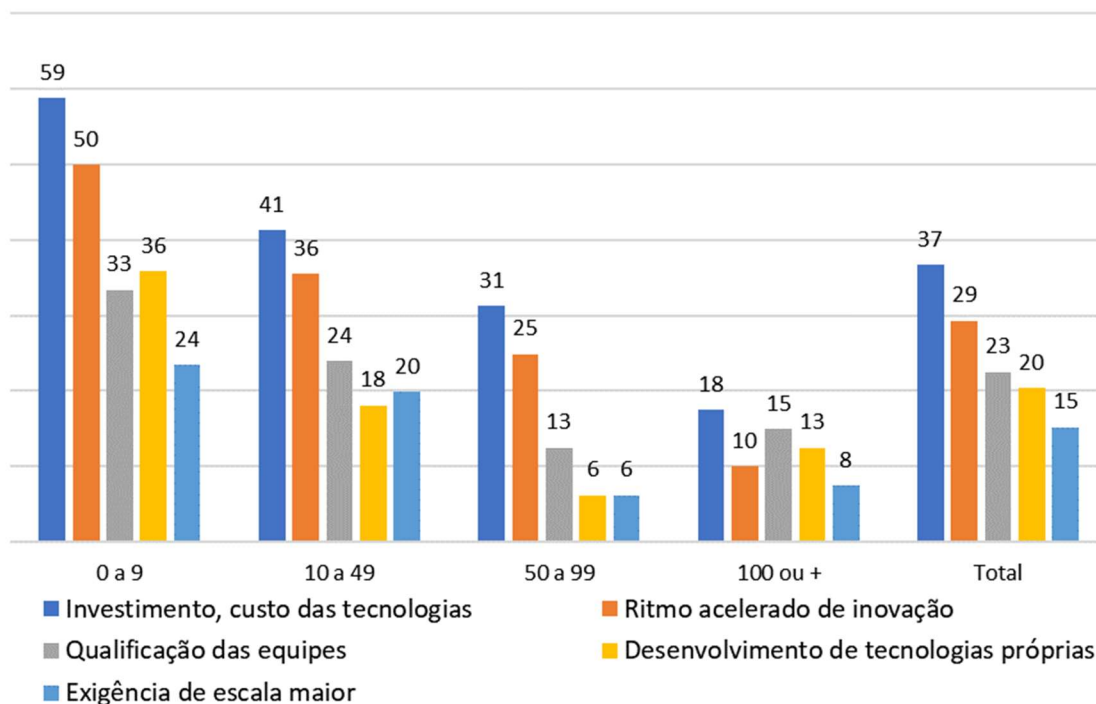
Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

6.4. Inovação e evolução da tecnologia

O fator considerado como maior dificuldade para acompanhamento da evolução tecnológica do setor e as tecnologias mais competitivas é o custo das tecnologias (37% das empresas avaliaram como “grande dificuldade” ou a empresa “não consegue acompanhar”). O segundo fator é o ritmo acelerado da inovação (29%) e o terceiro é a qualificação das equipes (23%) (Figura 15).

A leitura pelos estratos de tamanho das empresas aponta que o grau de dificuldade com o custo das tecnologias e o ritmo acelerado de inovação é tanto maior, quanto menor é o estrato de número de empregados (59% e 50% respectivamente no estrato de 0 a 9 vínculos e 18% e 10% no estrato de 100 ou mais vínculos). Com certa variação, os demais fatores também seguem esse padrão proporcionalmente ao porte das empresas.

Figura 15 – Grau de dificuldade “Grande” e “Não consegue acompanhar” a evolução tecnológica do setor (%)



Fonte: Consórcio América-Fato – pesquisa com empresas/2023.

6.5. Certificações e sustentabilidade

A disponibilidade de certificações é um indicativo do grau de capacitação das empresas para finalidades específicas relacionadas à sua produção. No conjunto da amostra, 17,2% dos empreendimentos possuem certificação de qualidade, destacando-se como predominante a ISSO 9001 (13,5%) e a ISO 9004 (2,1%).

Possuem certificações ambientais 13,9% dos empreendimentos no conjunto da amostra, sendo a mais frequente a ABVTEX (6,4%), seguida de um conjunto de certificações ISO. As certificações setoriais são menos frequentes, sendo informadas por 4,5% dos empreendimentos no conjunto da amostra. De maneira geral, as certificações estão muito concentradas no estrato de 100 ou mais empregados e no imediatamente anterior, sendo pouco frequentes nos estratos de menor número de vínculos.

No que tange à sustentabilidade, para regiões com posição desfavorável no mercado globalizado, nichos como o de moda sustentável podem ser alternativas interessantes de crescimento, caso a região disponha de matéria-prima condizente, força de trabalho protegida da exploração e capacitação para marketing e design requeridos.

No setor de confecções, a diferenciação do produto é um dos principais elementos que moldam a competitividade. Há, ainda, os desafios gerados pelos nichos de mercado, que direcionam produtos para tipos específicos de consumidores, os quais tendem a ser exigentes em relação à qualidade dos produtos. O mercado da moda sustentável é um exemplo desse tipo de mercado, cujo consumidor avalia suas escolhas tendo por base os

impactos socioambientais gerados nas etapas produtivas, como geração de resíduos, consumo de produtos químicos na produção de tecidos, tingimentos e acabamentos, contaminação do solo e água, emissões de gases de efeito estufa.

Com um mercado em crescimento, empresas voltadas para a moda sustentável se caracterizam, entre outros aspectos, pela utilização de materiais orgânicos e reciclados, o uso de energia renovável, a promoção de práticas justas de trabalho, o consumo de produtos locais, a obtenção de certificações e selos de boas práticas produtivas, além de transparência com as informações.

Ao nível mundial, algumas empresas já estão adotando práticas mais sustentáveis, indicando a importância desse nicho, incorporando de forma crescente linhas de roupas sustentáveis, feitas a partir de materiais orgânicos e reciclados.

No campo da governança, em 2019, a ONU¹ formou a “Aliança pela Moda Sustentável”, a partir da união de líderes do setor da moda, ativistas, especialistas em sustentabilidade e outras partes interessadas da indústria da moda, buscando contribuir para o atingimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

¹ <https://www.unep.org/pt-br/explore-topicos/eficiencia-de-recursos/what-we-do/sustentabilidade-e-circularidade-da-moda>

7. Cenário atual do setor têxtil e de confecções

De uma produção nacional e centralizada há pouco mais de duas décadas, o mercado do setor têxtil e de confecções, assim como os demais setores industriais, passou por uma **profunda dispersão espacial dos elos da cadeia em diferentes países**, formando as chamadas Cadeias Globais de Produção, que se caracterizam por atividades de uma mesma cadeia localizadas em diferentes países, formando uma rede coordenada por algumas empresas (COSTA, 2011).

Diferente das cadeias comandadas pelo produtor, geralmente intensivas em tecnologia, cadeias como a têxtil, de vestuário, de calçado, de móveis, entre outras, são hoje comandadas pelo comprador, que desempenha um papel descentralizador da produção em diferentes países exportadores. Considerando as economias de escala globais, a confecção e a demanda intensiva de mão de obra e de cuidados ambientais é transferida para os chamados países em desenvolvimento, enquanto as atividades de marketing, desenvolvimento, distribuição e comercialização de produtos são controladas diretamente pelos países dos compradores.

Diante da mudança do ambiente de competição no mercado, as empresas brasileiras reduziram seus quadros de empregados, importaram máquinas e equipamentos atualizados tecnologicamente e passaram a utilizar fibras artificiais e sintéticas, que passaram a ser importadas principalmente da China, juntamente com as fibras naturais que utilizavam até então. A partir de 2000, as importações de produtos chineses foram aumentando, incluindo matérias-primas industriais e também produtos confeccionados. Nesse período, a indústria têxtil e de confecções brasileira não tinha competitividade para concorrer com os preços dos produtos importados, resultando na diminuição da operação e fechamento de muitas empresas. **Sua relação com a cadeia de valor globalizada ocorre basicamente na disputa do mercado regional e nacional.** Atualmente, essa cadeia está se reorganizando, principalmente após a retomada da atividade com o fim das restrições sanitárias da pandemia de Covid-19, mas antes disso, também pelo efeito da crise que se instalou a partir de 2015.

Segundo Pereira e Ferreira (2020), diversos fatores concorrem para a perda de competitividade da indústria têxtil e de confecções diante dos produtores externos, sobretudo a China. Entre esses fatores estão a apreciação da moeda brasileira, os custos de logística ineficientes, a elevada tributação e o alto grau de proteção comercial do setor nos países concorrentes.

É importante considerar que a perda ou a incapacidade competitiva para participar de mercados externos, na atual economia globalizada, também representa perda ou incapacidade competitiva de se manter no mercado interno, pois cada vez mais o mercado interno é influenciado e controlado pelas grandes cadeias globais de produção. Pereira e Ferreira (2020) contabilizaram a evolução agressiva da China no mercado doméstico brasileiro no período de 1997 a 2017, indicando essa mudança na dinâmica do mercado interno brasileiro.

Não é necessário maior detalhamento conceitual para concluir sobre os impactos desse processo de “desindustrialização” sobre o crescimento dos setores industriais e sobre o desenvolvimento econômico nacional e regional, considerando que **o Brasil está ocupando, atualmente, uma posição aquém de sua potencialidade em setores como o têxtil e de confecções**, considerando seu impacto na geração de riqueza, emprego e renda.

Nas entrevistas realizadas com os stakeholders no âmbito das fontes primárias desse estudo, a competitividade do setor foi avaliada pelos entrevistados como limitada, embora haja empresas competitivas, tanto no mercado interno quanto externo, mas que seriam uma minoria. **Os fatores que limitam a competitividade são identificados basicamente como sendo sistêmicos, ou seja, com pouco controle das indústrias do setor.**

Na avaliação dos entrevistados, também, o Nordeste possui vantagem logística para internacionalização por estar mais perto do hemisfério norte. Contudo, para essa vantagem ser efetiva seria necessário investir nos portos e na infraestrutura logística na região.

Para um stakeholder entrevistado, há grande espaço para evoluir com uma agenda que colocaria o Nordeste em uma posição diferenciada, considerando temáticas como a descarbonização, energia limpa e legislações trabalhistas.

O fato é que o setor têxtil e de confecções brasileiro, até o momento, se inseriu de uma forma muito subalterna no mercado globalizado, **acolhendo a concorrência da produção asiática em seu mercado interno e não disputando de forma competitiva nos mesmos mercados dos seus concorrentes, reduzindo sua participação relativa na produção mundial e atendendo, apenas parcialmente, seu mercado interno.** Atualmente, mesmo que uma empresa atue de forma geograficamente restrita ao mercado interno, ela está competindo com referência ao mercado global e sujeita, cada vez mais, ao seu dinamismo e evolução.

Do ponto de vista dos mercados, portanto, o setor têxtil e, principalmente, o de confecções na área de atuação da Sudene, ainda atuam predominantemente no âmbito regional, com participação significativa no destino de suas vendas dos próprios estados do Nordeste, preponderando o município e região de entorno dentro do estado em que se encontram os empreendimentos, tendo apenas alguns destinos para estados do Sudeste, preponderando São Paulo.

Assim, os setores têxtil e de confecções, após uma significativa redução de seu tamanho ao nível nacional proporcionada pela abertura dos mercados e a concorrência com a produção asiática, na área de atuação da Sudene, se consolidou em uma posição muito focada em um mercado de dimensões muito regionais.

A partir de 2015, entretanto, o setor vem registrando um novo processo de redução, mais em número de estabelecimentos do que número de vínculos, fruto de uma crise que já estava instalada antes mesmo da pandemia de Covid-19, apontando para uma tendência de diminuição e de concentração do setor na área de atuação da Sudene.

De maneira geral, está se reduzindo o acesso aos mercados para as empresas da área de atuação da Sudene, resultado de um conjunto de fatores combinados, destacando-se a concorrência direta com produtos importados, os custos tributários, o custo e a falta de infraestrutura de distribuição e a burocracia para movimentar mercadorias entre os mercados.

Mais recentemente, novos desafios tem se apresentado para acessar mercados, entre eles o comércio eletrônico. Se, por um lado, a plataformas de e-commerce oferecem a oportunidade de acessar clientes em locais distantes, por outro, passa a exigir um tipo de capacitação nova que representa uma dificuldade adicional para um setor tradicional.

Os empreendimentos do setor, especialmente, os micro e pequenos, estão se inserindo de forma precária no comércio digital, subutilizando recursos como redes sociais e aplicativos de comunicação, frente a usos mais sofisticados e profissionais de concorrentes de fora do mercado regional.

Além disso, o comércio digital parece estar afetando também o cliente das indústrias do setor, em grande parte, pequenos estabelecimentos comerciais que também sofrem a concorrência do mercado digital e estão passando a diversificar mais seus fornecedores, exigindo das indústrias da região que passem a atuar nessas plataformas.

Um importante sistema de acesso a mercados existente na região são as feiras, algumas especializadas do setor, outras diversificadas e não focadas em produtores. Estas feiras funcionam como estratégia de identificação regional e atração de compradores, reduzindo os custos em relação a redes de representantes (muitas vezes, não acessível para as indústrias menores) e canalizando boa parte do comércio local.

Essas feiras, entretanto, têm sofrido o impacto das alterações mais recentes nos mercados. As que tem alcance regional reduzido ao entorno de sua localidade foram fortemente impactadas pela pandemia de Covid-19 e algumas sucumbiram ou reduziram drasticamente. As feiras mais estruturadas, por sua vez, embora impactadas pela pandemia, estão buscando se ajustar às mudanças nos mercados e sendo desafiadas a promover sua transformação digital, buscando espaço em um equilíbrio instável entre a realização do comércio presencial, considerado indispensável para o estabelecimento da confiança em relação aos produtos comercializados, e a demanda de realizar parte ou toda as transações de venda de forma digital.

Aparentemente, como já comentado anteriormente, há pouca consciência no setor que a perda ou incapacidade competitiva de se manter no mercado interno é, em grande medida, também a incapacidade competitiva para participar de mercados externos, tendo em vista a economia globalizada.

O setor na área de atuação da Sudene e no Brasil de maneira geral, não está engajado nas cadeias de produção e distribuição globais. Com custos relativos mais elevados que os países asiáticos e outros, não é competitivo para se engajar nas cadeias de moda com padrão de competição em preço. Para atuar de forma mais eficiente no padrão de

competição por diferenciação, entretanto, faltam capacitações de gestão e design, bem como uma estratégia e uma especialização regional que identificasse a produção local ao ponto de ser incluída nos mercados globais.

Uma estratégia de diferenciação da região, considerando o cenário atual, é o desenvolvimento de produção sustentável, baseada em fibras naturais (utilizando o algodão produzido na região), que contasse com força de trabalho protegida por legislação (e portanto, não resultando de exploração do trabalho) e que agregasse uma identidade cultural regional (padronagens e estamparias próprias relacionadas à cultura do Nordeste, do semiárido e da tradição regional).

Uma produção desse tipo se qualifica para ocupar o mercado nacional e internacional, além do próprio mercado regional num nível maior que o atual, com diferencial de preço em função de seu valor agregado. Essa produção está alinhada com tendências de mercado atuais, possivelmente com nichos de mercado de tamanho suficiente para comportar o crescimento da produção local. Os nichos focados são os que valorizam aspectos de sustentabilidade ambiental e social.

Essa estratégia, entretanto, demanda uma rede de empresas articuladas e uma cadeia de valor que inclua o desenvolvimento e a capacitação em design, a pesquisa de mercados, o desenvolvimento de programas, além da articulação da cadeia propriamente dita: o fornecimento das fibras e tecidos, as boas práticas de produção, um sistema de distribuição e de comunicação eficientes, financiamento e alinhamento com as tecnologias que estão assumindo importância nos mercados, logística eficiente e reversa, transformação digital e tecnologias de materiais e de produção.

Diversas empresas que atualmente não fazem parte do setor, especialmente na área de tecnologia, precisam ser incorporadas à cadeia de valor mais ampla que a cadeia produtiva do setor. Com isso, o crescimento do setor passa a ter papel de transbordamento para o desenvolvimento regional quanto mais a cadeia for suprida localmente, fomentando um genuíno desenvolvimento regional sustentado.

O desenvolvimento dessa governança econômica não é fácil de ser obtido ou mesmo de ser estimulado e subsidiado, pois requer capacitações de atores em toda a cadeia de valor. Além disso, depende de empresas líderes, que estabelecessem marcas reconhecíveis que possibilitem disputar mercados, inserindo-se, efetivamente, na indústria da moda internacional, ainda que continuasse atuando preponderantemente no mercado nacional.

Por se tratar de uma estratégia inovadora, demanda significativo investimento, inicialmente com alto risco, que por sua vez, tendo em vista a condição das empresas, iria demandar financiamento e programas de apoio e incentivos próprios.

Papel especial nessa estratégia é desempenhado pelas micro, pequenas e médias empresas, as quais têm que se especializar e se capacitar para atender etapas e processos dentro dos elos dessa cadeia, incluindo os tradicionais de produção, mas também os de relacionamento com os mercados, a transformação digital exigida, a utilização intensiva de tecnologias de materiais e de processos, sem perder de vista a identidade e a cultura

regional. Esse perfil de empresa é particularmente demandante de condições especiais de apoio e capacitação, sendo que seriam um dos principais motores para o transbordamento do crescimento setorial para o desenvolvimento regional.

Considerando essa estratégia, que por um lado apresenta consideráveis desafios, por outro, qualifica a área de atuação da Sudene na perspectiva de desenvolver instrumentos mais eficientes de redução das desigualdades regionais. Ou seja, poderia atrair interesses, esforços e recursos adicionais, em relação a outras regiões, por conta do interesse no desenvolvimento regional.

Além dessa estratégia, atuar sobre os desafios e oportunidades identificados no setor, certamente resultarão em crescimento ou minimização de impactos negativos. Nesse sentido, as restrições impostas e os impactos provocados pela pandemia de Covid-19 foram, sem dúvida, muito negativos, seja pelas mortes provocadas, seja pelas consequências econômicas que as restrições sanitárias provocaram.

Contudo, o episódio permitiu também verificar o impacto de políticas de crédito mais efetivas por parte do Estado, ainda que emergenciais, com resultados na manutenção de empregos e do funcionamento da economia. Por parte do setor, muitas das empresas que sobreviveram à conjuntura de pandemia, revisaram seus processos e reavaliaram seu funcionamento, proporcionando maior produtividade no período subsequente.

Ao que tudo indica, as políticas de redução das desigualdades regionais, no Nordeste, têm sido suficientes para não deixar que aumentasse a distância entre as regiões neste quesito, porém, não têm sido suficientes para reduzir efetivamente o cenário de desigualdade, considerando indicadores, como por exemplo, a participação da região no PIB nacional, sendo atualmente próxima da metade de sua participação na população.

Frente a isso, cabe avaliar a implementação de políticas de maior impacto, que estimulem a atração de novas empresas, porém, tendo benefícios tanto maiores quanto maior for a demanda gerada de fornecedores locais. Ou seja, que subsidiasse o investimento gerador de desenvolvimento regional, neste caso, medido pelo transbordamento da cadeia de suprimentos e, preferencialmente, dos processos de desenvolvimento de produtos e tecnologias para a região.

Estratégias desse tipo certamente teriam grande impacto no crescimento sustentado de setores tradicionais, como o têxtil e de confecções.

De forma sintética, portanto, os desafios e oportunidades do setor na área de atuação da Sudene podem ser sumarizados da seguinte forma:

Desafios:

- Aumento da concorrência com produtos importados nos mercados atendidos pelos empreendimentos do setor na área de atuação da Sudene, devido à reestruturação mundial da cadeia produtiva no escopo do processo de globalização, afetando a parcela ainda significativa do setor que atua basicamente no mercado regional, assim como no mercado nacional.

- Reduzido desenvolvimento de uma governança econômica pautada pela cooperação e integração entre as empresas, capaz de formar polos dinâmicos tais como APLs, APIs, clusters ou outro formato, apesar do setor contar com aglomerações regionais importantes e vínculo histórico e cultural com a indústria têxtil e de confecções.
- Reduzido investimento, que é realizado basicamente com recursos próprios das empresas, ficando sujeito à condição financeira das empresas para alavancar o crescimento do setor.
- Crédito com custo elevado, especialmente para pequenas e médias empresas, limitando muito a capacidade de investimento e manutenção de um fluxo de caixa mínimo em períodos de crise ou restrições de mercado, resultando, juntamente com outros fatores, em um ambiente de negócios pouco favorável ao investimento e ao risco.
- Reduzida inovação de produtos, limitada principalmente à renovação do parque de máquinas para acompanhar o padrão nacional do setor, com pouco investimento no desenvolvimento de novos produtos com potencial de agregação de valor por diferenciação de design ou integração a outras tecnologias (monitoramento de parâmetros de saúde, de atividade esportiva, etc.).
- Parcela significativa do setor, principalmente de pequeno e médio porte, ainda concorre no padrão de competição de preço, contudo, em posição desvantajosa por conta da escala e dos custos associados.
- Dificuldade, especialmente de micro e pequenas empresas, para realizar vendas para outros estados, tendo em vista custos e burocracia tributária.
- Falta de capacitação das empresas para participar do comércio eletrônico e para o uso de recursos digitais, seja para acesso a mercados e distribuição, seja para integração e cooperação com outras empresas da cadeia de valor.
- Canais tradicionais de distribuição como as feiras na área de atuação da Sudene estão sendo desafiados a melhorar sua infraestrutura e oferecer soluções combinadas de relação presencial e comércio eletrônico eficientes para manter sua funcionalidade de referência para atração de compradores.

Oportunidades:

- Reorganização da distribuição global do setor pode tornar a região atrativa para marcas globais transferirem parte da produção, promovendo a inserção tardia da produção nacional em uma nova configuração geográfica do mercado mundial, com as empresas existentes ou novas empresas vindo a se posicionar como fornecedoras de grandes marcas e compradores internacionais.
- Possibilidade de desenvolvimento da média e pequena empresa local, focada em especialidades com maior valor agregado, capacitada a atender mercados mais exigentes em qualidade e diferencial.
- Potencial da região para se qualificar ao atendimento de mercados que valorizem a sustentabilidade, tanto no segmento têxtil, com utilização do algodão produzido na região, como no de confecções, tendo em vista dispor de força de trabalho com proteção legal, posição geopolítica estratégica próxima dos mercados da América

do Norte e Europa, e potencial para fornecer base para design e estilos com apelo na cultura regional, a partir de uma governança econômica regional especializada no acesso a mercados de nicho.

- Potencial de integração das cadeias têxtil, principalmente de algodão, com a de confecções, principalmente de especialidades de maior valor agregado, articulando a produção de matérias-primas e tecidos com a confecção de peças de vestuário com tecnologias de design, materiais e conformidade em ESG, como estratégia de adensamento e crescimento do setor dentro da área de atuação da Sudene.
- A área de atuação da Sudene conta com instrumentos e incentivos específicos voltados à redução das desigualdades econômicas e sociais e ao desenvolvimento da região, que podem se constituir em importantes diferenciais para o setor no âmbito regional, na medida em que forem direcionados a estimular o desenvolvimento tecnológico, a inovação e o acesso a mercados diferenciados através do transbordamento das empresas do setor para o desenvolvimento da cadeia de valor, como contrapartida e elegibilidade para o acesso a incentivos e isenções.
- Promover o acesso a mercados, especialmente para micro e pequenas empresas, através do letramento digital, desenvolvimento da conectividade e da transformação digital das empresas, viabilizando que, na medida que as empresas disporem de produtos competitivos, principalmente em especialidades, possam acessar mercados distantes, fazendo frente à concorrência de fora da região a partir de plataformas de e-commerce que vêm se popularizando principalmente após a pandemia de Covid-19.

8. Aglomerados do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene

Considerando esses desafios e oportunidades e o cenário atual desenhado a partir dos resultados do diagnóstico realizado, no nível estratégico, as diferentes regiões ou localidades que apresentam maior concentração de empreendimentos e empregos não se diferenciam significativamente em relação aos desafios e oportunidades identificados.

Os aglomerados são relevantes por concentrarem maior número de empregos, porém, em número de estabelecimentos responsáveis pelos empregos, alguns aglomerados não chegam a contar com 30 estabelecimentos, resultando em médias de empregados por estabelecimento mais elevadas. Trata-se, portanto, de municípios com importância em empregos, mas que não se diferenciam por serem aglomerados de empreendimentos. Aglomerados desse tipo são mais frequentes no setor têxtil, que é uma indústria que demanda escala e maquinários de maior porte, resultando em empresas com média de empregados maiores que as de confecções. Nessa condição são identificados 26 aglomerados do setor na área da Sudene.

Quadro 1 – Aglomerados relevantes com menor número de estabelecimentos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene

Município	UF	Setor	Empregos (2019)	Estabelecimentos (2019)	Média	MEI ¹ (2022)	empregos da ind. transf. (%)	% VAB ² indústria
Conceição do Coité	BA	Têxtil	688	12	57,3	16	43,8%	15,9%
Itabuna	BA	Confecções	2.223	24	92,6	210	51,1%	15,9%
Camaçari	BA	Têxtil	1.283	9	142,6	77	5,1%	53,8%
Mata de São João	BA	Têxtil	657	2	328,5	7	68,5%	16,4%
Valença	BA	Têxtil	625	2	312,5	15	58,1%	9,3%
Pacatuba	CE	Confecções	1.172	22	53,3	175	50,5%	27,1%
Horizonte	CE	Têxtil	934	7	133,4	14	8,1%	39,0%
Maracanaú	CE	Têxtil	5.156	20	257,8	45	19,1%	33,4%
Pacajus	CE	Têxtil	841	1	841,0	4	33,3%	32,7%
Frecheirinha	CE	Confecções	1.885	23	82,0	15	98,0%	30,7%
Mantena	MG	Confecções	1.054	25	42,2	81	94,2%	6,3%
Montes Claros	MG	Têxtil	3.113	13	239,5	138	25,9%	21,0%
Pirapora	MG	Têxtil	1.744	3	581,3	21	45,4%	43,6%
Campina Grande	PB	Têxtil	1.246	14	89,0	130	7,8%	23,5%
São Bento	PB	Têxtil	514	28	18,4	65	88,2%	12,5%
Itaporanga	PB	Têxtil	649	28	23,2	30	85,1%	9,5%
João Pessoa	PB	Têxtil	2.890	26	111,2	252	26,2%	18,6%
Santa Rita	PB	Têxtil	865	5	173,0	17	10,9%	28,9%
Abreu e Lima	PE	Têxtil	453	3	151,0	21	12,3%	27,5%
Jaboatão dos Guararapes	PE	Têxtil	1.047	9	116,3	170	7,6%	18,9%
Parnamirim	RN	Confecções	1.295	24	54,0	244	27,2%	12,8%
Macaíba	RN	Têxtil	955	5	191,0	10	20,2%	28,1%
Aracaju	SE	Têxtil	609	15	40,6	165	8,4%	14,2%
Riachuelo	SE	Têxtil	527	1	527,0	0	71,5%	25,9%
Estância	SE	Têxtil	812	8	101,5	20	34,0%	37,4%
Neópolis	SE	Têxtil	492	2	246,0	1	98,8%	7,9%

Fonte: Consórcio América-Fato com base em MTP/RAIS, 2019; DataSebrae (2022); IBGE Produto Interno Bruto dos Municípios. ¹ MEI Microempresa Individual; ² VAB Valor Agregado Bruto do setor industrial no Produto Interno Bruto municipal.

A maioria desses aglomerados com menor número de estabelecimentos está localizada em municípios grandes em termos populacionais, geralmente cidades maiores em regiões

metropolitanas ou do interior. Nesse sentido, são cidades com maior dinamismo populacional. Nessa condição, a participação do setor no emprego da indústria da transformação é muito variável, dependendo da maior ou menor diversidade setorial da indústria local. É variável, também, a participação da indústria no valor agregado bruto (VAB) da economia local, ou seja, há municípios com perfil industrial relevante e outros não.

Nesse contexto, o reduzido número de empresas limita a articulação local da governança e, nesse sentido, deixa as empresas nesses aglomerados em condição similar às demais do setor.

Outros 20 aglomerados do setor têxtil e de confecções, por sua vez, se diferenciam desse primeiro grupo por apresentarem maiores concentrações de estabelecimentos, habilitando-os a poder contar com uma governança econômica mais robusta localmente, voltada à cooperação e integração. Evidentemente, pequenas aglomerações podem desenvolver esse tipo de governança, ou mesmo desenvolverem ações voltadas a atrair e concentrar empresas do setor. Contudo, trata-se de uma oportunidade que requer significativo esforço e liderança empresarial, já que os mecanismos de estímulo e atração de empresas, até o momento, não foram suficientes ou mesmo não estão focados no objetivo de concentrar maior número de empresas e empregos em alguns municípios.

Quadro 2 – Aglomerados relevantes com maior número de estabelecimentos do setor têxtil e de confecções na área de atuação da Sudene

Município	UF	Setor	Empregos (2019)	Estabelecimentos (2019)	Média	MEI ¹ (2022)	empregos da ind. transf. (%)	% VAB ² indústria
Feira de Santana	BA	Confecções	1.042	162	6,4	786	6,0%	22,4%
Salvador	BA	Confecções	2.496	278	9,0	2.756	11,3%	12,8%
Vitória da Conquista	BA	Confecções	2.378	65	36,6	523	24,0%	15,5%
Caucaia	CE	Confecções	1.311	80	16,4	717	10,8%	30,6%
Fortaleza	CE	Confecções	25.001	1.641	15,2	6.137	41,5%	13,7%
Maracanaú	CE	Confecções	4.381	81	54,1	419	16,3%	33,4%
Maranguape	CE	Confecções	1.978	60	33,0	236	45,1%	20,9%
Fortaleza	CE	Têxtil	2.899	116	25,0	706	4,8%	13,7%
Colatina	ES	Confecções	2.804	152	18,4	554	35,6%	27,5%
São Gabriel da Palha	ES	Confecções	2.131	90	23,7	146	83,1%	16,4%
Caruaru	PE	Confecções	5.097	577	8,8	1874	43,3%	13,1%
Santa Cruz do Capibaribe	PE	Confecções	4.259	501	8,5	1092	89,5%	14,3%
Toritama	PE	Confecções	1.282	205	6,3	341	61,4%	22,8%
Caruaru	PE	Têxtil	951	89	10,7	177	8,1%	13,1%
Toritama	PE	Têxtil	706	28	25,2	3	33,8%	22,8%
Recife	PE	Confecções	2.317	162	14,3	1081	9,6%	13,8%
Teresina	PI	Confecções	1.918	191	10,0	1129	12,9%	17,7%
Natal	RN	Confecções	8.483	121	70,1	773	51,4%	13,6%
Natal	RN	Têxtil	1.812	35	51,8	252	11,0%	13,6%
Tobias Barreto	SE	Têxtil	601	111	5,4	50	69,6%	6,4%

Fonte: Consórcio América-Fato com base em MTP/RAIS, 2019; DataSebrae (2022); IBGE Produto Interno Bruto dos Municípios. ¹ MEI Microempresa Individual; ² VAB Valor Agregado Bruto do setor industrial no Produto Interno Bruto municipal.

Independentemente da maior ou menor aglomeração de empreendimentos e empregos, do ponto de vista da avaliação da importância da concentração de empregos e presença

de outras empresas próximas, a maioria dos empreendimentos entrevistados na pesquisa primária se demonstrou favorável a estar localizado nesses aglomerados (78,1%).

A percepção predominante dos entrevistados é que a aglomeração de empregos irá beneficiar, sim, a oferta de força de trabalho para as empresas, além, como alguns comentaram, fomentar o desenvolvimento regional. Porém, um aspecto muito destacado pelos entrevistados se refere à visibilidade, à atração de clientes e também de fornecedores que uma aglomeração de empresas proporciona. Muitas empresas da região já se encontram em regiões consideradas por elas próprias como referência, que recebem compradores que vão para a região (desde sacoleiras até atacadistas e lojas de varejo) em busca de diversidade e preço. Outras, que não estão nesses municípios de referência entendem que o seu município poderia ser incluído nos circuitos de compradores, o que resultaria em aumento do potencial de vendas.

Ou seja, entre as motivações para estar instalada em aglomerações do setor, a principal é o acesso a mercados e clientes que a visibilidade da localidade permite, e não tanto as oportunidades de cooperação produtiva.

No funcionamento das feiras, particularmente, o principal efeito de aglomeração resulta principalmente desse fator de acesso a mercados e a clientes a baixo custo, conforme os resultados do levantamento realizado nas feiras da área de atuação da Sudene.

Entre os que não veem ganho nessa aglomeração de empregos e empresas, ou mesmo como ressalva dos que veem a situação da aglomeração como positiva, é comentado o receio quanto ao aumento da concorrência entre as empresas locais. De certa forma, algumas empresas avaliam que poderiam perder, mais do que ganhar clientes caso outras empresas disputassem o mercado a partir do mesmo município. Outras ainda, não realizam suas vendas em contato com os compradores, mas de forma indireta, através de representantes ou, mais recentemente, comunicação digital, dispendo de uma clientela regular e estabelecida e, nesse caso, sendo indiferentes quanto à aglomeração de empresas ser um mecanismo de acesso a mercados.

Ou seja, a polarização, como ganho de eficiência, que pudesse mobilizar as empresas para participar de processos mais sofisticados de governança, está associada principalmente com a oportunidade de ter acesso a mercados e clientes e, secundariamente, com o aumento da oferta de força de trabalho capacitada ou de estratégias de cooperação locais.

Essa é uma percepção geral mais presente entre as empresas com menor número de empregados. Para as empresas maiores, o benefício da polarização como atrativo de clientes não tem a mesma relevância, pois geralmente contam com estruturas de comercialização com representantes e distribuidores.

A evolução e disseminação do comércio digital não reforça o interesse na construção de uma governança econômica local, considerando especificamente o ganho da região como referência para os compradores. A possibilidade desse canal de distribuição reunir remotamente compradores e vendedores torna os aglomerados regionais, do ponto de vista de referência para acesso ao mercado, menos relevantes, devendo ser considerado

nos cenários futuros para o setor a tendência de aumento do comércio digital e seu impacto na distribuição regional das empresas, as quais teriam, neste caso, maior interesse em localidades com boa infraestrutura de distribuição.

Especificamente em relação à presença e estabilidade de aglomerações econômicas como “motores de inovação, crescimento e ganhos de produtividade, bem como polos de atração de novas atividades” (CRUZ et al., 2020, p. 14), os autores comentam que se trata de uma discussão em aberto, reconhecendo o papel indutor de crescimento de políticas voltadas para estimular as aglomerações, mas também mencionando críticas quanto aos efeitos negativos nas regiões “perdedoras”, que não logram sucesso na polarização.

As aglomerações dos setores têxtil e de confecções identificadas na área de atuação da Sudene não possuem, em geral, uma governança econômica mais robusta, com maior nível de organização, cooperação e estoque de capital social.


A distribuição das empresas do setor na área de atuação da Sudene é apresentada, a seguir, pelos estados que concentram a maior parte dos empregos.

8.1. Ceará

O estado do Ceará contava em 2021 com 2.288 estabelecimentos do setor de confecções (eram 2.341 em 2019), responsável por 40.224 empregos (eram 41.760 em 2019), além de 10.339 MEIs neste mesmo grupo de atividade econômica. O setor têxtil, por sua vez, somava 244 estabelecimentos em 2021 (eram 235 em 2019) no Ceará, responsável por 12.323 empregos (eram 11.531 em 2019). O número de MEIs do grupo de atividade têxtil é menor, somando 1.529 em 2022.

Somados, têxtil e confecções representavam quase um quarto (23,9%) dos empregos da indústria da transformação em 2019 no Ceará. Do próprio setor na área de atuação da Sudene, o Ceará era responsável em 2021 por 29,0% dos estabelecimentos e 33,9% dos empregos, sendo, portanto, um setor importantíssimo no emprego industrial do estado e do setor na área da Sudene (Figura 16).

Figura 16 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Ceará (2021)



Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	29	2.954	5,6	101,9	18,1	22,6
Tecelagem e Fabricação de Malha	19	5.517	10,5	290,4	15,0	35,7
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	196	3.852	7,3	19,7	16,5	17,1
Total têxtil	244	12.323	23,5	50,5	16,5	24,1
Confecção de Peças do Vestuário	1.647	22.684	43,2	13,8	30,9	31,6
Roupas Íntimas e Outras Confecções	641	17.540	33,4	27,4	33,4	54,0
Total confecções	2.288	40.224	76,5	17,6	31,6	38,6
Total setor	2.532	52.547	100,0	20,8	29,0	33,9

Fonte: MTP/RAIS.

O setor de confecções apresenta um perfil de menor porte (com média de 17,6 vínculos por estabelecimento em 2021), além de possuir muitas pessoas ocupadas informalmente ou registradas como MEI. O setor têxtil, por sua vez, é mais concentrado, com média de 50,5 empregados por estabelecimento, sendo que em Pacajus, contava com um único estabelecimento no município com 864 empregos em 2021.

Do ponto de vista estadual, o setor têxtil e de confecções está muito concentrado no que pode ser considerado o polo regional de Fortaleza, com aglomerações tanto de confecções quanto do setor têxtil. No município de Fortaleza (Tabela 3) estava concentrada a maior parte dos estabelecimentos do setor no estado em 2021 (1.700), a maior parte dos empregos (25.869) e de MEIs do Ceará (6.843).

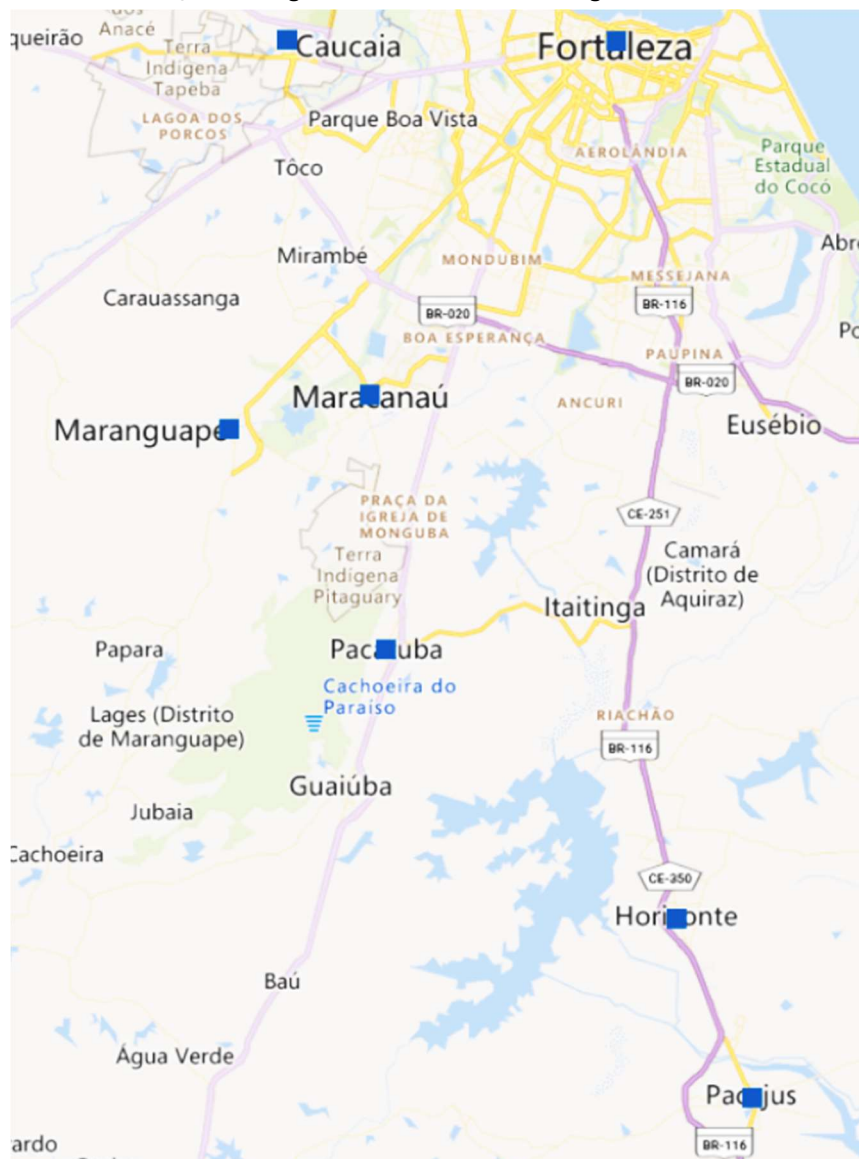
Tabela 3 Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Fortaleza/CE (2021)

Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% do Estado	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	9	1.517	5,9	168,6	31,0	51,4
Tecelagem e Fabricação de Malha	5	474	1,8	94,8	26,3	8,6
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	105	1.354	5,2	12,9	53,6	35,2
Total têxtil	119	3.345	12,9	28,1	48,8	27,1
Confecção de Peças do Vestuário	1.230	15.432	59,7	12,5	74,7	68,0
Roupas Íntimas e Outras Confecções	351	7.092	27,4	20,2	54,8	40,4
Total confecções	1.581	22.524	87,1	14,2	69,1	56,0
Total setor	1.700	25.869	100,0	15,2	67,1	49,2

Fonte: MTP/RAIS.

Na Região Imediata de Fortaleza, entretanto, outras quatro aglomerações de confecções estão localizadas em Caucaia, Maracanaú, Maranguape e Pacatuba, bem como três aglomerações do setor têxtil em Horizonte, Maracanaú (que assim como Fortaleza abriga aglomerações de ambos os setores) e Pacajus, este último o mais distante de Fortaleza. Trata-se de uma região com aglomerados relativamente próximos e integrados em uma região metropolitana. Alguns aglomerados dessa região contavam com poucos estabelecimentos em 2021, a exemplo de Pacajus (21), Pacatuba (21) e Horizonte (26).

Figura 17 – Distribuição dos aglomerados do setor na região imediata de Fortaleza/CE.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

A única aglomeração que não está localizada na Região Imediata de Fortaleza no estado do Ceará é a de confecções de Frecheirinha, que contava com 37 estabelecimentos e 2.425 empregos em 2021 no setor, se constituindo no principal setor industrial do município, ou seja, com grande relevância local, mas peso relativamente pequeno no contexto estadual (1,6% dos estabelecimentos e 4,6% dos empregos em 2021).

O estado do Ceará conta com uma industrialização histórica no setor têxtil e de confecções ligada à cultura do algodão, que proporcionou a instalação de uma indústria têxtil de origem local no final do século 19. Até o presente, o algodão é a matéria-prima principal da indústria têxtil local, sendo que as classes de atividade econômica de preparação, fiação e tecelagem de fibras e fios de algodão representavam 63% do total de vínculos do setor têxtil no estado em 2019.

A característica concentrada, geograficamente, do setor na Região Imediata de Fortaleza, contudo, não oportunizou até o momento a formação de algum tipo de cooperação mais

estruturada, ao ponto de abrigar um arranjo produtivo local (APL) ou outra categoria de polarização. De forma localizada, apenas Frecheirinha conta com um histórico de organização diferenciado. O aglomerado regional não conta com empresas líderes, no sentido de serem empresas com porte e capacidade de dinamizar a atividade de outras empresas na localidade, contando apenas com 5 estabelecimentos em 2021 com mais de mil empregados. A prática de integração produtiva mais frequente, conforme foi apurado pela pesquisa com as empresas, é a facção para outra empresa, prática comum em aglomerados de empresas do setor. O mercado da indústria de confecções e mesmo da têxtil do Ceará é predominantemente local (para as empresas de menor porte) e para a Região Nordeste, atendendo, também, São Paulo e estados do Sul e Sudeste, secundariamente. Apenas uma empresa entrevistada informou exportar para outros países.

Ou seja, o polo regional da Região Imediata de Fortaleza tem potencial para vir a sediar empresas integradas a elos da cadeia global da moda, porém, não no padrão de competição preço, mas podendo desenvolver especialidades, tornando-se uma referência internacional dentro da grande cadeia global do setor por ter uma produção com sustentabilidade ambiental e social, bem como referencial cultural local.

Muitas capacitações, entretanto, necessitariam ser mais bem desenvolvidas para o aglomerado regional se qualificar ao atendimento de novos mercados, entre elas, particularmente, de um lado, a integração e cooperação efetiva da cadeia de valor regional, envolvendo a área de conhecimento da governança, e de outro, promovendo a transformação digital e a capacidade de inovação das empresas, incluindo micro e pequenas empresas, as quais desempenham papel importante em cadeias de produção de especialidades no setor, principalmente, de confecções.

As feiras são muito populares e presentes em toda a região. Contudo, abrigam principalmente o comércio de produtos (revenda), com proporcionalmente poucos produtores, utilizando esse meio de comercialização como forma de acesso a mercados. O perfil do feirante produtor é o de micro e pequeno porte, que vende principalmente para o mercado local e do entorno.

Fortaleza é uma capital regional importante e concentra grande volume de atividade do setor terciário, atendendo a uma extensa região de influência. Contudo, apesar da presença histórica da indústria têxtil e de confecções na região, o setor não conta com feiras especializadas.

Trata-se, portanto, de uma aglomeração regional que reflete muito bem o perfil geral da indústria do setor na área de atuação da Sudene.

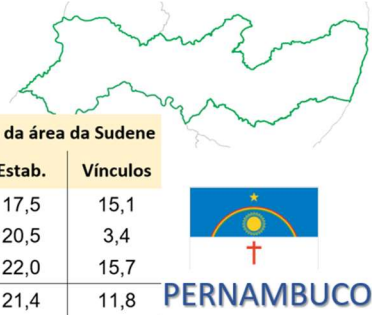
No que tange à composição da força de trabalho, mais da metade dos postos de trabalho no setor em 2021 (57,6%) eram ocupados por mulheres, proporção superior à área de atuação da Sudene (52,7%). Em relação à indústria da transformação na área da Sudene, entretanto, a proporção de mulheres na força de trabalho é mais que o dobro. Embora o setor ofereça ocupação para mulheres em proporção superior à indústria da transformação, a remuneração média das mulheres é significativamente menor que a dos homens dentro

do setor (-16,5%) e maior ainda em relação à indústria da transformação (-22,6%). Esse é um indicativo de que o setor ainda tem foco no padrão de competição preço. Embora a força de trabalho tenha legislação protetiva, ainda é um setor menos remunerado relativamente à indústria da região.

8.2. Pernambuco

O estado de Pernambuco contava em 2021 com 2.018 estabelecimentos do setor de confecções, responsável por 17.458 empregos, além de 8.674 MEIs em 2022 neste mesmo grupo de atividade econômica. O setor têxtil, por sua vez, somava 316 estabelecimentos em 2021 no estado, responsável por 6.027 empregos. O número de MEIs do grupo de atividade têxtil é menor, somando 1.901 em 2022. Somados, têxtil e confecções representavam 12,3% dos empregos da indústria da transformação em 2019 em Pernambuco. Do próprio setor na área de atuação da Sudene, Pernambuco era responsável em 2021 por 26,8% dos estabelecimentos e 15,1% dos empregos (Figura 18).

Figura 18 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Pernambuco (2021)



Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	28	1.968	8,4	70,3	17,5	15,1
Tecelagem e Fabricação de Malha	26	532	2,3	20,5	20,5	3,4
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	262	3.527	15,0	13,5	22,0	15,7
Total têxtil	316	6.027	25,7	19,1	21,4	11,8
Confecção de Peças do Vestuário	1.665	14.457	61,6	8,7	31,3	20,2
Roupas Íntimas e Outras Confecções	353	3.001	12,8	8,5	18,4	9,2
Total confecções	2.018	17.458	74,3	8,7	27,9	16,8
Total setor	2.334	23.485	100,0	10,1	26,8	15,1

Fonte: MTP/RAIS.

O setor de confecções apresenta um perfil de micro e pequeno porte predominante, com média de 8,7 vínculos por estabelecimento em 2021, além de possuir muitas pessoas ocupadas informalmente ou registradas como MEI. O setor têxtil, por sua vez, também é de pequeno porte, com média de 19,1 empregados por estabelecimento, sendo que em Abreu e Lima e Jaboatão dos Guararapes, contavam com 11 estabelecimentos nos dois municípios, somando 1.599 empregos em 2019.

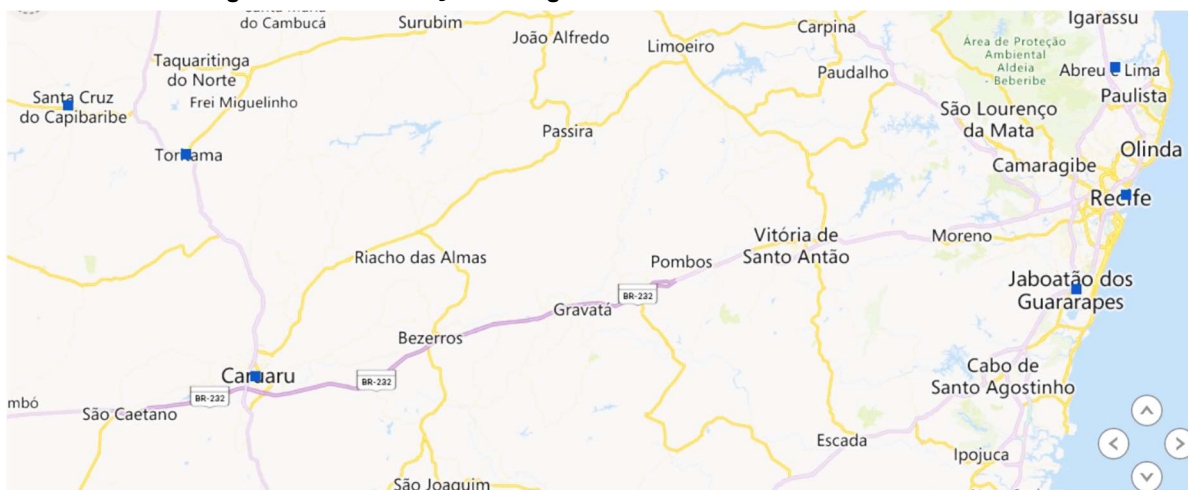
Do ponto de vista regional, o setor está muito concentrado no polo regional do Agreste Pernambucano, com aglomerações tanto de confecções quanto têxtil. Os municípios de Caruaru e Toritama abrigam aglomerações relevantes tanto de empresas de confecção, quanto têxtil, enquanto Santa Cruz do Capibaribe abriga uma aglomeração de confecções. Os três municípios concentravam mais da metade dos estabelecimentos do setor no estado (1.420, correspondendo a 60,8%), dos empregos (12.231, correspondendo a 52,1%) em 2021 e um terço das MEIs em 2022 (3.487, correspondendo a 33,0%).

A Região Imediata de Caruaru, da qual fazem parte Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, é a única aglomeração regional importante do setor na área de atuação da Sudene que não inclui uma capital estadual. O setor têxtil e de confecções nos três

municípios é responsável por 66,0% dos empregos da indústria da transformação local, constituindo-se em uma destacada especialização regional.

As demais aglomerações do setor em Pernambuco estão localizadas na Região Imediata de Recife, incluindo além da capital, Abreu e Lima e Jaboatão dos Guararapes. O setor somava 241 estabelecimentos nestes municípios, dos quais 189 em Recife, e 4.355 empregos em 2021, dos quais 2.427 em Recife. A representatividade do setor na indústria da transformação desses municípios era de 9,2% em 2019.

Figura 19 – Distribuição dos aglomerados do setor em Pernambuco.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

O estado de Pernambuco, assim como o Ceará, conta com uma industrialização histórica no setor têxtil e de confecções ligada à cultura do algodão, embora com uma retomada mais acentuada na segunda metade do século XX. Atualmente, entretanto, ainda que o algodão continue sendo uma matéria-prima importante da indústria têxtil local, a fiação de fibras sintéticas e artificiais também é significativa no total de empregos do setor têxtil no estado.

A característica concentrada, geograficamente, do setor nas regiões imediatas de Caruaru e de Recife não oportunizou até o momento a formação de algum tipo de cooperação mais estruturada, ao ponto de abrigar um arranjo produtivo local (APL) ou outra categoria de polarização. O aglomerado regional da região imediata de Caruaru não conta com empresas líderes, contando apenas com 2 estabelecimentos em 2021 com mais de 500 empregados. A prática de integração produtiva mais frequente, conforme foi apurado pela pesquisa com as empresas, é a realização de parte do trabalho para outra empresa, prática específica do setor de fabricação de jeans, que conta com processos especializados de tratamento dos tecidos e das peças, envolvendo serviços de lavanderia e estonagem. Nesse sentido, trata-se de um elo adicional da cadeia local que se beneficia da proximidade geográfica do conjunto de empreendimentos envolvidos.

O mercado da indústria de confecções e mesmo da têxtil de Pernambuco, assim como nos demais estados da área de atuação da Sudene, é predominantemente local (para as empresas de menor porte) e para a Região Nordeste, atendendo, também, São Paulo e

estados do Sul e Sudeste, embora algumas empresas entrevistadas informaram exportar para outros países.

A região conta com uma característica particular em relação à área de atuação da Sudene que é contar com feiras especializadas de venda da produção no aglomerado regional da região imediata de Caruaru. A estratégia dessas feiras, predominantemente de produtores e não de revendedores, é realizar a venda para o varejo e o atacado de roupas e tecidos a partir da referência que a região desfruta como polo produtor de confecções e de jeans particularmente.

As feiras de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe estão em processo de crescimento, com boa infraestrutura de acolhimento dos compradores e previsão de investimentos em expansão física e gerencial, com proposta de desenvolvimento de aplicativo de e-commerce específico. A feira de Caruaru, por sua vez, que não conta com área privada, apresenta maiores dificuldades de infraestrutura e acolhimento dos compradores.

Trata-se, portanto, de uma aglomeração regional com um perfil geral um pouco mais diferenciado do predominante na indústria do setor na área de atuação da Sudene. Um desafio da região será se atualizar nas tecnologias de comércio e logística remotos. As feiras físicas possivelmente continuem representando papel importante como estratégia de acesso a mercados, entretanto, apenas na medida em que se atualizarem e empreenderem inovações em plataformas de e-commerce e logística inteligente, capaz de proporcionar acesso ao novo mercado que está se constituindo. O pequeno varejo, que representa grande parcela do mercado regional, também está sendo pressionado a se ajustar às novas tecnologias de comercialização, sendo necessário monitorar sua evolução e possibilitar que a produção da região dispute novos mercados, tendo em vista a tendência de aumento da concorrência com a produção de importados, proporcionada por essa mesma tecnologia de comércio digital.

A região, particularmente, comportaria estratégias de posicionamento local no cenário de reorganização da produção globalizada, na medida em que se habilitasse a ocupar a “janela de oportunidade” apontada para uma produção regional, com maior apelo à sustentabilidade e à cultura local.

No que tange à composição da força de trabalho do setor, pouco menos da metade dos postos de trabalho em 2021 (46,9%) eram ocupados por mulheres, proporção menor que na área de atuação da Sudene (52,7%). Em relação à indústria da transformação na área da Sudene, entretanto, a proporção de mulheres na força de trabalho é de pouco menos que o dobro. A remuneração média das mulheres é menor que a dos homens dentro do setor (-8,2%) e também em relação à indústria da transformação (-9,6%).

8.3. Bahia

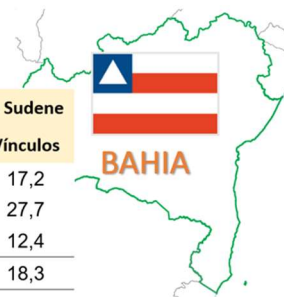
O estado da Bahia contava em 2021 com 789 estabelecimentos do setor de confecções (eram 910 em 2019), responsáveis por 11.879 empregos (eram 11.458 em 2019), além de 8.575 MEIs neste mesmo grupo de atividade econômica em 2022. Ou seja, registrou-se um processo de concentração, com redução do número de empresas e aumento do

número de empregos. O setor têxtil, por sua vez, somava 284 estabelecimentos em 2021 no estado, sendo responsável por 9.329 empregos (em 2019 eram 276 estabelecimentos e 7.174 empregos). O número de MEIs do grupo de atividade têxtil é significativo, somando 2.661 em 2022 (Figura 20).

Somados, têxtil e confecções representavam 9,2% dos empregos da indústria da transformação em 2019 na Bahia. Na área de atuação da Sudene em 2021, a Bahia concentrava 12,3% dos estabelecimentos e 13,7% dos empregos no setor. O setor de confecções, com maior participação na área de atuação da Sudene (18,2% dos empregos), apresenta um perfil de menor porte (com média de 15,1 empregados por estabelecimento em 2021), além de possuir muitas pessoas ocupadas informalmente ou registradas como MEI. O setor têxtil também é de pequeno porte, ainda que conte com média de 32,8 empregados por estabelecimento.

Figura 20 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Bahia (2021)

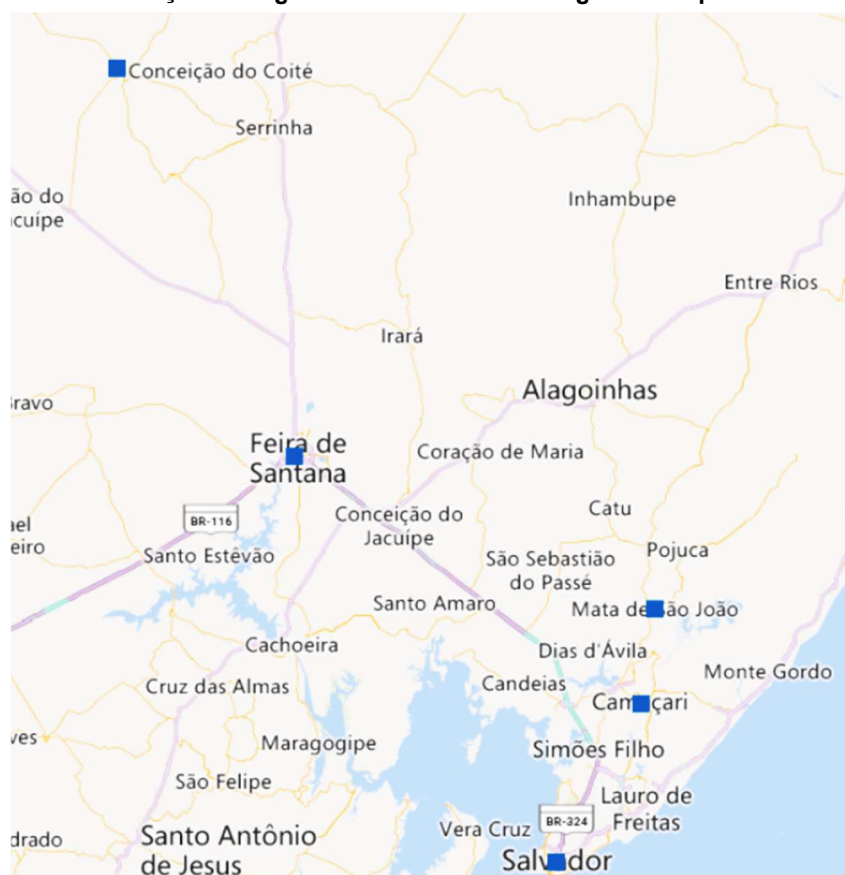
Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	56	2.248	10,6	40,1	35,0	17,2
Tecelagem e Fabricação de Malha	26	4.284	20,2	164,8	20,5	27,7
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	202	2.797	13,2	13,8	17,0	12,4
Total têxtil	284	9.329	44,0	32,8	19,2	18,3
Confecção de Peças do Vestuário	523	7.226	34,1	13,8	9,8	10,1
Roupas Íntimas e Outras Confecções	266	4.653	21,9	17,5	13,9	14,3
Total confecções	789	11.879	56,0	15,1	10,9	11,4
Total setor	1.073	21.208	100,0	19,8	12,3	13,7



Fonte: MTP/RAIS.

O setor têxtil na Bahia possui quatro municípios que concentram maior número de empregos, mas relativamente poucos estabelecimentos: Mata de São João, Valença, Camaçari e Conceição do Coité. No segmento de confecção os aglomerados identificados na Bahia também não contam com elevado número de estabelecimentos, mesmo em Salvador e Feira de Santana. Do ponto de vista regional, o setor têxtil e de confecções não está concentrado em municípios muito próximos. A maior concentração de aglomerados do setor está na Região Metropolitana de Salvador (Figura 21).

Figura 21 – Distribuição dos aglomerados do setor na região metropolitana de Salvador.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

Trata-se, portanto, de um contingente significativo de estabelecimentos e empregos, porém, com elevado grau de dispersão no estado da Bahia. Salvador e Feira de Santana concentram a maior parte dos estabelecimentos do setor de confecções no estado (382 em 2021, correspondendo a 48,4% dos estabelecimentos). O setor de confecções nesses municípios é de pequeno porte e informal, concentrando 41,3% das MEIs do estado em 2022 (3.542) e aproximadamente um quarto dos empregos do setor (2.927 correspondendo a 24,7% dos empregos no estado em 2021).

Conceição do Coité, Camaçari e Mata de São João são aglomerados do segmento têxtil, representando, em conjunto, 8,4% dos estabelecimentos (24 ao todo) e 37,6% dos empregos (3.512) do estado da Bahia em 2021.

Entre os demais aglomerados, Vitória da Conquista é o que concentra maior número de estabelecimentos, com 49 no segmento de confecções e 63 em conjunto com o segmento têxtil, representando 5,9% dos estabelecimentos da Bahia em 2021. Em número de empregos, são 3.072 no segmento de confecções (25,9% da Bahia). Geograficamente, entretanto, Vitória da Conquista está relativamente distante de Itabuna, aglomerado de confecções mais próximo, que contava em 2021 com 24 estabelecimentos no segmento (3,0% do estado) e 2.222 vínculos (18,7% do total da Bahia).

No que tange à composição da força de trabalho do setor, pouco mais da metade dos postos de trabalho em 2021 (51,7%) eram ocupados por mulheres, com remuneração

média menor que a dos homens (-22,1%) e também em relação à indústria da transformação (-29,3%).

8.4. Rio Grande do Norte

O estado do Rio Grande do Norte contava em 2021 com 461 estabelecimentos do setor de confecções, responsável por 15.121 empregos, além de 2.177 MEIs neste mesmo grupo de atividade econômica em 2022. O setor têxtil, por sua vez, somava apenas 142 estabelecimentos no estado, sendo responsável por 4.522 empregos em 2021 e 795 MEIs em 2022. Em relação à área de atuação da Sudene, o setor têxtil e de confecções do Rio Grande do Norte representava 6,9% dos estabelecimentos e 12,7% dos vínculos (Figura 22). Somados, entretanto, têxtil e confecções representavam mais de um terço (36,3%) dos empregos da indústria da transformação em 2019 no Rio Grande do Norte, sendo, portanto, um setor muito importante no emprego industrial do estado.

Figura 22 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Rio Grande do Norte (2021)

Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	13	798	4,1	61,4	8,1	6,1
Tecelagem e Fabricação de Malha	10	1.871	9,5	187,1	7,9	12,1
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	119	1.853	9,4	15,6	10,0	8,2
Total têxtil	142	4.522	23,0	31,8	9,6	8,9
Confecção de Peças do Vestuário	311	13.193	67,2	42,4	5,8	18,4
Roupas Íntimas e Outras Confecções	150	1.928	9,8	12,9	7,8	5,9
Total confecções	461	15.121	77,0	32,8	6,4	14,5
Total setor	603	19.643	100,0	32,6	6,9	12,7

Fonte: MTP/RAIS.

O que diferencia o estado do Rio Grande do Norte é contar com um estabelecimento no setor de confecções com mais de 7,7 mil empregados em 2021, possivelmente o maior estabelecimento em número de vínculos do setor na área de atuação da Sudene, representando aproximadamente a metade dos empregos no segmento de confecções do estado.

Do ponto de vista regional, além da concentração em um grande estabelecimento, o setor têxtil e de confecções está muito concentrado nos aglomerados de Natal, tanto de confecções quanto do segmento têxtil, Macaíba e Parnamirim.

Figura 23 – Distribuição dos aglomerados do setor na região de Natal/Macaíba.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

A característica concentrada, geograficamente, do setor na Região Imediata de Natal não oportunizou até o momento, contudo, a formação de algum tipo de cooperação mais estruturada, ao ponto de abrigar um arranjo produtivo local (APL) ou outra categoria de polarização. O aglomerado regional, entretanto, pode estar contando com empresas líderes de grande porte com efeito de dinamização local do setor. Conforme foi apurado pela pesquisa com as empresas, mais da metade das empresas entrevistadas possuem áreas ou processos terceirizados, quase todas incluindo etapas ou processos de produção.

No que tange à composição da força de trabalho do setor, pouco mais da metade dos postos de trabalho em 2021 (55,5%) eram ocupados por mulheres, com remuneração média significativamente menor que a dos homens (-17,0%) e menor ainda em relação à indústria da transformação (-30,2%).

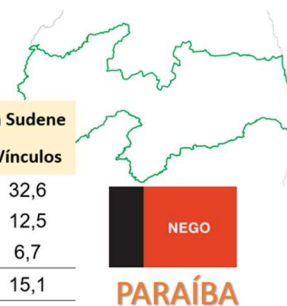
8.5. Paraíba

O estado da Paraíba contava em 2021 com 250 estabelecimentos do setor de confecções, responsável por 3.462 empregos. O setor têxtil, por sua vez, somava apenas 150 estabelecimentos no estado, sendo responsável, entretanto, por 7.699 empregos em 2021 e 795 MEIs em 2022. Em relação à área de atuação da Sudene, o setor têxtil da Paraíba possui grande representatividade, agregando 10,2% dos estabelecimentos e 15,1% dos vínculos (Figura 24).

Somados, têxtil e confecções representavam mais de um terço (36,3%) dos empregos da indústria da transformação da Paraíba em 2019, sendo, portanto, um setor muito importante no emprego industrial do estado.

Figura 24 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Paraíba (2021)

Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	19	4.255	38,1	223,9	11,9	32,6
Tecelagem e Fabricação de Malha	31	1.938	17,4	62,5	24,4	12,5
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	100	1.506	13,5	15,1	8,4	6,7
Total têxtil	150	7.699	69,0	51,3	10,2	15,1
Confecção de Peças do Vestuário	162	1.312	11,8	8,1	3,0	1,8
Roupas Íntimas e Outras Confecções	88	2.150	19,3	24,4	4,6	6,6
Total confecções	250	3.462	31,0	13,8	3,5	3,3
Total setor	400	11.161	100,0	27,9	4,6	7,2



Fonte: MTP/RAIS.

A importância do segmento têxtil na Paraíba é destacada pela presença de dois estabelecimentos com mais de mil empregados e outros dois na faixa de 500 a 999 empregados, ao mesmo tempo que conta com significativo número de pequenos estabelecimentos, especialmente na atividade de fabricação de artefatos têxteis e acabamentos, com média de 8,4 empregados por estabelecimento em 2021. O segmento de confecções estadual é reduzido, relativamente à área de atuação da Sudene, com média de apenas 3,5 empregados por estabelecimento.

Do ponto de vista regional, não há concentração de aglomerados em regiões próximas. Os aglomerados de João Pessoa e de Santa Rita são muito próximos, porém, este último conta com pequeno número de estabelecimentos. Campina Grande, Itaporanga e São Bento estão dispersos na porção central no território da Paraíba (Figura 25).

Figura 25 – Distribuição dos aglomerados do setor na Paraíba.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.


Menos da metade dos postos de trabalho em 2021 (42,1%) eram ocupados por mulheres, proporção menor que a registrada na área de atuação da Sudene (52,7%). Em relação à indústria da transformação na área da Sudene, entretanto, a proporção de mulheres na força de trabalho é maior. A remuneração média das mulheres no setor é significativamente menor que a dos homens (-25,2%). Em relação à indústria da transformação a diferença da remuneração das mulheres em relação aos homens era de -18,4%.

8.6. Minas Gerais

Minas Gerais, assim como o Espírito Santo, são estados que possuem apenas uma parcela de sua área incluída na área de atuação da Sudene. Nesse estudo, a análise é realizada com base nos municípios que fazem parte da área de atuação da Sudene. Entre estes municípios, portanto, no estado de Minas Gerais, o setor contava com 362 estabelecimentos e 8.618 empregos, representando 4,2% e 5,6%, respectivamente, da área de atuação da Sudene. A participação dos municípios mineiros na área da Sudene é mais significativa no segmento têxtil, no qual representa 10,9% dos empregos em 2021. Na atividade de fabricação de artefatos têxteis e acabamentos, particularmente, se concentra a maioria dos empregos do setor (62,4%), sendo que esses empregos correspondem a 23,9% do total dessa atividade na área de atuação da Sudene (Figura 26).

Figura 26 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Minas Gerais na Área de atuação da Sudene (2021)

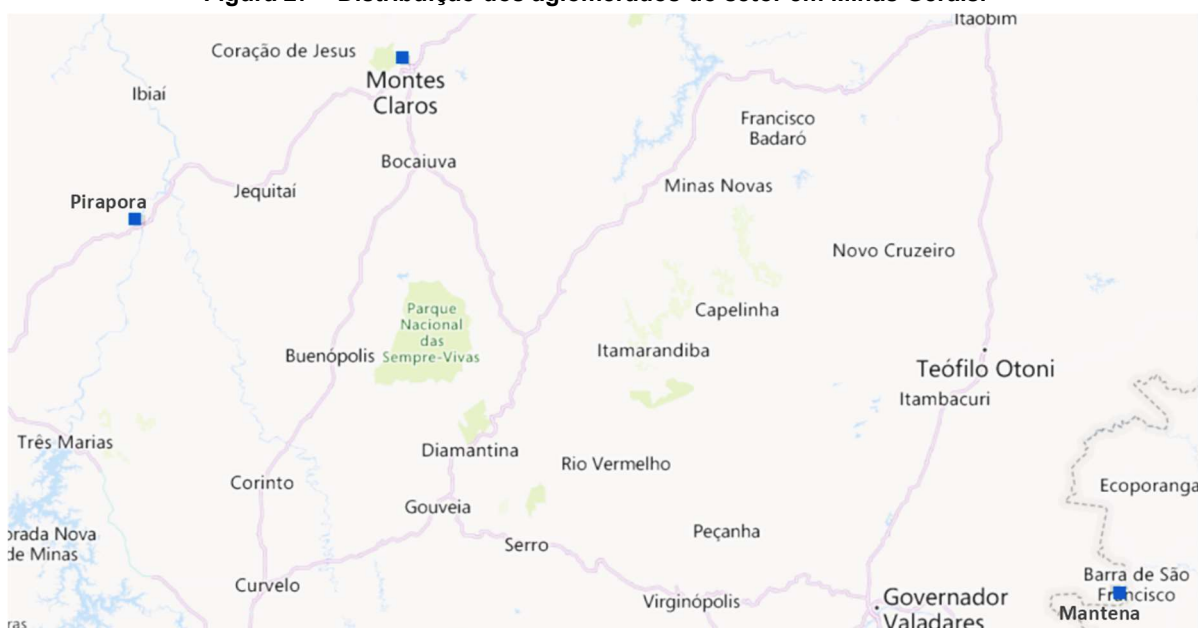
Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	3	154	1,8	51,3	1,9	1,2
Tecelagem e Fabricação de Malha	2	11	0,1	5,5	1,6	0,1
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	51	5.381	62,4	105,5	4,3	23,9
Total têxtil	56	5.546	64,4	99,0	3,8	10,9
Confeção de Peças do Vestuário	216	2.395	27,8	11,1	4,1	3,3
Roupas Íntimas e Outras Confeções	90	677	7,9	7,5	4,7	2,1
Total confecções	306	3.072	35,6	10,0	4,2	2,9
Total setor	362	8.618	100,0	23,8	4,2	5,6



Fonte: MTP/RAIS.

Na porção pertencente a área de atuação da Sudene, do ponto de vista regional, os aglomerados de Montes Claros, Pirapora e Mantena estão dispersos na porção nordeste no território de Minas Gerais (Figura 27).

Figura 27 – Distribuição dos aglomerados do setor em Minas Gerais.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

No que tange à composição da força de trabalho do setor, menos da metade dos postos de trabalho em 2021 (46,4%) eram ocupados por mulheres. A remuneração média das mulheres no setor é significativamente menor que a dos homens (-29,3%). Em relação à indústria da transformação a diferença da remuneração das mulheres em relação aos homens era de -21,0%.

8.7. Espírito Santo

O estado do Espírito Santo, assim como Minas Gerais, possui apenas uma parcela de sua área incluída na área de atuação da Sudene. Entre os municípios do Espírito Santo na área da Sudene, o setor contava com 411 estabelecimentos e 7.011 empregos, representando 4,7% e 4,5%, respectivamente, da área de atuação da Sudene. A participação dos municípios do Espírito Santo na área de atuação da Sudene é mais significativa no segmento de confecções, no qual representa 6,2% dos empregos. Na atividade de confecção de peças de vestuário, exceto roupa íntima, particularmente, se concentra a maioria dos empregos do setor (88,4%), sendo que esses empregos correspondem a 8,6% do total dessa atividade na área de atuação da Sudene (Figura 28).

Figura 28 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Espírito Santo (2021)

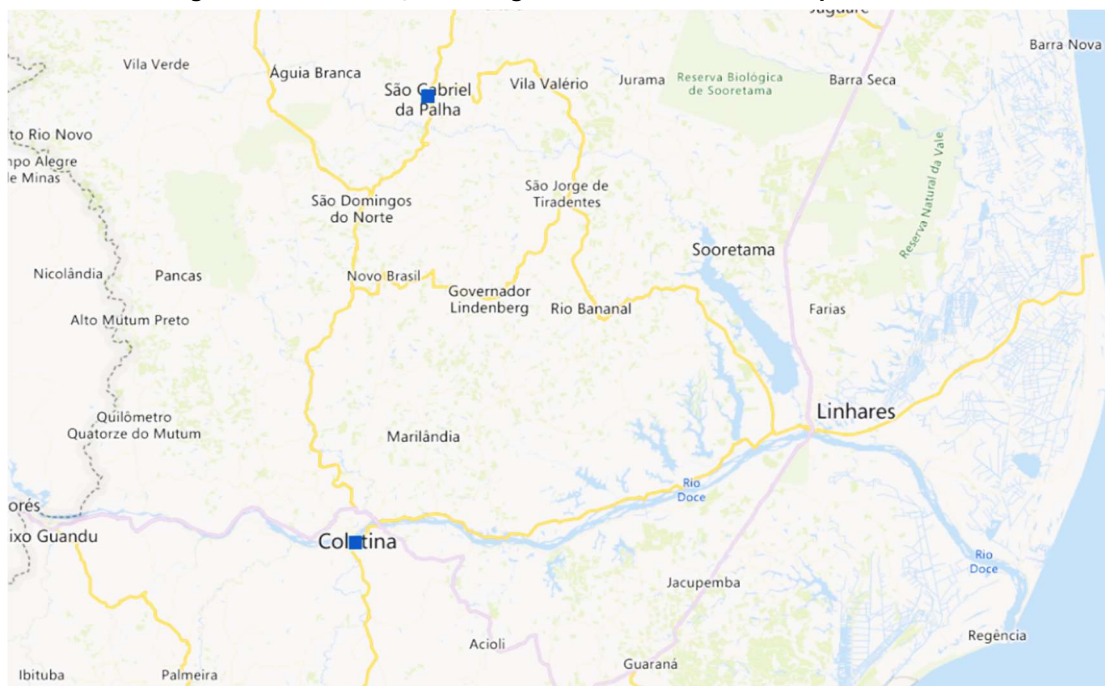
Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	0	0	0,0	-	0,0	0,0
Tecelagem e Fabricação de Malha	3	16	0,2	5,3	2,4	0,1
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	49	581	8,3	11,9	4,1	2,6
Total têxtil	52	597	8,5	11,5	3,5	1,2
Confecção de Peças do Vestuário	314	6.198	88,4	19,7	5,9	8,6
Roupas Íntimas e Outras Confecções	45	216	3,1	4,8	2,3	0,7
Total confecções	359	6.414	91,5	17,9	5,0	6,2
Total setor	411	7.011	100,0	17,1	4,7	4,5



Fonte: MTP/RAIS.

Na porção pertencente a área de atuação da Sudene, do ponto de vista regional, não há concentração geográfica dos aglomerados. Os aglomerados de Colatina e São Gabriel da Palha estão na porção central e norte no território do Espírito Santo (Figura 29).

Figura 29 – Distribuição dos aglomerados do setor no Espírito Santo.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

No que tange à composição da força de trabalho do setor, pouco menos de dois terços dos postos de trabalho em 2021 (63,1%) eram ocupados por mulheres, proporção maior que a registrada na área de atuação da Sudene (52,7%). A remuneração média das mulheres no setor é significativamente menor que a dos homens (-13,1%) e menor ainda em relação à indústria da transformação (-37,8%).

8.8. Sergipe

O estado de Sergipe contava em 2021 com 154 estabelecimentos do setor têxtil, responsável por 4.562 empregos. O setor de confecções, por sua vez, somava 163 estabelecimentos no estado, sendo responsável por 1.808 empregos em 2021. Em relação à área de atuação da Sudene, o setor têxtil de Sergipe agrega 10,4% dos estabelecimentos e 8,9% dos vínculos, configurando-se num segmento têxtil de menor número médio de vínculos por estabelecimento (Figura 30).

Figura 30 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Sergipe (2021)

Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	6	654	10,3	109,0	3,8	5,0
Tecelagem e Fabricação de Malha	9	1.305	20,5	145,0	7,1	8,4
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	139	2.603	40,9	18,7	11,7	11,6
Total têxtil	154	4.562	71,6	29,6	10,4	8,9
Confecção de Peças do Vestuário	100	1.072	16,8	10,7	1,9	1,5
Roupas Íntimas e Outras Confecções	63	736	11,6	11,7	3,3	2,3
Total confecções	163	1.808	28,4	11,1	2,3	1,7
Total setor	317	6.370	100,0	20,1	3,6	4,1

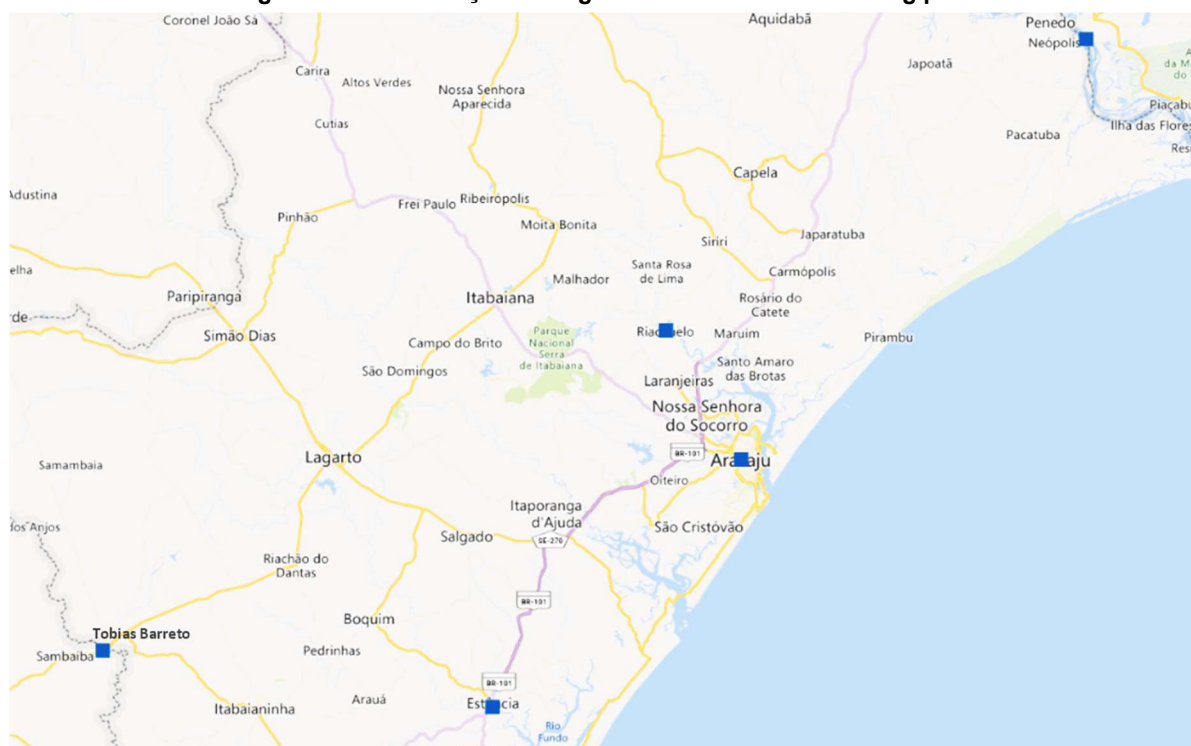


Fonte: MTP/RAIS.

A importância do segmento têxtil em Sergipe é destacada pela presença de três estabelecimentos na faixa de 500 a 999 empregados, ao mesmo tempo que conta com significativo número de pequenos estabelecimentos, especialmente na atividade de fabricação de artefatos têxteis e acabamentos, com média de 11,7 vínculos por estabelecimento em 2021. O segmento de confecções estadual é reduzido, relativamente à área de atuação da Sudene, com média de apenas 2,3 empregados por estabelecimento.

Do ponto de vista regional, não há concentração de aglomerados em regiões próximas. Os aglomerados de Aracaju, Riachuelo, Estância, Neópolis e Tobias Barreto estão dispersos no território do estado do Sergipe (Figura 31).

Figura 31 – Distribuição dos aglomerados do setor em Sergipe.



Fonte: Gerado a partir da função Mapa 3D Microsoft Excel.

Aproximadamente um terço dos postos de trabalho em 2021 (34,3%) eram ocupados por mulheres, proporção menor que a registrada na área de atuação da Sudene (52,7%). A remuneração média das mulheres no setor é significativamente menor que a dos homens (-24,6%), assim como em relação à indústria da transformação (-28,9%).


8.9. Piauí

O estado do Piauí contava em 2021 com 283 estabelecimentos do setor de confecções, responsável por 2.532 empregos. O setor têxtil, por sua vez, somava 19 estabelecimentos no estado, sendo responsável por 107 empregos em 2021. Em relação à área de atuação da Sudene, o setor de confecções de Sergipe agrega 3,9% dos estabelecimentos e 2,4% dos empregos, configurando-se num segmento têxtil de menor número médio de vínculos por estabelecimento (Figura 32).

O estado do Piauí conta com um aglomerado do setor de confecções em sua capital, Teresina, que representava 61,5% dos estabelecimentos do segmento no estado e 64,3% dos empregos em 2021.

Figura 32 – Estabelecimentos e vínculos de emprego por classes agrupadas – Piauí (2021)

Atividade	Estab.	Vínculos	%	Média	% da área da Sudene	
					Estab.	Vínculos
Preparação e Fiação de Fibras Têxteis	4	11	0,4	2,8	2,5	0,1
Tecelagem e Fabricação de Malha	0	0	0,0	0	0,0	0,0
Fab. de Artefatos Têxteis e Acabamentos	15	96	3,6	6,4	1,3	0,4
Total têxtil	19	107	4,1	5,6	1,3	0,2
Confecção de Peças do Vestuário	198	1.942	73,6	9,8	3,7	2,7
Roupas Íntimas e Outras Confecções	85	590	22,4	6,9	4,4	1,8
Total confecções	283	2.532	95,9	8,9	3,9	2,4
Total setor	302	2.639	100,0	8,7	3,5	1,7



Fonte: MTP/RAIS.

Mais dois terços dos postos de trabalho em 2021 (69,4%) eram ocupados por mulheres, proporção maior que a registrada na área de atuação da Sudene (52,7%). A remuneração média das mulheres no setor é menor que a dos homens (-13,8%), assim como em relação à indústria da transformação, onde a diferença da remuneração das mulheres em relação aos homens era de -20,3%.

9. Cenário de referência para o planejamento

Ferramenta essencial para o planejamento é a elaboração de cenários úteis para o planejamento. A referência conceitual para este estudo é o trabalho de Buarque (2003), realizado para o IPEA, no qual avaliou os métodos e as técnicas utilizados no planejamento estratégico governamental, com destaque para cenários regionais e microrregionais.

A construção de cenários para o futuro parte de uma interpretação da condição atual na qual se insere o setor (cenário atual), selecionando aspectos estruturantes desta condição atual e fatores que podem condicionar alterações relevantes do futuro, definindo, dessa forma, diferentes possibilidades de futuro.

Não se trata de uma previsão do futuro, pois há enormes limitações metodológicas para tal, mas de estabelecer possibilidades de evolução do cenário atual de acordo com possíveis comportamentos de fatores estruturantes deste cenário, com destaque para os reflexos que estes cenários podem ter sobre o setor.

Como referências de cenários de evolução possíveis para o planejamento do setor foi utilizado o estudo denominado Cenários Brasil 2035 (IPEA e ASSECOR, 2017), que contou com ampla participação de técnicos e profissionais das mais variadas áreas, estabelecendo quatro cenários possíveis para o Brasil até 2035 e desenvolvendo uma reflexão sobre os condicionantes e possibilidades de futuro considerando diversas dimensões, tanto em abordagens territoriais, quanto temáticas.

Complementarmente, a publicação Megatendências mundiais 2040: contribuição para um debate de longo prazo para o Brasil (MARCIAL e PIO, 2023), elaborado a partir da percepção de experts nacionais e internacionais, identificou temas e possíveis sementes de futuro que atualizam e aprofundam aspectos dos Cenários Brasil 2035.

De forma sintética, os principais fatores disruptivos ou com potencial de ter maior impacto sobre os cenários do setor têxtil e de confecções, estão relacionados ao **papel que as TICs (tecnologias de informação e comunicação) poderão desempenhar acelerando o desenvolvimento e a integração de tecnologias.**

A base para ampliação do alcance e da integração das TICs é a conectividade já proporcionada atualmente pela internet, a qual consolida a tendência de digitização da produção e do consumo, ou seja, a tendência de tornar os negócios digitais, com alterações profundas nos modelos, processos, estratégias dos negócios e estrutura das empresas, que podem passar a atuar também no online (MARCIAL e PIO, 2023). No escopo da digitização, estão incluídas ou diretamente relacionadas as tecnologias de produção, a inteligência artificial, a internet das coisas, a indústria 4.0 e diversos outros processos tecnológicos com potencial de transformar as condições e as relações de produção e consumo.

Embora haja incerteza com relação ao grau e ao ritmo do processo, a transformação digital é considerada como uma tendência de ocorrência certa e, em grande medida, já em curso, conforme os impactos da pandemia de Covid-19 evidenciaram.

As tendências de **utilização de novos materiais e tecnologias de produção** estão relacionadas ao setor, considerando a grande cadeia global da moda, que inclui vestuário, calçados e acessórios, bem como por ele ser considerado o segundo setor com maior impacto ambiental, atrás da indústria do petróleo.

O envelhecimento populacional, por sua vez, irá representar uma mudança de padrões e de costumes, para os quais a moda e o design irão ter que responder. Juntamente com o envelhecimento da população, a elevação do nível de escolarização da população **tenderá a abrir espaço crescente para especialidades, produtos de nicho e diferenciais tais como sustentabilidade e diversidade.**

No lado da produção, o envelhecimento da população irá impactar o perfil e o custo de um setor intensivo em força de trabalho, **pressionando o sistema previdenciário e podendo precarizar as relações de trabalho**, juntamente com outras tendências relacionadas com tecnologias de produção e distribuição, destacadamente, as tecnologias de automação e poupadoras de força de trabalho.

Nos cenários de tendências da globalização, se apresenta como estratégia plausível a **tentativa de atração de investimentos internacionais pelos estados nacionais que hoje disputam mercado com a produção asiática**, como forma de dinamizar suas economias frente às alterações no mercado de trabalho, principalmente, a partir da revolução tecnológica. Contudo, poderá haver também o enfraquecimento do poder dos estados nacionais frente às grandes corporações, uma vez que os países terão que concorrer entre si para **atrair investimentos no novo arranjo geográfico da globalização.**

Outro aspecto a considerar se refere ao **financiamento das iniciativas necessárias para a superação dos desafios indicados para os cenários futuros.** É evidente que a própria revolução tecnológica pode desencadear um novo ciclo de acumulação e, com isso, financiar a adaptação das empresas e da sociedade ao novo cenário que estaria se formando. Contudo, é possível, também, pelo menos em um período inicial da revolução tecnológica, que a **desarticulação de cadeias tradicionais possa levar a uma crise econômica generalizada e ao desemprego estrutural**, gerando apenas maior concentração de riqueza e não um ciclo de expansão do capitalismo. Certamente seria muito difícil para os estados nacionais e a sociedade de maneira geral executar investimentos de grande monta em um ambiente econômico e social muito desfavorável. Além disso, seguindo nessa hipótese, **os “perdedores” no processo de ajuste ao novo cenário poderiam ser amplamente penalizados, resultando em grandes dificuldades para a manutenção das funções básicas do Estado e, com isso, aprofundando as desigualdades regionais que já se apresentam atualmente.**

Por fim, considerando as megatendências mundiais 2040 (MARCIAL e PIO, 2023), os cenários Brasil 2035 (IPEA, ASSECOR, 2017) assumem que avanços nas tecnologias da informação e comunicação (TICs) estão presentes em todos os cenários e com poder de alavancar grandes mudanças, não somente na dimensão econômica, mas nas demais dimensões. Esta indicação, pode ser desdobrada na perspectiva de novas formas de

gestão e de comunicação institucional e social, utilizando redes de comunicação e alta conectividade, desenvolvendo muitas das funções de Estado através de dispositivos e plataformas específicas. **Ou seja, tanto os setores econômicos e a atividade privada, quanto o aparelho de Estado e serviços públicos se transformariam de forma profunda, assumindo um formato que ainda não é conhecido atualmente.**

Como resultado geral da análise desses estudos, foi construído um cenário de referência para o planejamento do setor, combinando os aspectos considerados mais relevantes do conjunto de cenários e avaliações, tendo como foco os processos e tendências com maior impacto para o setor. Foi buscada, também, uma leitura regional, uma vez que os estudos de referência não estabelecem cenários com recortes regionais.

De forma muito resumida, o cenário de referência do setor, considerando como horizonte o ano 2040, aponta que os **estratos de empreendimentos de menor porte enfrentarão grandes dificuldades para lograr competitividade**, mantendo a tendência de diminuição do número de estabelecimentos e de empregados, maior informalidade e reduzida capacidade de crescimento que já marca o setor atualmente na área de atuação da Sudene.

A diferenciação entre mercado interno e externo tenderá a ser cada vez menor, sendo exigidas capacitações similares para enfrentamento da concorrência em ambos e nos diferentes padrões de competição, tanto de preço, quanto de diferenciação.

As empresas de maior porte que lograrem **estratégias exitosas de inserção nos mercados resultantes da revolução tecnológica**, seja pela incorporação, seja pelo desenvolvimento de inovações de produtos e de acesso a mercados, tenderão a crescer atendendo ao mercado globalizado, tanto interno, quanto, potencialmente, o externo.

É esperada a atração de novas empresas produtoras ligadas às grandes redes de varejo e aos grandes compradores internacionais. Nesse cenário, os incentivos fiscais nos moldes atuais possuem reduzido impacto sobre a decisão locacional dessas empresas, se não forem acompanhados da ampliação e melhoria das infraestruturas, principalmente, de distribuição e conectividade.

É incerta a capacidade do setor atender a nichos de mercado de sustentabilidade ambiental, o que exigiria o desenvolvimento de uma especialização regional que abrangesse número suficiente de empresas e uma estrutura de governança econômica eficiente.

Tecnologias convergentes poderão desenvolver **maquinário para microempreendedores**, qualificando a produção e oferecendo oportunidade de entrada de novos trabalhadores, ainda que numa dinâmica de maior precariedade nas relações de trabalho.

As feiras na região tenderão a sofrer uma readequação, consolidando algumas feiras mais competitivas em detrimento das menos organizadas e digitizadas, com tendência a reduzir sua importância para os feirantes que produzem os artigos de venda frente a novas alternativas de comercialização de baixo custo em plataformas de e-commerce.

10. Plano de ações

O Plano de Ações para o setor foi elaborado a partir do cenário atual, desenhado com base no diagnóstico realizado, e considerando as características regionais dos aglomerados do setor e o cenário de referência para o planejamento, conforme apresentado nos capítulos anteriores.

O Plano de Ações está estruturado em Componentes, os quais reúnem grandes áreas temáticas em torno das quais são definidas estratégias, objetivos e ações para o setor. Para cada Componente são definidos Temas Chave, que são selecionados por sua relação com o componente a partir dos resultados do diagnóstico, e Tendências Relevantes, as quais refletem aspectos específicos dos cenários analisados também relacionados com o Componente.

Outra diretriz orientadora são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os quais correspondem a diretrizes estratégicas gerais a serem adaptadas e articuladas em esforços de planejamento nacionais, regionais e setoriais. Tendo em vista o foco do planejamento setorial, quatro Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram selecionados como mais diretamente associados aos temas e estratégias propostos no plano de ações. São eles:



Objetivo 8 - Trabalho decente e crescimento econômico

Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos



Objetivo 9 - Indústria, inovação e infraestrutura

Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação



Objetivo 10 - Redução das desigualdades

Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países



Objetivo 12 - Consumo e produção responsáveis

Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis

No Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (BRASIL, 2017), as diretrizes desses objetivos são apresentadas e detalhadas. Aqui, os ícones de cada objetivo serão apresentados junto às estratégias planejadas, como forma de indicar onde se pretende estar desenvolvendo cada objetivo.

A estruturação do Plano de Ações busca se articular a arranjos institucionais eficientes para sua implementação, considerando a premissa de que o diferencial local e regional dos setores produtivos mais relevante é sua governança econômica e sua capacidade de

propor, planejar e desenvolver ações de forma coordenada. O Modelo de Governança proposto para a implementação do Plano de Ações será apresentado no próximo capítulo.

O Plano de Ações tem um caráter estratégico e busca apontar caminhos consistentes para o crescimento do setor e o desenvolvimento regional, não tendo a pretensão de ser um plano executivo que detalhe metodologias e estabeleça quantidades de esforço e cronogramas de implantação. Isso se deve a um aspecto prático e conceitual essencial assumido pelo Plano: frente às incertezas e dificuldades identificadas pelos cenários, cabe à governança econômica do setor definir suas metas e detalhar os objetivos propostos ao nível executivo de acordo com sua dinâmica e maturidade, bem como de acordo com seus recursos e a conjuntura na qual se encontram os stakeholders envolvidos.

Sendo assim, os componentes, objetivos e ações selecionadas são apresentados na forma de uma ficha que facilita sua comunicação e a identificação de aspectos encadeados e relacionados entre as diferentes ações. Esse formato objetivo e sintético de apresentação é precedido, em cada componente, por comentários e referenciais que sustentam ou especificam aspectos, facilitando a compreensão das propostas e destacando aspectos integrados ou sinérgicos esperados.

A seguir, o Plano de Ações é apresentado a partir de quatro componentes.

10.1. Acesso a mercados

O diagnóstico realizado destacou um aspecto que pode estar na base do encolhimento do setor nos últimos anos em termos de vínculos de emprego. Trata-se do alcance do mercado do setor que é predominantemente regional ou mesmo local. Restrito ao mercado regional, o setor sofre a concorrência crescente dos produtos importados do exterior e de outras unidades da federação.

O setor, na área de atuação da Sudene, assim como no Brasil de maneira geral, não participa dos elos globais de produção globalizada da moda. O país não é visto como fornecedor ou participante dessa cadeia, mas apenas como um mercado.

No entanto, embora a concorrência em preço não seja possível com a produção asiática, seja em custo de mão de obra, seja em custos fiscais, o Brasil e, particularmente, a área de atuação da Sudene, têm potencial para se candidatar a atender elos mais sensíveis a ESG, em alguns segmentos desse gigantesco mercado. A região dispõe de força de trabalho de menor custo, porém, com legislação protetiva, além de uma posição geopolítica muito mais próxima de grandes mercados como o europeu e o norte-americano, além de matérias-primas regionais sustentáveis com o algodão.

Se soma a essa oportunidade, o processo que está se desenvolvendo com maior velocidade após a pandemia de Covid-19 de reindustrialização do ocidente, no contexto da disputa de mercados entre os EUA e a China. Esse processo tende a transferir uma parcela das etapas de produção globalizadas para regiões mais próximas dos grandes mercados do ocidente, tornando a América Latina, particularmente, uma região com potencial para abrigar essa indústria. No Brasil, a área de atuação da Sudene se apresenta como boa

candidata para acolher parte da produção que poderá se deslocar, pelas características já apontadas anteriormente.

Entretanto, esse caminho ainda não foi trilhado e seria pouco efetivo esperar que ele viesse a ocorrer tardiamente, mesmo que haja, atualmente, uma demanda maior de conformidade ambiental e social. Além dessas potenciais vantagens, são requeridas, também, capacitações, muitas delas, recentes ou que virão a se configurar a partir da esperada revolução tecnológica prevista nos cenários futuros.

Toda a indústria mundial está se engajando na transformação digital e, com força crescente, no e-commerce, que torna, virtualmente, todos os mercados acessíveis através de plataformas internacionais de transação e de sistemas logísticos de entrega. Nesse sentido, o mercado regional que hoje é o principal destino da produção do setor na área de atuação da Sudene, está se tornando cada vez mais um mercado global.

Nesse aspecto, entretanto, o setor no Brasil e na área de atuação da Sudene, particularmente, está basicamente na mesma posição que o restante dos países, abrindo uma janela de inserção e de ampliação de mercados a partir da capacitação nessas novas áreas. Apoiar, incentivar e qualificar o setor para estas capacitações, portanto, se tornam um fator estratégico para o crescimento do setor e também para a mitigação de potenciais impactos negativos desse processo de reindustrialização e digitização.

Entre os potenciais impactos negativos estão a precarização do trabalho, através de novas formas de contratação e organização, incluindo o chamado processo de “uberização”, que em linhas gerais propicia que fornecedores, individualmente ou em pequenos grupos, atendam a clientes finais ou intermediários a partir de plataformas com essa finalidade, sem que haja vínculo de trabalho permanente. Facilitaria o desenvolvimento dessas novas relações de trabalho o desenvolvimento de máquinas e equipamentos conectados e inteligentes, que possam operar processos em pequena escala, mas de forma integrada em grandes sistemas de produção.

De qualquer forma, para se capacitar a ponto de disputar uma posição mais vantajosa nessas potenciais transformações, a região necessita dispor de uma infraestrutura de distribuição e de conectividade eficientes, que literalmente precisam alcançar todas as localidades, condição para que a área de atuação da Sudene não fique na periferia desse processo.

Exemplo da importância dessas capacitações, especialmente em e-commerce, é o cenário de evolução das feiras da região, que demandam urgente transformação digital para poderem continuar sendo uma importante estratégia para acesso a mercado para os produtores, geralmente micro e pequenos, da região.

Nos marcos de uma economia aberta à competição internacional será cada vez menos provável a proliferação de processos regionais cumulativos de aglomeração baseados na substituição de importações. A tendência será destes processos, quando surgirem, terem como motor o crescimento autorreforçador do setor exportador.

Sendo assim, as exportações para fora do mercado regional, que hoje ainda é o principal destino da produção do setor na área de atuação da Sudene, é fundamental para alimentar um ciclo de crescimento setorial, com potencial de amplificar o desenvolvimento regional.

Capacitar o setor a ter maior acesso a mercados, nacionais e internacionais, de certa forma, demanda melhorar o desempenho em muitas dimensões da atividade produtiva.

Temas chave obtidos a partir do diagnóstico



- Predominância do mercado regional e local como principal destino da produção
- Feiras como instrumento para acessar compradores mais distantes
- Feiras sem infraestrutura e concorrência entre as feiras
- Concorrência internacional no mercado local
- Não integração aos elos da cadeia de *fast fashion*
- Reduzida capacitação para transformação digital
- Utilização de dispositivos para comércio digital, ainda que de forma pouco profissionalizada

Tendências relevantes dos cenários

- Demanda de transformação digital e e-commerce crescendo de forma acelerada
- Reindustrialização e nova geografia da globalização
- Alterações nas relações de trabalho
- Infraestrutura de distribuição e conectividade transformadas pela integração e convergência tecnológica
- “Uberização” do mercado de trabalho

O Quadro 3 apresenta a matriz de planejamento do componente acesso a mercados, com o detalhamento de objetivos e ações.

Quadro 3 – Matriz de planejamento do componente Acesso a mercados

Estratégias	Objetivos	Ações
 	Proporcionar acesso a plataformas de e-commerce para o setor	Estudar alternativas de acesso a plataformas existentes, desenvolvimento de plataformas próprias e serviços de intermediação
	Certificação de produtos para comércio à distância	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento de protocolos de boas práticas ▪ Aplicativos de verificação de qualidade e certificação ▪ Padronização de tamanhos de peças de vestuário ▪ Padronização de classificação de insumos
	Capacitação em marketing digital Letramento digital e formação de profissionais especializados	Articulação com ensino técnico e superior para extensão em e-commerce e formação de especialistas
	Melhoria do acesso e eficiência da distribuição	Acesso subsidiado a capacitação e a serviços especializados pelas empresas
	Conhecimento e monitoramento dos mercados interno e externo	Assessoria jurídica e contábil para vendas para outras UFs e exterior acessível por aplicativo
	Promoção do acesso de micro e pequenas empresas	Acesso/desenvolvimento de aplicativos de logística inteligentes
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento de pesquisas de mercado ▪ Desenvolvimento de indicadores regionais de monitoramento dos mercados
	Consultorias subsidiadas para planejamento e adesão a sistemas de e-commerce	

Estratégias	Objetivos	Ações
<p>Promoção da produção regional no mercado interno e externo</p>  	<p>Promover a participação das empresas da região nos eventos e instâncias de comércio do setor</p> <p>Promover marcas e selos regionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> Programar, identificar, capacitar e subsidiar empresas da região para Missões comerciais e participação em eventos de moda nacionais e internacionais Promover rodadas de negócios com compradores (distribuidores, redes de varejo) Desenvolvimento de estudos e produção de materiais de referência da identidade regional para utilização para design pelas empresas Desenvolvimento de projeto para manutenção de selo setorial (por exemplo, “vestuário do Nordeste”) ou regional (“Produto do Nordeste”)
<p>Exploração de nichos de mercado</p>  	<p>Identificar nichos de mercado alinhados com vocação e perfil da região</p>	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de pesquisa de mercado de nichos, por exemplo, de produção sustentável, mais sensível a políticas de ESG, e outros, identificando atributos e mercados potenciais Planejamento executivo de ações para participação nos nichos de mercado identificados como de maior potencial (ações coletivas, mobilização do setor, estratégia de comunicação, etc.)
<p>Qualificação das feiras mais importantes para o setor</p>  	<p>Melhorar a infraestrutura de funcionamento e atendimento das feiras</p> <p>Modernizar as tecnologias de gestão e de comercialização das feiras</p>	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e elaborar um projeto de qualificação das feiras com potencial de dinamizar aglomerações regionais do setor Envolver municípios e governos estaduais no investimento necessário em infraestrutura Definir modelo e desenvolver governança de gestão e manutenção das feiras incluídas no programa Desenvolvimento/aquisição de app de promoção e e-commerce das feiras Capacitar feirantes e usuários de e-commerce para articular relacionamentos presenciais e remotos nas estratégias de comercialização das feiras Promover o cadastramento de potenciais compradores Profissionalizar a gestão de marketing das feiras, incluindo comunicação via redes sociais e outros meios conforme o setor for evoluindo
<p>Integração a elos globais da cadeia de valor da moda</p> 	<p>Inserir a região na cadeia internacional de valor da moda</p>	<ul style="list-style-type: none"> Realizar um estudo de mercado para identificar países e compradores que possam ter interesse em transferir ou implantar elos ou parte de elos da cadeia de produção de moda na região, por interesse geopolítico (reindustrialização), aproveitando condição regulada legalmente da força de trabalho, acessando insumos e base produtiva local (algodão) e incentivos e subsídios Desenhar e implementar uma estratégia de aproximação e negociação para implantação de unidades na região, incluindo elos ou etapas de produção, mas também design e desenvolvimento de produtos

Fonte: Consórcio América-Fato.

10.2. Inovação e tecnologia

A inovação e o desenvolvimento tecnológico têm sido um fator chave para o crescimento das empresas, particularmente da indústria, mesmo em setores tradicionais como o de confecções. O segmento têxtil, na área de novos materiais e processos produtivos, registra dinamismo um pouco maior em termos de tecnologia e inovação em equipamentos, processos e produtos inovadores. O setor de confecções, por sua vez, tem no design seu maior impulso de inovação.

No Brasil de maneira geral e na área de atuação da Sudene, particularmente, o investimento em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) no setor tem sido limitado e registrado declínio no período mais recente, limitando-se à renovação periódica do parque de máquinas e equipamentos, numa dinâmica incremental de inovação. É raro o desenvolvimento de novos produtos e a atualização tecnológica se dá com referência aos produtos e máquinas presentes no mercado nacional.

Esse padrão de inovação do setor é financiado, predominantemente, com recursos próprios das empresas. O financiamento oriundo de terceiros é restrito, sendo que os programas públicos e subsidiados são ainda menos acessados pelas empresas. Sem investimento em PD&I o setor aumenta o *gap* tecnológico em relação a outros países, tornando ainda mais vulnerável o mercado interno em relação à oferta internacional de produtos têxteis e de confecções.

A incorporação de novos materiais e matérias-primas é resultado da oferta do mercado, após sua consolidação a partir da liderança de empresas de outros países. Entretanto, a área de atuação da Sudene tem potencial para o desenvolvimento de design diferenciado, baseado em sua cultura regional, que inclui matérias-primas mais sustentáveis, como o algodão, em relação aos sintéticos, além de referências culturais da região do semiárido, as quais tem potencial de se diferenciar e permitir acesso a novos mercados além do regional.

A temática da inovação e da tecnologia ganha contornos mais relevantes ainda considerando os cenários futuros que apontam para uma ampla revolução, baseada em integração e convergência de novas tecnologias, com impactos amplos em toda a sociedade e, evidentemente, também no setor. A maior parte dos processos que apontam as sementes de futuro desse novo cenário ainda estão concentrados nos setores de maior tecnologia. Porém, a tendência é que mesmo os setores mais tradicionais, como o têxtil e de confecções, atualmente intensivos em força de trabalho, venham a incorporar níveis crescentes de automação. Esse processo é possível devido à hiperconectividade, alterando tanto as relações de trabalho, com o desenvolvimento e disseminação de novas formas de relação, quanto as relações com os clientes, com processos de personalização e integração da produção da cadeia têxtil e de confecções com outras na área de saúde, esportes, aplicações industriais e muitas outras.

A evolução desse cenário de aceleração dos processos de inovação com base em tecnologias integradas e convergentes, embora muito previsível como tendência, é muito incerto quanto ao tipo, ao ritmo e à abrangência das transformações que irá provocar.

Nesse sentido, é fundamental que o setor, no âmbito da área de atuação da Sudene, inicie sua jornada de inovação e acompanhe a evolução tecnológica de uma forma mais protagonista, uma vez que é possível que seja necessário um rápido reposicionamento de mercado das empresas como estratégia de resiliência frente aos desdobramentos possíveis da revolução tecnológica e de suas repercussões sociais.

Nesse sentido, oportunidades como a apontada de desenvolvimento de um design diferenciado da região como estratégia de alcançar novos mercados, invariavelmente precisaria se desenvolver dentro de um esforço de investimento em PD&I, promovendo o desenvolvimento das competências requeridas nessa área.

Contudo, a grande participação das pequenas empresas no número total de empresas do setor não é uma especificidade local, regional ou nacional. Se medido em termos de número médio de empregados, o tamanho das empresas nas economias mais desenvolvidas não difere significativamente do tamanho médio do setor no Brasil, assim como na participação do segmento das pequenas empresas no número total de empresas do setor. O que difere nas economias desenvolvidas é que a pequena empresa produz especialidades (*specialties*), enquanto nas economias em desenvolvimento a pequena empresa produz commodities, para as quais não possui escalas e capacidades competitivas adequadas. Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico e a inovação precisam ser direcionados à pequena empresa em suas reais condições de operação, sendo um fator de capacitação competitiva essencial para o seu desenvolvimento no cenário atual e de forma cada vez mais acentuada no futuro próximo.

Temas chave



- Reduzido investimento em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) no setor
- Atualização tecnológica pela aquisição de máquinas e equipamentos
- Incorporação de novos materiais e matérias-primas
- Reduzida inovação de produto
- Reduzido financiamento à inovação
- Potencial da região para desenvolvimento de design diferenciado

Tendências relevantes

- Tecnologias integradas e convergentes
- Revolução tecnológica e profundas transformações nos mercados
- Automação e alta produtividade do trabalho
- Hiperconectividade
- Realocação de atividades
- Novos modelos de negócio e relações de trabalho

O Quadro 4 apresenta a matriz de planejamento do componente inovação e tecnologia, com o detalhamento de objetivos e ações.

Quadro 4 – Matriz de planejamento do componente Inovação e tecnologia

Estratégias	Objetivos	Ações
<p>Monitoramento da evolução e aumento da resiliência aos impactos negativos da mudança tecnológica</p> 	<p>Acompanhar a evolução tecnológica e monitorar seus impactos, buscando soluções e ajustando a atuação do setor na área tecnológica ante à incerteza dos cenários</p>	<p>Organização de um comitê tecnológico setorial, com representações das empresas e da cadeia de valor do setor, centros de pesquisa e órgãos técnicos do Estado para avaliar e propor ações de desenvolvimento tecnológico, qualificação e desenvolvimento tecnológico em máquinas, equipamentos, serviços, gestão e marketing</p>
<p>Difusão e fomento tecnológico</p> 	<p>Organizar centros de inovação para aumentar a capilaridade da discussão e ações de fomento à inovação e tecnologia</p>	<p>Organizar estrutura mista (virtual e presencial) de centros de inovação setorial nos principais aglomerados do setor, promovendo a divulgação de tecnologias, a atualização tecnológica e organizando localmente ações de inovação e tecnologia</p>
	<p>Assessorar o setor na seleção e adoção de tecnologias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Subsidiar a implantação e qualificação de setores de PD&I nas empresas ▪ Organizar e qualificar fornecedores de produtos e serviços tecnológicos ▪ Subsidiar assessoria especializada para seleção e adoção de tecnologias e novos materiais ▪ Promover compras e contratações coletivas pelas empresas do setor visando baratear e tornar acessível tecnologias e serviços a todas as empresas
	<p>Capacitar o design regional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover a formação de profissionais de design na rede de ensino técnico e superior da região ▪ Subsidiar a instalação e criação de escritórios de design e startups voltados para o setor na região
<p>Promover a transformação digital do setor</p> 	<p>Aumentar a infraestrutura de conectividade do setor</p>	<p>Financiar e subsidiar a instalação de redes de conectividade nas empresas do setor para operação de equipamentos e softwares de produção, gestão e distribuição</p>
	<p>Capacitar profissionais para atuação na transformação digital do setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporcionar consultorias especializadas em transformação digital ▪ Desenvolver capacitações de empreendedores e colaboradores em transformação digital

Fonte: Consórcio América-Fato.

10.3. Investimento e financiamento

O crescimento do setor depende de um fluxo de investimento consistente e regular, para o qual a disponibilidade de recursos não é o único fator relevante. O investimento é necessário para que as empresas, ou mesmo os pequenos empreendimentos formais ou não, incrementem sua produtividade, desenvolvam e adquiram novas tecnologias, custeiem o processo de manutenção e obtenção de novos mercados. Destacado papel, conforme foi abordado no componente de inovação e tecnologia, é desempenhado pelo investimento nessa área, que agrega maior risco pelos resultados imprevisíveis dos

processos inovadores, requerendo um financiamento específico que controle e minimize esses riscos.

Além da disponibilidade de recursos para investimento, a oferta de financiamento acessível e de menor custo é necessária para que os empreendimentos gerenciem seu fluxo de caixa, superem dificuldades conjunturais e reduzam o risco financeiro de sua operação.

A implementação de investimentos e o financiamento da operação dos empreendimentos, por sua vez, requer considerável capacitação em gestão, definindo os valores a serem investidos e os melhores meios de financiá-los, promovendo uma gestão financeira segura para a operação das empresas. Entre os empreendimentos menores, particularmente, estas competências de gestão tendem a ser mais escassas, tendo em vista o reduzido quadro de colaboradores, que muitas vezes se resume ao próprio empreendedor.

Não apenas na área de atuação da Sudene, mas para as empresas de maneira geral, o crédito no Brasil tem um custo elevado e ainda é pouco acessível mesmo para as empresas que pudessem pagar pelo financiamento. Especialmente, as micro e pequenas empresas têm maior dificuldade para obtenção de financiamentos e para esse segmento, são oferecidos os serviços financeiros de maior custo, além de uma considerável burocracia para poderem ser acessados.

O investimento realizado a partir de recursos próprios das empresas atrela a capacidade de investimento à condição financeira destas, ou seja, restringindo o investimento ao próprio desempenho do setor e não o utilizando como instrumento de crescimento.

É corrente o entendimento de que é possível e necessário estimular o crescimento econômico através de programas de incentivo e subsídio de crédito para as empresas, desenvolvendo políticas específicas com essa finalidade. Entretanto, o alcance das alternativas oferecidas ainda é restrito, tanto em relação ao universo das empresas, especialmente as pequenas, quanto em relação aos resultados esperados em termos de crescimento do setor e desenvolvimento regional, particularmente na área de atuação da Sudene.

Como tendências específicas dos cenários futuros para a oferta de crédito, destacam-se as chamadas fintechs, que operam de forma digital produtos e serviços financeiros, entre os quais, crédito para as empresas, tanto os convencionais, quanto novas modalidades de empréstimos. Com a consolidação desses novos agentes financeiros, o aumento da concorrência com o sistema bancário convencional e a redução dos custos de transação para operações de crédito, espera-se que possa haver uma redução nos custos do financiamento para as empresas. O próprio financiamento público poderá se valer de plataformas digitais para reduzir as restrições burocráticas e capilarizar o acesso a programas e incentivos para as empresas.

Temas chave

- Crédito a custo elevado e pouco acessível, principalmente para micro e pequenas empresas






- Investimentos com recursos próprios das empresas, atrelados ao desempenho em termos de lucratividade
- Reduzido alcance de programas e incentivos públicos no setor
- Limitada eficácia de políticas de incentivo fiscal para o desenvolvimento regional
- Falta de políticas de crédito subsidiado
- Limitada capacitação das empresas para realização de investimento e uso de crédito

Tendências relevantes

- Fintechs oferecendo alternativas de financiamento de menor custo e burocracia
- Novas modalidades de empréstimos com base em plataformas financeiras

O Quadro 5 apresenta a matriz de planejamento do componente investimento e financiamento, com o detalhamento de objetivos e ações.

Quadro 5 – Matriz de planejamento do componente Investimento e financiamento

Estratégias	Objetivos	Ações
<p>Direcionar incentivos e subsídios a investimentos e capacitação competitiva das empresas</p> 	<p>Qualificar o apoio e subsídio ao setor para a promoção do desenvolvimento regional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atrelar progressivamente o nível de subsídio e incentivo (1) à transferência ou expansão do parque produtivo para a região (aumento do emprego); (2) ao nível de aquisição de bens e serviços na região (transbordamento regional); (3) à transferência/ instalação de áreas de PD&I (desenvolvimento da cadeia de valor local); (4) a estratégias de desenvolvimento e inovação alinhadas com a governança do setor (efetividade da governança econômica) ▪ Desenvolver tecnologias e arranjos institucionais capazes de aferir a eficácia e orientar o investimento e o crédito para o desenvolvimento do setor
<p>Promover acesso ao crédito a micro e pequenas empresas</p>  	<p>Baratear e ampliar o acesso de micro e pequenas empresas e empreendedores individuais ao crédito</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Articular programas de qualificação e certificação de micro e pequenas empresas em boas práticas de gestão ao acesso a crédito subsidiado ▪ Subsidiar crédito para transformação digital e inovação tecnológica ▪ Desenvolver plataforma setorial de cadastro positivo para redução de risco do crédito
<p>Qualificar o crédito como instrumento de capacitação competitiva regional</p>  	<p>Articular políticas de aumento do nível de aquisições de bens e serviços locais pelas grandes empresas ao financiamento e capacitação de micro e pequenas empresas</p>	<p>Desenvolvimento de programas de capacitação competitiva das micro e pequenas empresas para qualificação ao atendimento de políticas de aquisição de bens e serviços regionais pelas empresas, estimulando o desenvolvimento da cadeia de valor</p>

Fonte: Consórcio América-Fato.

10.4. Aperfeiçoamento da governança econômica

A capacitação competitiva de um setor está associada à qualidade de sua governança econômica. A competitividade das empresas está associada a fatores para os quais têm autonomia interna de decisão (gestão, inovação, produção e recursos humanos), a fatores setoriais (mercado, características do produto, organização e relação com outros elos da cadeia de valor) e também a condicionantes de natureza sistêmica (macroeconômica, político-institucional, regulatória, infraestrutural, social e internacional).

Diante da complexidade da competitividade, ganha relevância central os relacionamentos cooperativos. Dado o pequeno porte da maior parte das empresas, as relações cooperativas são fundamentais para buscar escalas de operação que viabilizem a capacitação técnica do setor em termos de acesso a serviços tecnológicos e equipamentos mais sofisticados, formação de recursos humanos e criação de canais e redes de suprimento de insumos e de distribuição de produtos.

O desenvolvimento dessas capacitações, portanto, requer a atuação integrada e articulada de um amplo elenco de instituições e organizações, o que faz com que a governança econômica eficiente seja um fator crítico para o crescimento do setor e também para seu transbordamento para o desenvolvimento regional.

Apesar de uma parcela das empresas do setor estarem aglomeradas em algumas sub-regiões e localidades, na área de atuação da Sudene uma parcela significativa do setor está dispersa ou agrupada em pequenas aglomerações. Além disso, para que as aglomerações resultem em processos de cooperação e proporcionem ganhos efetivos para as empresas é necessário que o setor se reconheça e atue de forma articulada. Contudo, a maioria das aglomerações estão em regiões metropolitanas das capitais estaduais, diluindo a visibilidade da especialização setorial no contexto metropolitano. As aglomerações não dispõem de empresas líderes, grandes empresas que possuem papel dinamizador local do setor, assim como os processos de terceirização também são limitados, concentrados nas áreas de apoio e distribuição nas grandes empresas.

A governança econômica no Brasil e na região, particularmente, é pouco desenvolvida, refletindo em um reduzido grau de cooperação entre as empresas e com fornecedores e clientes, resultando em uma cadeia de valor regional pouco desenvolvida, com pouca integração ao setor de conhecimento e sem instâncias voltadas à inovação.

Políticas para o setor, assim como o aproveitamento de oportunidades demandam aperfeiçoamento da governança econômica, a qual precisará se valer de instrumentos eficientes, ao mesmo tempo que precisa acompanhar as tendências tecnológicas que estarão impactando o setor e a sociedade de maneira geral, entre as quais a conectividade e as TICs, reduzindo a importância relativa da proximidade física dos agentes produtivos, as alterações possíveis nas relações de trabalho e as incertezas envolvidas na evolução tecnológica prevista para os cenários futuros. A grande incerteza quanto à direção, abrangência na sociedade e ritmo da revolução tecnológica, irá exigir uma governança econômica ágil, eficiente e resiliente.

Temas chave

- Aglomerações do setor concentram grande quantidade de vínculos e estabelecimentos, porém, uma parcela significativa do setor está dispersa ou em pequenas aglomerações
- A maioria das aglomerações estão em regiões metropolitanas das capitais estaduais, diluindo a especialização setorial no contexto metropolitano
- Governança econômica pouco desenvolvida, com reduzido grau de cooperação entre as empresas e com fornecedores e clientes
- Cadeia de valor regional pouco desenvolvida, com pouca integração ao setor de conhecimento e sem instâncias voltadas à inovação
- Reduzido efeito de empresas líderes com papel dinamizador local do setor
- Terceirização limitada do setor, concentrada nas áreas de apoio e distribuição nas grandes empresas
- Concentração regional como fator de visibilidade local para atração de compradores, principalmente para micro e pequenas empresas

Tendências relevantes

- Conectividade e TICs reduzem importância relativa da proximidade física dos agentes produtivos e aumentam a da presença de infraestrutura de conectividade
- Automação e sistemas tecnológicos tendem a redefinir o trabalho humano, com potenciais impactos no mercado de trabalho e distribuição das unidades produtivas
- Grande incerteza quanto à direção, abrangência na sociedade e ritmo da revolução tecnológica, exigindo uma governança econômica ágil, eficiente e resiliente

O Quadro 6 apresenta a matriz de planejamento do componente aperfeiçoamento da governança, com o detalhamento de objetivos e ações.

Quadro 6 – Matriz de planejamento do componente Aperfeiçoamento da governança

Estratégias	Objetivos	Ações
<p>Promoção da governança econômica local</p> 	<p>Qualificar a governança em aglomerados regionais com potencial para desenvolvimento de APLs, Rotas de Integração Nacional ou outros modelos de desenvolvimento cooperativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apoiar e assessorar a formação de Comitês Técnicos Setoriais locais nas principais aglomerações do setor ▪ Regulamentar a participação dos Comitês na definição de prioridades e destinação de recursos financeiros e institucionais para o setor ▪ Estimular a organização de Grupos de Trabalho voltados a estratos de tamanho das empresas e a características produtivas particulares para definição de demandas e procedimentos para acesso a políticas de financiamento especiais e a políticas de inovação e tecnologia
	<p>Instituir o Conselho Gestor e o Comitê Técnico do setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apoiar e assessorar a discussão, definição e implementação de instâncias de governança setorial, a serem definidas em conjunto com as representações do setor ▪ Regulamentar as instâncias de governança setorial atribuindo papel deliberativo, acompanhado de correspondentes responsabilidades, na alocação e nas características de subsídios e incentivos destinados ao setor ▪ Proporcionar assessoria técnica profissional através de arranjos de custeio entre as instituições participantes da governança
<p>Planejamento resiliente</p> 	<p>Capacitar o setor a desenvolver e implementar planejamentos locais e regionais efetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condicionar níveis de subsídio e incentivos ao estabelecimento de metas e compromissos assumidos pela governança local ▪ Possibilitar maior capilaridade e resiliência aos programas e incentivos permitindo ajustes, desde que planejados e monitorados de forma isenta e transparente, com a participação da governança relacionada com o setor ▪ Adequar as ações planejadas à evolução das incertezas do cenário futuro através do monitoramento e discussão com a estrutura de governança setorial
	<p>Promover a adoção de boas práticas produtivas e de gestão no setor</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver um sistema de certificação das empresas em boas práticas de produção, gestão e ESG, voltado acessível a micro e pequenas empresas, que contribua para o setor acessar mercados e promover seu desenvolvimento sustentado

Fonte: Consórcio América-Fato.

11. Modelo de governança

A proposição de um modelo de governança, neste estudo, está voltado para a implementação do plano de ações do setor. A partir da análise dos cenários atuais e futuros e da proposição das ações tendo em vista os stakeholders envolvidos, foi delineado o modelo de governança do Plano, incluindo atores relevantes e a proposição de instâncias e mecanismos de participação considerados adequados.

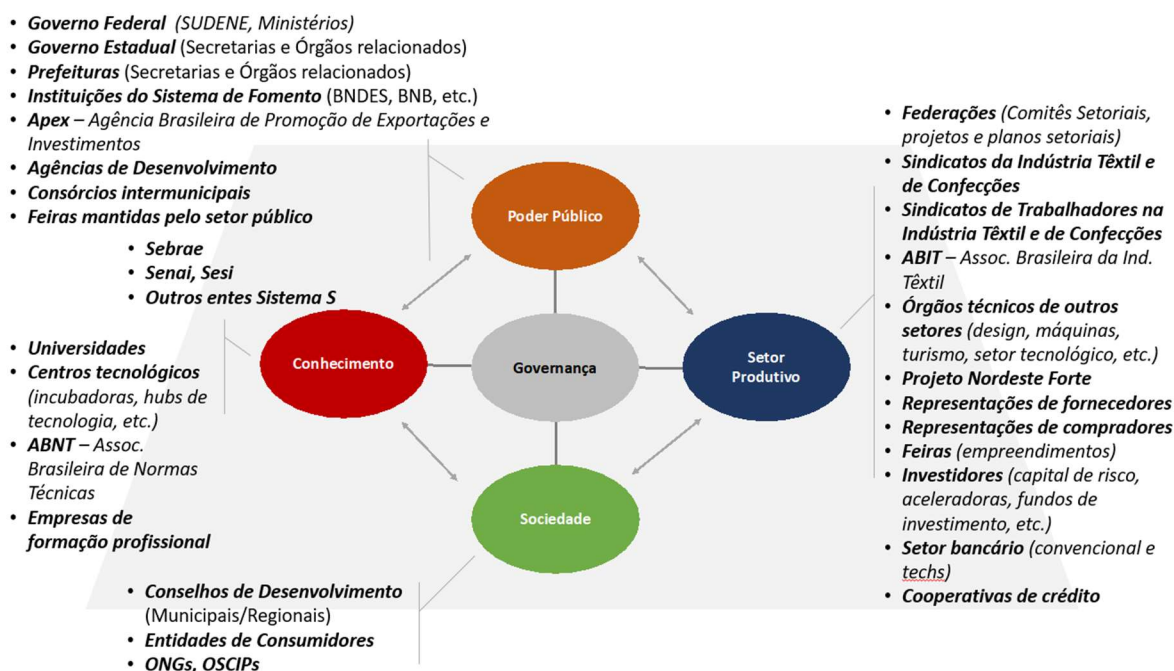
O detalhamento de metas e cronogramas para a implementação do Plano de Ações necessariamente precisa ser pactuado com a participação de todas as partes interessadas, resultando em negociações e tomadas de posição institucionais, uma vez que envolvem as instâncias representativas do setor, organizações não governamentais e os diversos níveis de governo. Nesse sentido, o próprio modelo de governança corresponde a uma proposta de encaminhamento para a construção da governança econômica do setor, sendo que a maneira concreta que o processo irá assumir depende, como não poderia deixar de ser, dos atores envolvidos.

O Programa de Ações, como não poderia deixar de ser, reúne um conjunto de estratégias e ações a serem implementadas mediante parceria entre os setores privado e público, sendo que é recomendável que participem instituições da área científica e tecnológica. De parte do setor privado, de modo geral, são as federações estaduais que representam os sindicatos de vestuário, têxtil e de confecções junto às grandes associações nacionais, destacando-se a Associação Brasileira da Indústria Têxtil, ABIT, principal organização de representação e discussão de pautas relevantes para o setor. As grandes empresas são as mais representadas nessas instituições, sendo reconhecida a limitação da representação de médias, micro e pequenas empresas.

De parte do setor público devem participar instituições das três esferas administrativas - União, Estados e Municípios, incluindo importantes elos da cadeia de valor como as instituições da área científica e tecnológica.

O Modelo de Governança aqui sugerido (Figura 33) corresponde à configuração básica da Quádrupla Hélice envolvendo a participação e responsabilidade das representações do capital social - setor produtivo, sociedade civil, setor do conhecimento e poder público. As instituições e organizações apontadas em cada representação foram selecionadas entre as principais identificadas nos estudos e levantamentos realizados, as quais certamente deverão ser mobilizadas por seus mandatos e atuação em relação ao setor. Contudo, outras instituições e organizações poderão e deverão ser mobilizadas, a depender das representações das partes interessadas efetivamente presentes nas relações de governança, seja no âmbito local, seja no regional.

Figura 33 – Estrutura de Governança para o setor Têxtil e de Confecções na área de atuação da Sudene



Fonte: Consórcio América-Fato.

A estrutura de governança proposta é apoiada por um Comitê Técnico integrado por representações dos quatro segmentos do capital social, cuja função é organizar os aspectos técnicos e organizacionais envolvidos nas discussões e decisões relacionadas à governança.

Em uma estrutura de governança efetiva, os Comitês Técnicos, geralmente com objetivos temáticos específicos, acabam desenvolvendo papel fundamental, tendo como base informações, diagnósticos e estudos, identificando e analisando benchmarkings, entre outras informações relevantes, as quais deverão sustentar a formulação de estratégias para o setor.

A operacionalidade da estrutura de governança deverá ter como premissa a objetividade e a simplificação de processos. A Figura 34 detalha o organograma operacional de uma estrutura de instâncias de coordenação de governança do setor, integrada por Conselho Gestor, Conselho Fiscal, Secretaria Executiva (Comitê Técnico) e Observatório (Ouvidoria), coordenada a partir de uma Assembleia Geral da governança.

Figura 34 – Instâncias de coordenação da Governança



Fonte: Consórcio América-Fato.

Um aspecto importante da operacionalidade da estrutura de governança é a subsidiariedade, ou seja, a premissa de que determinadas demandas sejam levadas a instâncias superiores apenas quando não puderem ser resolvidas na instância em que ocorrem, podendo ser resolvidas com custos de transação menores. Assim, por exemplo, as eventuais Câmaras Técnicas que venham a ser constituídas dentro da estrutura de governança, devem ter autonomia e responsabilidade para gerenciar potenciais conflitos e encaminhar ações, quando estas se limitarem ao âmbito de sua atuação, devendo reportar às instâncias superiores apenas os resultados alcançados.

A estrutura de governança apresentada, como recurso formal de apresentação, é definida de forma linear e em um mesmo contexto que reúne o conjunto dos stakeholders. Entretanto, considerando o princípio de subsidiariedade e a capilaridade requerida de uma governança setorial eficiente, a estrutura precisa ser pensada em diferentes contextos, níveis hierárquicos e territoriais.

A princípio, cada unidade territorial como um município que aglomere número mínimo de empresas do setor, poderia ter sua estrutura de governança nesse nível de complexidade. Entretanto, são inegáveis os custos de transação envolvidos, em grande medida, viabilizando apenas arranjos informais. Mesmo regionalmente, ao nível estadual, tal estrutura de governança pode ser exigente em custos de transação caso o setor não conte com aglomeração significativa de empresas. Ou seja, quanto mais densa for a rede de empresas e de outros atores da cadeia de valor, menores serão os custos relativos de transação. Entretanto, quanto maior for a escala de organização, mais heterogêneas tenderão a ser as demandas, assim como uma agenda mínima que mobilize o setor tenderá a ser nacional ou regional, com dificuldade para representar pautas locais.

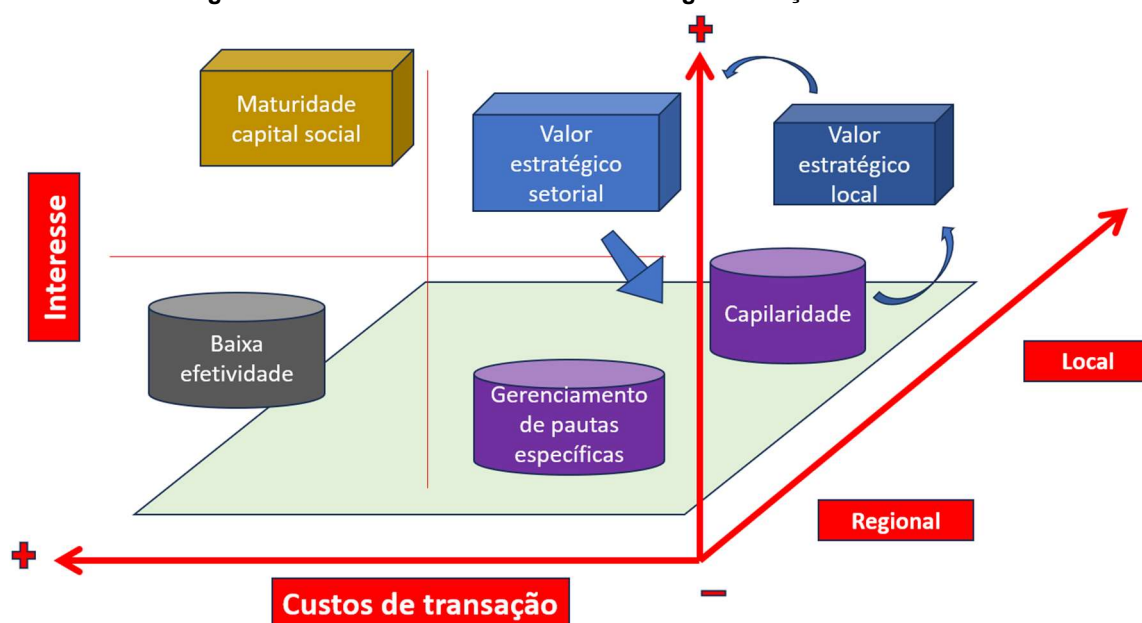
Em grande medida, conforme os achados obtidos dos estudos, o setor é homogêneo em relação às sub-regiões e em relação ao grau de aglomeração com outros empreendimentos se encontrem em uma determinada localidade. Contudo, o setor se demonstrou heterogêneo em relação, por exemplo, às demandas diferenciadas conforme os estratos de número de pessoas ocupadas.

Ou seja, a estrutura de governança precisa articular aspectos regionais e locais tendo em vista sua heterogeneidade em termos de diferenciação entre os estratos de porte das empresas ou outros fatores locais. Considerando a importância das empresas com maior número de pessoas ocupadas, tanto internamente ao setor, quanto em termos de desenvolvimento regional, é comum esse estrato ter sua pauta de demandas mais representada nas organizações setoriais, enquanto as micro e pequenas empresas, mais dispersas e com menor capacitação competitiva, em geral, tendem a não se fazerem representar adequadamente.

Um modelo de governança, portanto, precisa articular os âmbitos de atuação local e regional, minimizando os custos de transação envolvidos na implementação e operação de uma governança eficiente, tendo em vista o grau de interesse que os stakeholders têm na organização e cooperação.

Como simples ilustração da dinâmica de funcionamento requerida da governança econômica eficiente, a Figura 35 representa três eixos centrais que a governança precisa articular: a abrangência regional ou local das pautas, o grau de interesse envolvido, se constituindo no fator mobilizador central da atuação dos stakeholders numa estrutura de governança, e os custos de transação relacionados à atuação da governança. Quanto maior o interesse e menores os custos de transação, maior o valor estratégico das pautas (ou consensos mínimos) tanto setoriais, em escala regional, quanto locais, no âmbito dos municípios ou polos regionais onde o setor está instalado. O maior interesse, no caso, corresponde a estratégias que são capazes de catalisar demandas e mobilizar amplas parcelas dos stakeholders. Na medida que o acúmulo de capital social é maior, menores são os custos de transação e maiores as chances de efetividade dos propósitos para os quais a governança atua.

Figura 35 – Dinâmica de funcionamento da governança econômica



Fonte: Consórcio América-Fato.

No âmbito da maturidade do capital social é possível construir, por exemplo, o consenso da Região Nordeste como “janela de oportunidade”, como uma região com potencial de industrialização pautada em sustentabilidade ambiental, econômica e social, integrando as valências cativas locais, como o potencial de geração de energia sustentável, turismo, identidade cultural, com o alinhamento com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS.

Com suas particularidades, dificuldades e oportunidades, a trajetória da Região Nordeste depende de si mesma para impulsionar seu desenvolvimento, podendo contar com políticas redistributivas específicas, voltadas à redução de disparidades regionais.

Do ponto de vista da Governança necessária, considerando um setor industrial importante dentro do contexto regional, é necessário considerar como insumos estratégicos os seguintes aspectos:

- Promover a organização do capital social como política de desenvolvimento, fomentando processos decisórios conectados à realidade regional, ao mesmo tempo que voltados ao gerenciamento de potenciais conflitos de alocação de recursos.
- Desenvolver os instrumentos de Governança como exercício de articulação, mobilização e participação, desenvolvimento de capital social, capacidade e resiliência para gerenciar consensos e dissensos, compartilhamento de estratégias e construção de uma visão de futuro consistente.
- Direcionar a Governança para a busca de consensos mínimos, desenvolvendo seus requisitos (transparência e prestação de contas, responsabilidade), estratégia, (planos projetos, ações) e processo de participação na tomada de decisões (democracia participativa).
- Representar as diferenças entre micro e pequenas, médias e grandes empresas, incorporando-as a agendas comuns unificadoras do setor.
- Buscar diferenciar a área de atuação da Sudene como referência de Governança do capital social voltada ao desenvolvimento setorial de forma articulada ao desenvolvimento regional (modelo de governança econômica).
- Promover efetivos processos de inovação, sejam eles de produtos ou de processos de produção, de marketing e de gestão, sejam eles de articulação institucional e governança, incorporando a sustentabilidade com o papel estratégico de agregação de valor ambiental às atividades, habilitando-se a explorar os novos mercados que se abrem para a produção ambientalmente sustentável e socialmente justa.

Esse contexto traz como reflexão uma nova forma de organização, baseada em fatores como o atendimento das demandas das gerações atuais sem comprometer as necessidades das gerações futuras; a participação, articulação e mobilização cívica/comunitária; e a capacidade de organização social. Estes fatores estão inscritos, estrategicamente, como Desenvolvimento Sustentável, Capital Social e Governança para a busca e alcance do Desenvolvimento Regional.

Referências

ABDE - Associação Brasileira de Desenvolvimento. Raio X – Instituições Financeiras de Desenvolvimento da Região Nordeste. ABDE, 2022. Disponível em: https://abde.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Raio-X-IFDs-da-Regiao-Nordeste_completo.pdf . Acesso em: 15/03/2023.

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. Perfil do setor. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor> Acesso em: 25/04/2023

BCB - Banco Central do Brasil. IF.data - Dados conglomerados financeiros e instituições independente. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/ifdata/#!>. Acesso em: 05/03/2023.

BCB - Banco Central do Brasil. Relatório de Economia Bancária 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomibancaria/reb2022p.pdf>. Acesso em: 11/06/2023.

BOLIGAN, Luca Simmer Oliva; MONTANI, Norberto. O crédito a micro, pequenas e médias empresas no Brasil durante a pandemia de Covid-19 entre 2019 e 2021. Mercado de trabalho | 75 | abr. 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12010/5/BMT_75_Credito_micro.pdf. Acesso em: 11/06/2023.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 2017. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/15801Brazil_Portuguese.pdf. Acesso em: 26/09/2023.

BUARQUE, Sérgio C. em Metodologia e Técnicas de Construção de Cenários Globais e Regionais. Brasília: IPEA, 2003 (Texto para Discussão Nº. 939) 75 p. Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0939.pdf. Acesso em 13/06/2019.

COSTA, A. B.; CONTE, N. C.; CONTE, V. C. A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV). Revista Teoria e Evidência Econômica - Ano 19, n. 40, p. 9-44, jan./jun. 2013.

COSTA, Maria Izabel. Política de design para o fomento da inovação na cadeia de valor têxtil/confecção de moda. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes e Design, 2011. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design.

CRUZ, B.O.; OLIVEIRA, C.W.A.; CASTRO, C.N.; RIBEIRO, M.B.; PEREIRA, R.H.M. Uma contribuição ao debate sobre o desenvolvimento regional do Nordeste. Boletim Regional, Urbano e Ambiental | 22 | jan.-jun. 2020. Ipea. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10385/1/brua_22_ensaio_regional_artigo_1.pdf. Acesso em: 16/05/2023.

EUROMONITOR. Global apparel and footwear valued at US\$1.7 trillion in 2017, yet millions of used clothing disposed of every year. London, 2018. Disponível em: <https://www.euromonitor.com/article/global-apparel-footwear-valued-us-1-7-trillion-2017-millions-of-used-clothing-disposed-every-year> . Acesso em: 25/06/2023

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informativo da Pesquisa de Inovação 2017. PINTEC 2017. Rio de Janeiro, IBGE, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101706_informativo.pdf. Acesso em: 12/03/2023.

IEMI - Inteligência de Mercado. Brasil Têxtil 2022: Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. Apoio: Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção e Senai

IEMI - Inteligência de Mercado. Mercado Potencial de Vestuário, Meias e Acessórios. IEMI, jun. 2022. Relatório.

IPEA INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; ASSECOR ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS SERVIDORES DA CARREIRA DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO. Brasil 2035: cenários para o desenvolvimento. Brasília: IPEA, ASSECOR, 2017. 320 p. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30156 Acesso em jul/2019.

ITC - INTERNACIONAL TRADE CENTRE. Trade Map - Trade statistics for international business development. Base de dados digital. Disponível em: <https://www.trademap.org/Index.aspx>. Acesso em: 16/02/2023.

JACOB, Shenai. India's textile exporters to see 20-25% growth this fiscal: Icr eport, Business Standard, Chennai, 2021. Disponível em: <https://www.just-style.com/features/sourcings-new-order-covids-impact-on-worlds-top-three-apparel-exporters/> Acesso em: 22/05/2023

MACHADO, P. T. G. P. *Análise da estrutura de governança na produção de arroz com indicação geográfica – o arroz do litoral norte gaúcho: estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Porto Alegre, RS, Brasil, 2013.

MARCIAL, Elaine C.; PIO, Marcello José (orgs.). Megatendências mundiais 2040: contribuição para um debate de longo prazo para o Brasil. Universidade Católica de Brasília - Grupo de Pesquisa e Estudos Prospectivos (NEP-UCB). Brasília, 2023. 459 p.

MENDES JUNIOR, Biagio de Oliveira. Indústria Têxtil. Caderno Setorial ETENE. Ano 8, nº 271, fevereiro 2023. BNB Banco do Nordeste; Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/1710/1/2023_CDS_271.pdf. Acesso em: 15/06/2023.

MENDES JUNIOR, Biagio de Oliveira. Produção, comércio internacional e perspectivas para a indústria do vestuário do Brasil, Nordeste e Ceará em 2021. Caderno Setorial ETENE. Ano 6, nº 179, agosto 2021. BNB Banco do Nordeste; Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/899/1/2021_CDS_179.pdf. Acesso em: 15/06/2023.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Base de dados não identificados da RAIS Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 05/04/2023.

MORDOR INTELLIGENCE. Textile Industry - Growth, Trends, COVID-19 Impact, and Forecasts (2021 - 2026). 120 p. 2021. Disponível em: https://www.business-standard.com/article/economy-policy/india-s-textile-exporters-to-see-20-25-growth-this-fiscal-icra-eport-121081700625_1.html . Acesso em: 25/04/2023

PEREIRA, Thiago Fellipe Lima Silva. Competitividade da indústria têxtil e de confecções brasileira, nordestina e pernambucana e a concorrência chinesa entre o período de 1997 a 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Ciências Econômicas. Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/41919/1/PEREIRA%20Thiago%20Fellipe%20Lima%20Silva.pdf> Acesso em: 16/02/2023.

PEREIRA, Thiago Fellipe Lima Silva; FERREIRA, Monaliza de Oliveira. Competitividade da indústria têxtil e de confecções brasileira, nordestina e pernambucana e a concorrência chinesa entre o período de 1997 a 2017. Rev. Econ. NE, Fortaleza, v. 51, n. 1, p. 109-125, jan./mar., 2020.

SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

SEBRAE SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. DataSebrae. Base de dados. Disponível em: <https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Empresas>. Acesso em 12/08/2022.

SOUZA, Gabriel C.A.; TEIXEIRA, Josélia E. As políticas públicas de inovação com foco na indústria brasileira. Desenvolvimento em Questão. Editora Unijuí, Ano 20 - n. 58/2022. pp 1-20. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/11904/7092>. Acesso em: 11/04/2023.

SUDENE SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. Plano Regional de Desenvolvimento do Nordeste. Anexos I, II e III. Sudene: Recife, julho de 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/prdne-v-06-12-2019-v2-pdf>. Acesso em: 22/05/2023.

SUDENE SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. Documento de referência do Plano Regional de Desenvolvimento do Nordeste para o período 2024-2027. Sudene: Recife, julho de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/prdne-24-27-para-publicacao-aprovada-pela-resolucao-condel-167-de-10-08-2023.pdf>. Acesso em: 09/09/2023.

UN - United Nations. UN Comtrade Analytics. 2023. Disponível em: <https://comtrade.un.org/labs/data-explorer/#> Acesso em 16/02/2023.

UNIDO - UNITED NATIONS INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION. INDSTAT 2 2022a, ISIC Revision 3. Base de dados digital. Disponível em: <https://stat.unido.org/database/INDSTAT%20%202022,%20ISIC%20Revision%203;jsessionid=8347BD0F95750F0885E0D3EA505AD9F9>. Acesso em: 16/02/2023.